



**UNIVERSIDADE DO ALGARVE
FACULDADE DE ECONOMIA**

"ESTÁ TUDO VELHO COMO EU."

Vivências em meio urbano de Pessoas Idosas:
o caso da Vila Adentro, zona histórica da cidade de Faro

PATRÍCIA COELHO

Mestrado em Sociologia – Mobilidades e Identidades

Dissertação efetuada sob a orientação do Prof. Doutor José de São José

|2013|



**UNIVERSIDADE DO ALGARVE
FACULDADE DE ECONOMIA**

"ESTÁ TUDO VELHO COMO EU."

Vivências em meio urbano de Pessoas Idosas:
o caso da Vila Adentro, zona histórica da cidade de Faro

PATRÍCIA COELHO

Mestrado em Sociologia – Mobilidades e Identidades

Dissertação efetuada sob a orientação do Prof. Doutor José de São José

|2013|

“ESTÁ TUDO VELHO COMO EU.”

***Vivências em meio urbano de Pessoas Idosas:
o caso da Vila Adentro, zona histórica da cidade de Faro***

Mestrado em Sociologia, Mobilidades e Identidades

Declaração de Autoria do Trabalho

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

(Patrícia Marina Paulo Correia Calças Severino Coelho)

Patrícia Marina Paulo Correia Calças Severino Coelho

(assinatura)

Direitos de cópia ou Copyright

© **Copyright:** (Patrícia Marina Paulo Correia Calças Severino Coelho).

A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento deste trabalho apenas foi possível com o apoio e incentivo de várias pessoas, às quais pretendo expressar algumas palavras de agradecimento.

- Ao Professor Doutor José de São José, Orientador desta dissertação, pelo apoio e pela disponibilidade constante, pela profundidade da sua reflexão "*fenomenológica*", bem como por toda a transmissão de conhecimentos efetuada ao longo deste estudo.
- Aos meus pais, pelo apoio incondicional em todos os momentos deste percurso.
- Ao Assis, pelo carinho, pelo apoio e compreensão ao longo deste percurso.
- Ao Bernardo e ao Martim, por fazerem parte da minha vida.
- À Patrícia Afonso, pela amizade e disponibilidade na realização do trabalho de campo;
- À Jessy Cerqueira pela amizade e incentivo constantes, pela confiança demonstrada e pela ajuda disponibilizada e, ainda, por nunca ter duvidado da minha capacidade em concretizar esta pesquisa.
- Aos participantes, pela profunda generosidade em partilhar as narrativas das suas experiências vividas e que tornaram possível a efetivação deste estudo.

RESUMO

O presente estudo qualitativo tem como principal objetivo compreender em profundidade as experiências (subjetivas e/ou objetivas) das pessoas idosas que vivem numa cidade, assim como os significados associados a tais experiências. A unidade de análise selecionada para aceder à essência do fenómeno foi a Vila Adentro, situada na malha urbana e histórica da cidade de Faro. De modo a compreender melhor os diferentes aspetos deste fenómeno e a evitar os enviesamentos de uma metodologia única, foi desenvolvido uma investigação empírica multifacetada, de natureza exploratória e descritiva que articula o Método Fenomenológico de Van Manen (1994) e o Estudo de Caso, com recurso a diferentes técnicas de recolha de dados qualitativos como a Entrevista Fenomenológica, a Observação Direta e a Pesquisa e Análise Documental.

A amostra é constituída por dezasseis participantes que residem na Vila Adentro, com idades compreendidas entre os 63 e os 87 anos. Na análise das entrevistas foi utilizada a abordagem de Van Manen, identificando-se 7 (sete) constituintes essenciais da experiência: “Organização da Vida Quotidiana”, “Momentos Satisfatórios na Vida Quotidiana”, “Momentos Insatisfatórios na Vida Quotidiana”, “Sentimentos e Emoções Positivas”, “Sentimentos e Emoções Negativas”, “Propriedades Objetivas do Quotidiano Urbano” e “Propriedades Subjetivas do Quotidiano Urbano”.

Os resultados deste estudo sublinham que a experiência fenomenológica de viver numa cidade numa fase adiantada da vida é complexa, não é uma experiência meramente subjetiva e é intrinsecamente determinada pela organização da vida quotidiana dos participantes e pelo ambiente urbano. Finalmente, os resultados também sugerem que as relações entre o ambiente urbano e os estados internos parecem influenciar de forma mais positiva do que negativa a experiência quotidiana destas pessoas idosas.

Palavras-chave: Envelhecimento, Ambiente Urbano, Método Fenomenológico de Van Manen, Estudo de Caso, Triangulação, Vila Adentro (Faro)

ABSTRACT

The main goal of this qualitative study was to obtain a clearer view and understanding over the (subjective and objective) experiences of elderly people living in a city, as well as to assess the meanings linked to those experiences. The chosen unit for analysis with the purpose to illustrate intensively the essence of the phenomenon was Vila Adentro, located in Faro's historical and urban mesh.

In order to obtain a better understanding of the different aspects of this phenomenon and to avoid as much as possible the biases of using just an unique methodology, our study has developed a multi-layered empirical research, of exploratory and descriptive nature, which combines Van Manen's Phenomenological hermeneutics approach (1994) and the Case Study with the usage of different qualitative data collection techniques such as the Phenomenological Interview, Direct Observation and Documentation Analysis.

The sample consisted of sixteen participants living in Vila Adentro and aged between 63 to 87 years. The interviews assessment was performed in accordance with the guidelines provided by Van Manen which has allowed to unveil 7 (seven) essential constituents of the experience: "Daily Life Organization"; "Daily Life Satisfactory Moments"; "Daily Life Unsatisfactory Moments"; "Positive Feelings and Emotions"; "Negative Feelings and Emotions" "Objective Properties of Urban Daily Life" and "Subjective Properties of Urban Daily Life".

The results of the study underline that the phenomenological experience of living in a city while being elder is quite complex, not just a merely subjective experience, and it is intrinsically determined by the daily life organization of the participants and by the urban environment.

Furthermore, the findings also suggests that the relations between the urban environment and the internal states, seems to influence on a more positive way rather than negatively, the daily life experience of these elderly people.

Keywords: Ageing, Urban Environment, Van Manen's Phenomenological Approach, Case Study, Triangulation, Vila Adentro (Faro)

INDICE GERAL

INTRODUÇÃO.....	1
PARTE I- ENQUADRAMENTO TEÓRICO	5
1.O ENVELHECIMENTO E A VELHICE	5
1.1 O Processo de Envelhecimento.....	5
1.2 A Construção Social do Envelhecimento e da Velhice	9
1.3 Envelhecimento Bem-sucedido e Envelhecimento Ativo	9
1.4 Teorias Sociais do Envelhecimento: Desvinculação, Atividade, Continuidade e <i>Déprise</i>	11
1.5 Envelhecimento e Resiliência	12
1.6 Envelhecimento e Ambiente	13
1.7 Envelhecimento em Meio Rural e em Meio Urbano.....	15
2. O ENVELHECIMENTO EM PORTUGAL: NOVAS DINÂMICAS E DESAFIOS DEMOGRÁFICOS	17
3. ENVELHECIMENTO, URBANIZAÇÃO E OS FATORES AMBIENTAIS URBANOS	18
4. <i>AGEING IN PLACE</i> : A IMPORTÂNCIA DO AMBIENTE FÍSICO NO ENVELHECIMENTO.....	20
5. <i>PLACE IN AGEING</i> : A IMPORTÂNCIA DO AMBIENTE PSICOLÓGICO NO ENVELHECIMENTO	22
6. ESPAÇO E TEMPO NA VIDA QUOTIDIANA DOS IDOSOS.....	23
7. GLOBALIZAÇÃO, ENVELHECIMENTO E URBANIZAÇÃO	25
7.1 A Cidade e as novas formas de organização urbana	26
7.2 Polissêmias de uma paisagem urbana fragmentada	28
7.3 Globalização e Mudanças Sociais	32
PARTE II- DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO DO ESTUDO	37
1. DEFINIÇÃO DA TIPOLOGIA DO ESTUDO E DO PARADIGMA DA PESQUISA.....	37
2. A TRIANGULAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE INTEGRAÇÃO METODOLÓGICA.....	39
3. DA FENOMENOLOGIA: DA METODOLOGIA AO MÉTODO	41
3.1 O Método Fenomenológico.....	42
3.2 O Método da Fenomenologia Hermenêutica de Van Manen	44
4. O ESTUDO DE CASO	48

4.1 O Estudo de Caso como um método rigoroso de pesquisa pós-positivista: a perspectiva de Robert Yin	50
4.2 O Estudo de Caso como um modo disciplinado e qualitativo de investigação: a perspectiva de Robert Stake.....	53
5. OBJETIVOS DO ESTUDO E QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO.....	56
6. PERTINÊNCIA DO ESTUDO.....	57
7.CONTEXTUALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO CASO.....	60
7.1 Enquadramento sociodemográfico da Vila Adentro	60
7.2 Enquadramento Histórico	63
7.3 Práticas Comunitárias na Vila Adentro: Artes, Ofícios, Festas e Manifestações Culturais.....	64
8.SELECÇÃO DOS PARTICIPANTES E CRITÉRIOS DE INCLUSÃO	65
9.COLOCANDO EM PRÁTICA A <i>EPOCHE</i>	68
10.OS PROCEDIMENTOS DE RECOLHA DE DADOS	70
10.1 A Entrevista Fenomenológica: investigar a experiência tal como é vivida.....	70
10.2 O Pré-Teste	71
10.3 Considerações Éticas e Deontológicas.....	72
10.4 Preparação e Realização das Entrevistas	73
11.OUTROS INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS	74
11.1 Notas de Observação	75
11.2 Fontes Documentais.....	75
12. CRITÉRIOS DE RIGOR CIENTÍFICO: CREDIBILIDADE, TRANSFERIBILIDADE E CONFIRMABILIDADE.....	76
PARTE III- DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO DO FENÓMENO EM ESTUDO.....	77
1.CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES.....	77
2. NOTA BIOGRÁFICA DOS PARTICIPANTES.....	81
3. ANÁLISE TEMÁTICA E COMPREENSIVA DOS DADOS	82
3.1 ORGANIZAÇÃO DA VIDA QUOTIDIANA.....	83
3.2 Trabalho.....	84
3.2.1 Trabalho Remunerado	84
3.2.2 Trabalhos Manuais (não remunerados)	85
3.3 Trabalho Doméstico	86
3.4 Convívio e Lazer	87

4. MOMENTOS SATISFATÓRIOS NA VIDA QUOTIDIANA.....	88
4.1 Quando convivo com amigos e realizo outras atividades	89
4.2 Quando realizo Trabalho Doméstico.....	92
4.3 Quando realizo Trabalho Não-doméstico	93
4.4 Todos os Momentos são satisfatórios/ Não há momentos difíceis	94
5.MOMENTOS INSATISFATÓRIOS NA VIDA QUOTIDIANA	95
5.1 Quando me confronto com a falta de apoio familiar.....	96
5.2 Quando não consigo fazer as atividades (ou não consigo realizá-las como realizava no passado)	96
5.3 Quando não tenho nada para fazer	98
5.4 Quando sinto Solidão e me sinto sozinho.....	99
5.5 Quando me confronto com más condições de habitabilidade.....	100
5.5 Quando ainda lido com a pressão do Trabalho	101
6.SENTIMENTOS E EMOÇÕES	101
6.1 Sentimentos e Emoções Positivas.....	102
6.1.1 Felicidade.....	102
6.1.2 Resiliência.....	104
6.2 Sentimentos e Emoções Negativas	105
6.2.1 Tristeza	105
6.2.2 Aborrecimento.....	106
7.PROPRIEDADES OBJETIVAS E SUBJETIVAS DO QUOTIDIANO URBANO.....	107
7.1 PROPRIEDADES OBJETIVAS DO QUOTIDIANO URBANO.....	107
7.1.1 É uma zona antiga, mas está tudo diferente.....	108
7.2 PROPRIEDADES SUBJETIVAS DO QUOTIDIANO URBANO	108
7.2.1 Propriedades Positivas do Quotidiano Urbano	109
7.2.2 Ligação Afetiva ao Lugar	109
7.2.3 Enraizamento no Lugar.....	110
7.2.4 Centralidade do Lugar	112
7.2.5 Redes de Vizinhança	112
7.2.6 Segurança.....	113
7.2.7 Sossego	114
7.3 Propriedades Negativas do Quotidiano Urbano.....	115
7.3.1 Escassez de Pessoas e Serviços	115
7.3.2 Restrição Espacial	116
7.3.3 Barulho e Agitação Noturna	117
7.3.4 Isolamento	118
7.3.5 Insegurança	118
7.3.6 Falta de Estacionamento	118
7.3.7 Más Condições Habitacionais.....	119
7.3.8 Problemas com os Vizinhos.....	119
7.3.9 Trânsito, Ruído e Poluição.....	119
7.3.10 Turistificação.....	119
7.3.11 Falta de Investimento.....	120
7.4 PROPOSTAS DE RECUPERAÇÃO DO AMBIENTE URBANO	120
7.4.1 Reabilitação do Edificado e da Paisagem Urbana	120

7.4.2 Revitalização Social.....	121
8. ANÁLISE DO ESQUEMA REFLEXIVO	122
8.1 Esquema Reflexivo	123
PARTE IV – CONCLUSÕES E SUGESTÕES.....	124
1. LIMITAÇÕES DO ESTUDO.....	124
2. SUGESTÕES, IMPLICAÇÕES E CONCLUSÕES.....	124
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	130
APÊNDICE 1_ GUIÃO DE ENTREVISTA.....	141
APÊNDICE 2_ DECLARAÇÃO DA INVESTIGADORA.....	144
APÊNDICE 3_ NOTAS BIÓGRÁFICAS DOS PARTICIPANTES.....	145
APÊNDICE 4_ ANÁLISE TEMÁTICA	149
ANEXO 1_ CLASSES E FRACÇÕES DE CLASSE.....	151
ANEXO 2_ MATRIZ DE CONSTRUÇÃO DE LUGARES DE CLASSE.....	152

INDICE DE FIGURAS

Figura 1- Delimitação da Vila Adentro	62
---	----

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1- Caracterização Sociodemográfica dos Participantes.....	78
Tabela 2- Caracterização do Ambiente Físico dos Participantes.....	80
Tabela 3- Caracterização do Ambiente Físico dos Participantes.....	81
Tabela 4- Categorias Ambientais dos Participantes	128

LISTA DE ABREVIATURAS

INE (Instituto Nacional de Estatística)

OMS (Organização Mundial de Saúde)

ONU (Organização das Nações Unidas)

UE (União Europeia)

WEF (World Economic Forum)

WHO (World Health Organization)

INTRODUÇÃO

O início do séc. XXI fica assinalado por dois registos inéditos: em 2008, a maioria da população mundial vivia em cidades; e em 2015, o número de população com mais de 65 anos vai superar a população com idade igual ou inferior a 5 anos (WEF, 2012). Estes dados ilustram as duas maiores tendências demográficas contemporâneas: a urbanização e o envelhecimento, as quais estão diretamente correlacionadas e que representam, ao longo do último século, o auge do desenvolvimento humano.

Portugal é um dos países mais envelhecidos do espaço europeu e do mundo (Rosa, 2012). Num quadro de profundas mudanças sociais, demográficas, políticas, económicas e culturais, as cidades, vilas e aldeias portuguesas têm vindo a ficar, igualmente, cada vez mais envelhecidas. O envelhecimento demográfico tem sido, simultaneamente, uma causa e um efeito destas mudanças, consistindo numa condição do presente que se projeta num futuro coletivo e com carácter dificilmente reversível. Segundo os Censos 2011, a população idosa, com 65 ou mais anos, residente em Portugal é de 2,023 milhões de pessoas, o que representa cerca de 19% da população total.

As últimas projeções demográficas não vaticinam para breve mudanças do atual padrão demográfico do envelhecimento, nem qualquer desaceleração no crescimento urbano. Apesar de o projeto das *“cidades amigas dos idosos”* ter sido fortemente impulsionado pelo crescimento da população idosa, bem como pelo aumento significativo desta população nos centros urbanos, da pesquisa efetuada fica-nos a clara noção de que existem na literatura portuguesa e internacional poucos estudos realizados sobre as experiências de viver em cidades na perspetiva das pessoas idosas. Na revisão de literatura verificou-se, de igual modo, que existe uma necessidade premente de serem adotadas abordagens mais humanistas, que reconheçam os idosos como pessoas e que compreendam e valorizem as suas perspetivas em diversos domínios da vida social (Edmonson & Kondratowitz, 2009).

A revisão de literatura mais recente demonstra-nos, também, que a utilização das abordagens qualitativas tem vindo a aumentar nas pesquisas sobre o envelhecimento em fases adiantadas da vida (Leontowisch, 2012), apesar de,

ao longo dos últimos anos, terem predominado os estudos quantitativos, sobretudo na análise da relação entre a pessoa idosa e o ambiente (Gory et. al. 1985). Por outro lado, tem-se registado um crescente interesse no estudo da importância do ambiente urbano para as pessoas idosas, não só pela Gerontologia, mas também por outras áreas disciplinares, tais como a Geografia, o Design Urbano e a Saúde Pública, entre outras (Day, 2010; Ziegler & Schawaner, 2011 *apud*, Vine et. al, 2012).

Este contexto levou-nos a formular as seguintes questões: o que significa viver numa cidade nas fases mais adiantadas da vida? O que sentem, pensam e vivenciam estas pessoas idosas? Quais os sentimentos e emoções associados às suas experiências? Que propriedades constituem, na perspetiva das pessoas idosas, o quotidiano urbano? As experiências quotidianas (objetivas e/ou subjetivas) são determinadas pelo género, idade, classe social e fatores ambientais?

Ao realizar esta pesquisa temos como objetivo central compreender, em profundidade, a experiência de viver numa cidade, na perspetiva dos sujeitos que vivenciam esta situação e que, neste caso, são pessoas nas fases mais adiantadas da vida.

A presente pesquisa enquadra-se, então, no âmbito do paradigma qualitativo ou interpretativo, pois pretende ampliar a compreensão do envelhecimento como uma experiência humana, abrangente, dinâmica e enleada, em toda a sua complexidade e subjetividade, sublinhando a importância do meio envolvente onde se inscrevem os indivíduos, na qualidade de agentes dinâmicos que interagem com os elementos demográficos, físico-naturais, sociais e culturais de uma comunidade.

Tendo por base o objetivo de estudo e as questões de investigação, propomos realizar uma abordagem por triangulação que, partindo do mesmo posicionamento epistemológico, combina na mesma pesquisa empírica, o Método Fenomenológico e o Estudo de Caso, e que promete novos *insights* e elevar a fiabilidade dos resultados.

Com recurso ao Método Fenomenológico Hermenêutico de Max van Manen (1990) – no conjunto das tradições fenomenológicas, consideramos a proposta mais adequada à investigação do fenómeno em questão –, buscamos o estudo

descritivo da experiência humana vivida e interpretativo das expressões dessa mesma experiência.

A opção pelo Estudo de Caso decorre da importância do contexto natural e do propósito particularístico da investigação – a compreensão aprofundada de um caso contemporâneo – e que pode ser utilizado em vários cenários contextuais, fenomenológicos e disciplinares e ter subjacentes objetivos diversificados. A pesquisa encontra-se, deste modo, delineada como Estudo de Caso único ou holístico (Yin, 2005, Bogdan & Biklen, 1994) ou Estudo de Caso intrínseco (Stake, 1999) e como Estudo de Caso descritivo e interpretativo (Yin, 2005), pois pretende-se uma descrição densa e detalhada da realidade, com o propósito de perceber aquilo que os participantes pensam e experienciam no seu contexto natural.

Uma etapa fundamental ao planear e conduzir um Estudo de Caso consiste em definir a unidade de análise, ou seja, selecionar o caso “revelador” (Yin, 2005). A seleção incidu na Vila Adentro – zona histórica e nobre da cidade de Faro-, atendendo ao objetivo principal do estudo e às particularidades e relevância que reconhecemos a este caso para ilustrar de forma intensiva a essência do fenómeno.

A relevância científica deste estudo qualitativo reside não só na atualidade do tema, mas também no facto de poder vir a representar um contributo válido no preenchimento das diversas lacunas identificadas, indo ainda ao encontro das mais recentes tendências e necessidades verificadas neste domínio do conhecimento.

A nossa pesquisa encontra-se estruturada em quatro partes. A Parte I destina-se a apresentar um breve enquadramento teórico do estudo, uma sinopse que integra, de forma articulada, os diferentes contributos conceptuais que foram obtidos de forma heterogénea no decurso do processo de análise e interpretação dos temas encontrados.

Na Parte II são explanadas as decisões de carácter metodológico, é apresentado o tipo de estudo, o objetivo final e as questões que conduzem a investigação. É, igualmente, descrito o caso e a amostra, bem como são justificados os instrumentos de recolha e os procedimentos de análise dos dados. São, ainda, apresentados os procedimentos utilizados para garantir a

cientificidade deste estudo, bem como os aspetos éticos respeitados ao longo do desenvolvimento desta dissertação.

No Parte III é feita a descrição e interpretação do fenómeno em estudo através da análise temática interpretativa e compreensiva dos dados recolhidos e da apresentação de um esquema reflexivo e compreensivo do fenómeno.

Por fim, na IV e última parte, são apresentadas as principais conclusões e sugestões do trabalho desenvolvido que permitirão uma melhor compreensão da realidade analisada, mas que não deverão ser, contudo, consideradas definitivas e generalizáveis.

PARTE I- ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Neste capítulo, designado por enquadramento teórico, procuramos fundamentar de forma estruturada o estudo e orientar a interpretação dos resultados obtidos através de uma identificação dos temas mais relevantes para o seu equacionamento. Na perspetiva de Fortin o quadro conceptual “define a perspetiva segundo o qual o problema de investigação será abordado e coloca o estudo num contexto significativo” (2003:40).

1.0 ENVELHECIMENTO E A VELHICE

1.1 O Processo de Envelhecimento

O envelhecimento tem sido, desde sempre, objeto de reflexões pessoais, filosóficas e culturais. Contudo, foi a partir da década de 80, que na realidade se verificou uma intensificação da pesquisa na área do envelhecimento (Paúl, 2005). As preocupações com o envelhecimento começam a surgir, principalmente, com o aumento do envelhecimento demográfico e o aumento da longevidade e, conseqüentemente, com uma maior recetividade da sociedade em procurar soluções para os problemas individuais e coletivos emergentes nas áreas da saúde, educação e segurança social (Goldstein, 1999 *apud* Ferreira, 2009).

Fernandes descreve o envelhecimento demográfico como o “fenómeno resultante do aumento da proporção de pessoas com mais de 60 ou 65 anos de idade, é um processo irreversível ao longo dos próximos anos nos países industrializados” (1997:5). O crescimento da população idosa e o conseqüente envelhecimento demográfico são considerados como dos problemas mais importantes e atuais das sociedades contemporâneas.

As definições de envelhecimento e velhice são múltiplas. O envelhecimento pode ser entendido como “um processo experiencial subjetivo, que pode definir-se como a autorregulação exercida através de decisões e escolhas para a adaptação ao processo de senescência” e que da senescência resulta “ (...) um aumento da vulnerabilidade e a probabilidade de morte” (Costa, 2002:37

apud Fernandes, 2007:13). Pese embora cada definição ser mais abrangente que a outra, o envelhecimento será “ (...) sempre o processo que identifica a velhice, o de passar de um estágio evolutivo para o seguinte, arrastando sinais físicos, psicológicos e sociais que identificam a passagem dos anos” (Fernandes, 2007:14). Na opinião de Martins “O envelhecimento é um curso gradual, natural, universal, inexorável, estruturado ao longo do tempo. É um processo que resulta da interação entre fatores biológicos, psicológicos e sociais” (2009:23). O envelhecimento é um processo integrante de um desenvolvimento normal (Morais, 2001), não é uma doença, o ser humano envelhece porque vive, ou seja, porque um conjunto de modificações morfológicas, fisiológicas, bioquímicas e psicológicas foram resultantes da ação desgastante do tempo sobre os seres vivos.

Embora, não exista, ainda, uma base fisiológica, psicológica ou social que permita marcar o seu início, o envelhecimento traduz-se, segundo Berger e Mailloux-Poirier (1995), num processo multifatorial que conduz a uma deterioração fisiológica do organismo e cuja característica mais evidente é a diminuição da capacidade de adaptação do organismo face às alterações do meio ambiente.

Numa tentativa de universalizar critérios, a OMS convencionou que idoso é uma pessoa com mais de 65 anos, independentemente do sexo ou do estado de saúde. De igual modo, a ONU demarcou o início da velhice aos 65 anos nos países desenvolvidos e aos 60 anos de idade nos países em desenvolvimento. Também grande parte da literatura geriátrica e gerontológica estabelece a idade cronológica como critério para definir a pessoa idosa.

Contudo, Paúl (2005) defende que a idade cronológica, apesar de vulgarmente utilizada, não constitui um critério preciso para determinar o início da velhice, pois não é suficiente por si só para definir quando se é ou não idoso, até porque nem todas as pessoas envelhecem da mesma maneira (Berger & Mailloux-Poirier, 1995). De igual modo Fernández Ballesteros (2000) refere que qualquer classificação da velhice operada apenas com base na idade cronológica diz-nos muito pouco relativamente aos processos diferenciais de envelhecimento.

Nesta lógica, Paúl (2007) considera a existência de três tipos de idades: idade cronológica, social e psicológica, as quais podem ser maiores ou menores que

a respetiva idade cronológica, mas que ilustram as múltiplas idades de transição da vida adulta à velhice. Costa (1998), por seu turno, acrescenta a idade biológica, definida como a posição no ciclo de vida e que pode não coincidir com a idade cronológica. Fernández Ballesteros (2000) introduz o conceito idade funcional. Algumas funções do organismo diminuem de eficácia (as de natureza física, percepção e memória), outras estabilizam (a maioria das variáveis de personalidade) e outras assistem, na ausência de doenças, a um crescimento ao longo do ciclo de vida (a experiência de vida e conhecimentos adquiridos). A idade funcional constitui, deste modo, um conjunto de indicadores (capacidade funcional, tempo de reação, satisfação com a vida, amplitude das redes sociais) que permitem compreender como podem ser criadas condições para um envelhecimento satisfatório.

Alguns autores sugerem uma distinção entre uma '*terceira idade*' e uma '*quarta idade*', baseada na idade funcional e fundamentada por um de dois critérios (Baltes & Smith, 2003): o de natureza demográfico-populacional (baseado no ciclo de vida máximo da população) e o de natureza individual (cujo marco ocorrerá de forma diferenciada, caso a caso). Deste modo, a maioria dos aspetos positivos associados ao envelhecimento encontram maior expressividade na terceira idade, enquanto a transição para a quarta idade terá lugar quando o indivíduo começar a tornar-se dependente e a perder as suas capacidades e autonomia.

Tendo por base a idade cronológica, alguns gerontólogos dividem os idosos em três grupos distintos: idosos-jovens: os indivíduos entre os 60/65 e os 75 anos; idosos-idosos: os indivíduos entre os 76 e os 85 anos ou muito idosos: os indivíduos que têm mais de 85 anos (Imaginário, 2004 *apud* Martins, 2009). Por seu lado, outros especialistas subdividem em: Idoso Jovem – os indivíduos entre os 65 e os 74 anos; Idoso Médio – os indivíduos entre os 75 e os 84 anos; e, por último, o Idoso Idoso – os indivíduos com 85 e mais anos (Imaginário, 2004 *apud* Martins, 2009).

Uma das características do Envelhecimento é a sua variabilidade inter e intra-individual (Teixeira, 2010). Não se deve pensar nos idosos como um grupo homogéneo de indivíduos caracterizado por uma diminuição das capacidades vitais, dos recursos sociais e económicos, pois são muitas as formas de ser velho.

Se o Envelhecimento é normal e universal as alterações causadas por este processo desenvolvem-se a um ritmo diferente de pessoa para pessoa dependendo de uma multiplicidade de fatores, pois enquanto uns indivíduos tendem a apresentar padrões habituais de envelhecimento que traduzem as alterações típicas da idade, outros tendem a alcançar um elevado nível de funcionamento nos domínios físico, psicológico e social, em que apenas alguns sinais típicos da mudança são registados. “Neste sentido, certos idosos estão mais envelhecidos e outros parecem mais jovens” (Martins, 2009:21). Ao facto de ninguém envelhecer da mesma maneira ou ao mesmo ritmo, as autoras Berger & Mailloux-Poirier (1995) designam de envelhecimento diferencial.

A velhice é “então um processo individual e heterogéneo assim como inevitável e irreversível. As pessoas não envelhecem da mesma forma nem no mesmo espaço temporal” (Fernandes, 2007:14). Estas diferenças podem ser explicadas à luz da combinação de fatores genéticos, pessoais e ambientais (Paúl, 1991; Costa, 1998).

A velhice representa não só um período de grandes transformações no plano biológico, e psicológico, mas também nos papéis sociais, exigindo adaptação do idoso às novas condições de vida (Figueiredo, 2007). A reforma marca decisivamente a perda de papéis ativos, e implica uma diminuição de rendimentos económicos e dos contactos sociais, bem como uma maior disponibilidade de tempo livre. Diante esta nova fase da vida é importante para o idoso “reorganizar o quotidiano, descentrar a profissão e encontrar um papel que garanta a manutenção do sentido de utilidade” (Figueiredo, 2007: 55).

Têm surgido diversas teorias sobre o processo de envelhecimento (Fonseca, 2005 *apud* Rebelo, 2007; Fernandes, 2007) e muita reflexão tem sido produzida nos últimos anos, tentando explicar de forma clara porque envelhecemos e como envelhecemos. Contudo, não existe até ao momento, uma explicação única para este fenómeno, pois o envelhecimento humano é um processo multifatorial e multidimensional (Fernandes, 2007).

1.2 A Construção Social do Envelhecimento e da Velhice

É consensual entre os autores que a construção da noção de velhice se faz em termos individuais, mas também sociais e culturais (Degnen, 2007; Bengtson, Kasschau, & Ragan, 1977; García, 1999; Hareven, 1995; Veloso, 2004 *apud* Cerqueira, 2010). O envelhecimento está relacionado não só com as alterações biológicas e psicológicas nos indivíduos, mas também com os padrões da sociedade e a forma como esta percebe a passagem do tempo. É por este motivo, que na maioria da população dos países em vias de desenvolvimento, outras variáveis para além da idade cronológica são consideradas na definição de velhice: o estatuto procedente da experiência de vida, a perda de papéis devido ao declínio físico ou a cessação da participação ativa (Cerqueira, 2010). A expressão “*terceira idade*” surgiu em França na década de 60 do séc. XX e, inicialmente, começou por ser utilizada para assinalar a entrada dos indivíduos na reforma. O ciclo de vida do indivíduo encontrava-se, então, estruturado por três fases: a infância ou 1.^a idade; a fase adulta; e por último, a “*terceira idade*” ou velhice. À medida que a esperança média de vida aumenta, esta categorização deixa, progressivamente, de fazer qualquer sentido. Muitos autores remetem, então, a “*terceira idade*” para um patamar intermédio entre a fase adulta e a velhice, uma etapa de transição, marcada pela entrada na reforma e pelo desligamento da vida profissional. Por sua vez, começa a ser feita referência à existência de uma “*quarta idade*”, à qual a velhice está associada, sendo que esta nova categoria fica, assim, restrita às idades mais avançadas dos indivíduos.

1.3 Envelhecimento Bem-sucedido e Envelhecimento Ativo

A grande maioria dos trabalhos que têm vindo a ser desenvolvidos têm focado essencialmente as questões inerentes às perdas e défices nos idosos (Sequeira & Silva, 2002), bem como a velhice bem-sucedida, vista como uma conquista e responsabilidade individual (Goldstein, 1999, *apud* Ferreira, 2009). A visão mais pessimista tem vindo a ser substituída por uma orientação mais realista e construtiva, que considera o envelhecimento um processo não

uniforme, o designado “envelhecimento positivo” ou “envelhecimento bem-sucedido”. Embora possa ser encontrada uma considerável reflexão teórica sobre o constructo de *Sucessfull Aging*¹, não existe, todavia, uma definição consensual ou critérios consensuais, sobre o que, de facto, pode constituir o envelhecimento bem-sucedido (Glass, 2003, Depp, Jeste, 2006).

Segundo o modelo multidimensional e positivo de Rowe & Kahn (1997), o envelhecimento bem-sucedido implica três componentes: o evitamento de doença e de incapacidade; a maximização das funções cognitivas e físicas; e por fim, o envolvimento/compromisso com a vida, ou seja, a manutenção de atividades produtivas, de utilidade social e de relacionamentos interpessoais.

Em contrapartida, Baltes & Baltes (1990) entendem o envelhecimento bem-sucedido como um processo adaptativo que, através de uma estratégia de otimização seletiva com compensação, permite ao idoso gerir o balanço de perdas e ganhos inerentes a esta fase da vida e, deste modo, maximizar de forma ativa e idiossincrática, o alcance das metas pessoais num contexto de inevitável redução das suas capacidades funcionais. Este meta-modelo evita uma visão unilateral do envelhecimento, pela negativa ou pela positiva, e ao não acentuar o declínio ou o crescimento, mas sim uma noção de balanço de ganhos contra perdas (Baltes, Carstensen, 1996), coloca de forma explícita o envelhecimento no quadro de um processo dinâmico, de desenvolvimento no curso da vida dos indivíduos

A OMS adotou, por sua vez, a terminologia de “envelhecimento ativo” e descreve-o como “um processo de otimização das oportunidades para a saúde, participação e segurança no sentido de promoção da qualidade de vida à medida que as pessoas envelhecem” (OMS, 2002:12). Este modelo procura entender o envelhecimento sob uma perspetiva global, valorizando os seus aspetos biológicos, psicológicos e sociais (Fonseca, 2005), bem como salienta a necessidade de serem delineadas políticas de intervenção que promovam um envelhecimento ativo e que deverão ser consideradas para o efeito, as diferenças individuais, culturais e de género. Os três pilares deste conceito são a participação social, a segurança e a saúde (Paúl, 2005).

¹ Envelhecimento bem-sucedido (tradução livre)

Denota-se uma mudança de paradigma quando comparamos esta definição com a avançada pela OCDE. Segundo esta organização, o envelhecimento ativo pode ser entendido como “a capacidade de as pessoas que avançam em idade levarem uma vida produtiva na sociedade e na economia (...)” (OCDE, 1998: 92 *apud* Cabral et. al, 2013:13). São José & Teixeira concluíram, ao terem efetuado uma análise crítica das concepções de Envelhecimento Ativo ², que a OMS apresenta a concepção mais interessante e com maiores potencialidades, sendo “solidária, multidimensional, humanista e sensível aos contextos de vida” enquanto a da OCDE é, num polo oposto, “individualista e tendencialmente economicista” (2013:23).

1.4 Teorias Sociais do Envelhecimento: Desvinculação, Atividade, Continuidade e *Déprise*

A Teoria da Desvinculação (*disengagement*) – proposta teórica assente na perspetiva funcionalista de Talcott Parsons –, foi desenvolvida nos anos 60 por Cumming & Henry, e sustenta que a desvinculação do indivíduo da sociedade ocorre ao longo do processo de envelhecimento, traduzindo-se numa diminuição dos papéis sociais desempenhados pelos indivíduos, no declínio da interação social e na alteração das relações centradas na solidariedade funcional (Caradec, 2010). Esta proposta teórica contribuiu para o aparecimento de inúmeras políticas sociais, mas também foi alvo de várias críticas justificadas, muitas delas, pela exclusão dos idosos do mercado de trabalho (Caradec, 2010).

A Teoria da Atividade (Havinghurst, 1961) surge por oposição à Teoria da Desvinculação e pressupõe que a manutenção de atividades e papéis sociais nas fases adiantadas da vida permite ao idoso obter níveis mais elevados de bem-estar e qualidade de vida. Foi, de igual modo, objeto de críticas por homogeneizar a população idosa, de ser irrealista no que diz respeito aos grupos etários mais avançados e por menosprezar as desigualdades de oportunidades e recursos (Walker, 2002).

² A análise dos autores incidiu sobre as definições de Envelhecimento Ativo de três organizações supranacionais: OMS, OCDE e UE.

Por outro lado, a Teoria da Continuidade sugere que o envelhecimento é um prolongamento da nossa existência e não um período final. Segundo Neugarten (1968 *apud* Fernandes, 2007), o idoso mantém os seus hábitos, as suas preferências, experiências e compromissos adquiridos e elaborados durante a sua vida. Esta teoria reconhece que nas fases mais adiantadas da vida existem processos de ajustamento e adaptação. Contudo, não está, igualmente, livre de críticas, sendo acusada de menosprezar as estruturas de diversidade social e a heterogeneidade dos padrões de envelhecimento (Bowling, 2008).

Nos anos 80 do séc. XX, surge o conceito de *déprise*, um conceito analítico, usado numa abordagem abrangente para o avançar da idade (Caradec, 2010). Este conceito constitui um “processus de reamenagement de l’existence qui se produit au fur et à mesure que les personnes qui vieillissent font face à des circonstances nouvelles telles que des déficiences physiques croissantes, une fatigue plus pesante, ou encore de moindres sollicitations d’autrui” (Caradec, 2010:94). No fundo, trata-se de uma adaptação às mudanças que vão acontecendo ao longo do envelhecimento, não só ao nível da saúde, como no nível psicológico e social.

Contrariamente à desvinculação, na *déprise* as atividades são substituídas por outras que requerem menor esforço. São José & Teixeira (2013) sugerem que as formulações mais realistas do Envelhecimento Ativo podem ser suportadas pela proposta teórica de Caradec (2010), autor que define um quadro conceptual que permite abordar o envelhecimento como um desafio (*epreuve*). Este desafio consiste na tensão entre “*desligar-se*” do mundo e “*manter-se*” ligado ao mundo. A *déprise*³ é, então, um processo de natureza dual, de reorganização de atividades, e também o resultado deste processo, o qual se traduz num decréscimo tendencial de realização de atividades.

1.5 Envelhecimento e Resiliência

Hansen-Kyle (2005) apresenta um modelo que perspetiva o envelhecimento bem-sucedido como uma consequência de um envelhecimento saudável,

³ Reorganização de Atividades (tradução livre)

baseado nos antecedentes de Adaptação, Compensação e Resiliência do idoso. Os primeiros componentes, a Adaptação e a Compensação conduzem à Resiliência, compreendida como a capacidade do idoso adaptar-se perante as diferentes situações ou circunstâncias de vida. Estes três componentes constituem os antecedentes do processo de um envelhecimento saudável.

Constructo de natureza multidimensional e oriundo do campo da Física, recentemente resgatado pelas Ciências Sociais, a Resiliência pode ser considerada como “dynamic process of maintaining positive adaptation an effective coping strategies in face of adversity” (Luthar et. al, 2000 *apud* Allen et. al 2011: 1) ou pelo contrário, caracterizada “as an individual difference, characteristic or ability to successfully cope with change or misfortune” (Wagnild & Young *apud* Allen et. al 2011: 2). Na perspetiva de Laranjeira (2007) a Resiliência apresenta-se como um processo paradoxal, no qual existe um confronto com um trauma, o que por sua vez gera um processo criativo, contribuindo para o crescimento pessoal do individuo.

Noronha et. al (2009) caracterizam a Resiliência no envelhecimento, como a capacidade de resposta positiva do ser humano às situações da vida quotidiana, o resultado de uma competência individual que se estabelece em interação com o ambiente familiar, social e cultural onde o idoso se insere.

1.6 Envelhecimento e Ambiente

O ambiente desempenha, pois, um papel muito influente na velhice (Figueiredo, 2007). Birren (1995 *apud* Fernandes, 2007) considera que envelhecimento é um processo ecológico, nomeadamente, uma interação entre um organismo com um determinado património genético e diversos meios físicos e sociais. Paúl (1996, *apud* Fonseca, 2005) sustenta que o conceito de envelhecimento bem-sucedido só faz sentido numa perspetiva ecológica, visando o individuo no seu contexto sociocultural, integrando a sua vida atual e passada, ponderando uma dinâmica de forças entre as pressões ambientais e as suas capacidades adaptativas, dando o devido relevo ao “sentir subjetivo de cada individuo, completamente idiossincrático, que se compreende à luz da construção da história de cada um”.

O modelo ecológico da competência ou modelo ecológico do envelhecimento foi desenvolvido originalmente por Lawton e Nahemow, nos anos 70 do séc. XX. e é descrito como “(...) by far, the most referenced, interpreted, and applied theoretical framework” (Golant, 2003. 640). Continua a ser, há mais de trinta anos, o modelo dominante na Gerontologia Ambiental e os seus contributos conceptuais, pela sua relevância e flexibilidade, podem ser aplicados em outros domínios do conhecimento, como a Antropologia, Geografia, Psicologia, Gerontologia, entre outros. De igual modo, tem funcionado de forma bastante satisfatória no desenvolvimento de pesquisas qualitativas, apesar de ter sido, inicialmente, concebido como um modelo quantitativo (Rowles, 1978; Rubinstein, 1986,1988; Peace et. al, 2003 *apud* Smith 2009).

O modelo ecológico da competência ou modelo ecológico do envelhecimento propõe explicar os resultados de adaptação dos idosos relativamente aos seus ambientes privilegiando, justamente, o conceito de competência definida como o limite teoricamente superior da capacidade do indivíduo para funcionar nas áreas da saúde biológica, a sensação-percepção, a conduta motora, e a cognição. (Lawton, 1982). Da mesma forma, define a pressão ambiental como sendo o grau de exigência do ambiente sobre o indivíduo, o qual determina a qualidade positiva ou negativa da interação. O modelo postula que o comportamento é uma função da competência do indivíduo e da pressão ambiental. Caso a pressão ambiental seja excessiva face ao nível de competência do idoso, o resultado será o *stress* do mesmo e os seus efeitos negativos. Em situações contrárias, em que a pressão ambiental é fraca, a competência do indivíduo diminui devido à falta de prática e estímulo. Lawton considera que ambiente mais favorável será aquele cujo nível de exigência se situe no limite do máximo nível de competência (Izal & Fernández-Ballesteros,1990).

O modelo ecológico de Lawton (1983, 1989 *apud* Sequeira e Silva, 2002; Fonseca, 2005) defende, assim, que o comportamento é transaccional e que apenas pode ser entendido em função das variáveis presentes, só sendo inteligível na dinâmica das relações pessoa/ambiente. Este modelo possibilitou conhecimentos que permitem afirmar que o contexto de residência tem um papel fundamental na compreensão do Envelhecimento e no esclarecimento do porquê de se alcançar (ou não) um envelhecimento bem-sucedido.

Gubrium (1972 *apud* Paúl, 1991) considera um modelo socio-ambiental que se baseia na congruência entre as capacidades do indivíduo e as exigências de atividade que o meio lhe coloca. Também são de assinalar os contributos provenientes dos modelos de (Kahana et al. 1975, 1980; Kiyaks 1978 e Nehrke et al. 1981, *apud* Paúl, 1991) que visam uma adaptação ótima, suportada na relação entre as características reais e/ou subjetivas do meio ambiente e da pessoa idosa.

Por seu turno, Gary Moore (1986 *apud* Machado, 1994) sustenta uma leitura transaccional do fenómeno social do envelhecimento, em que se verifica uma interdependência entre, por um lado, o meio físico e social, e por outro, entre as condições de vida da população idosa e as expressões comportamentais. Herdeira de uma visão fenomenológica, a perspectiva transaccional postula a impossibilidade de definir isoladamente o meio físico e social, quer os indivíduos e os seus grupos de pertença, constituindo-se ambos como uma única unidade de análise.

1.7 Envelhecimento em Meio Rural e em Meio Urbano

À medida que a pessoa envelhece, a capacidade de adaptação diminui, as competências, o comportamento e os afetos vão sendo cada vez mais influenciados por agentes externos ao indivíduo (Lawton, 1983 *apud* Sequeira e Silva, 2002) ou seja, o idoso fica mais sensível ao meio ambiente, que se afigura um determinante na promoção do bem-estar e da sua qualidade de vida.

Lawton (1983 *apud* por Fonseca, 2005) sustenta que, de uma maneira global, o ambiente rural fomenta menos pressão sobre os idosos. Sequeira e Silva (2002) concluíram num estudo sobre o bem-estar de um grupo de residentes em meio rural, que os meios rurais são contextos privilegiados de envelhecimento e que os idosos rurais são mais ativos, mais autónomos e têm maior suporte social. Melo e Neto (2003 *apud* Teixeira, 2010) referem, ainda, que no ambiente rural o idoso possui um nível de vida melhor, com maior bem-estar e menores carências. Fonseca (2005) argumenta que nas cidades, as

redes sociais e o suporte social dos idosos são frágeis e insuficientes, o que pode traduzir-se numa diminuição da qualidade de vida.

Num estudo comparativo sobre a qualidade de vida e suporte social com idosos do meio rural e do meio urbano, Lopes (2004, *apud* Ferreira, 2009) observou que no meio rural a percepção de suporte social recebido era maior que no meio urbano. Similarmente, Fonseca, Paúl, Martin e Amado (2005) verificaram a mesma situação ao compararem as subamostras rural e urbana, observando, igualmente, que os idosos de meio rural têm uma rede mais alargada de familiares e amigos e que vivem em maior consonância com o ambiente do que os idosos urbanos. Acrescentam os autores que no meio rural a intimidade tende a ser mais intensa que no meio urbano e isto poderá repercutir-se no bem-estar psicológico do idoso. Neste mesmo estudo, verificaram ainda que, os idosos rurais manifestam um nível de autonomia superior, o que poderá estar associado à vida mais ativa que estes levam na pequena agricultura e criação de animais.

Num estudo realizado por Fonseca, Paúl, Martin e Amado (2003, *apud* Fonseca, 2005) em que procuraram analisar os efeitos do contexto de residência no envelhecimento bem-sucedido, após a análise de todos os dados obtidos, atribuíram aos idosos rurais uma condição superior face ao envelhecimento bem-sucedido e constataram que as atitudes face ao envelhecimento são significativamente mais negativas nos idosos urbanos. Sequeira e Silva (2002) sugerem que a grande desigualdade entre o meio rural e urbano reside na presença da atividade agrícola junto das pessoas mais idosas no meio rural, a qual permite aos idosos uma participação ativa na comunidade, sustentando os sentimentos de competência e de utilidade, tão essenciais à promoção da satisfação de vida.

Apesar do Envelhecimento ser acompanhado por alterações a diferentes níveis, quaisquer dos défices físicos, psicológicos e sociais podem ser atenuados ou agravados pelo contexto sociocultural (mais do que a idade) em que o idoso se inscreve (Sequeira & Silva, 2002), ou seja, dependendo das características de cada indivíduo, as variáveis ambientais podem atuar quer como barreiras, quer como facilitadoras de certos comportamentos (Teixeira, 2010). Contudo, o Envelhecimento também influencia o contexto social, uma

vez que o idoso com as suas características e experiências leva a uma determinada atuação da sociedade (Pinho, 2005 *apud* Ferreira, 2009).

2. O ENVELHECIMENTO EM PORTUGAL: NOVAS DINÂMICAS E DESAFIOS DEMOGRÁFICOS

Nos últimos cinquenta anos registou-se em vários países uma alteração demográfica significativa através do aumento da proporção das pessoas idosas nas suas populações e uma diminuição das pessoas mais jovens. Como Harper & Leeson retratam“(...) it makes the 20th century the last century of youth, the 21st century the first of population maturity” (2008:1). A passagem de um modelo demográfico de elevada fecundidade e mortalidade para um modelo em que ambos os fenómenos atingem níveis baixos (redução dos efetivos populacionais jovens e acréscimo de efetivos populacionais idosos) ocorreu em todos os países industrializados e regista-se, atualmente, com maior expressividade nos países em desenvolvimento (INE, 2002). “De facto, um melhoramento global das condições de vida, ao nível do saneamento, infraestruturas básicas, saúde e medicina, a evolução de novos padrões de vida nas sociedades mais desenvolvidas são fatores que estão na base desta mudança demográfica” (Teles, 2008:11).

A população portuguesa sofreu, nas últimas cinco décadas e à semelhança de outros países ocidentais e desenvolvidos, profundas alterações demográficas, com um aumento notório da proporção de pessoas idosas na população total, em detrimento da população jovem e/ou da população em idade ativa, traduzindo-se num incremento de 140% da população idosa no período entre 1960 e 2001 (INE, 2011).

“Partindo de uma população menos envelhecida do que a média da UE 27 ainda nos anos 80, Portugal é atualmente, um dos países mais envelhecidos do espaço europeu e, como tal, do mundo” (Rosa, 2012:27). Em 2010, o *ranking* de países mais envelhecidos do mundo era liderado pelo Japão (22,6% de habitantes com 65 ou + anos), sendo o 6.º lugar ocupado por Portugal com 17, 9% (Population Reference Bureau, 2010).

Em Portugal, o Índice de Envelhecimento ⁴ aumentou de cerca de 27,3 idosos por cada 100 jovens em 1960 para cerca de 129 idosos por cada 100 jovens em 2011 (INE, 2011). Projeções de população sustentam que em Portugal, a tendência de envelhecimento demográfico manter-se-á, prevendo-se que em 2060, residam no território nacional aproximadamente quase 3 idosos por cada jovem (INE, 2009).

Com a acentuação do envelhecimento da estrutura demográfica, acima dos valores médios da Europa do Sul e do mundo, Portugal arrisca-se a uma descontinuidade geracional com consequências sociais graves e sem precedentes na sua história secular (Machado, 2012). O risco de descontinuidade geracional elevada ou mesmo severa (o que conduz ao isolamento social e individual extremo das pessoas idosas), à escala das unidades de vizinhança (quarteirões urbanos e pequenos lugares em meio rural), que se verifica no território português apela a um debate e reflexão urgente sobre o conceito político de coesão social (Machado, 2012).

Segundo os dados mais recentes disponibilizados pelo INE, a população idosa, com 65 ou mais anos, residente em Portugal é de 2,023 milhões de pessoas, o que representa cerca de 19% da população total (INE, 2011) Assistiu-se a um aumento da proporção idosa na população total, sendo que em 2007, este valor era de 17,1% (INE, 2007) Na última década, o número de idosos em Portugal cresceu cerca de 19%, sendo que a região do Algarve regista 4,4% dos idosos residentes no país (INE, 2011).

3. ENVELHECIMENTO, URBANIZAÇÃO E OS FATORES AMBIENTAIS URBANOS

O início do séc. XXI fica assinalado por dois registos inéditos: em 2008, a maioria da população mundial vivia em cidades; e em 2015, o número de população com mais de 65 anos vai superar a população com idade igual ou inferior a 5 anos (WEF, 2012). Segundo estimativas da OMS (OMS, 2012) em 2030, 6 em cada 10 pessoas viverão numa cidade, sendo que em 2050 esta

⁴ Relação entre a população idosa e a população jovem, definida habitualmente como o quociente entre o número de pessoas com 65 ou mais anos e o número de pessoas com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos (expressa habitualmente por 100 (10²) pessoas dos 0 aos 14 anos).

proporção irá aumentar de 7 para 10. Este crescimento tem sido particularmente intenso, se tivermos presente que no século passado, apenas 2 em 10 pessoas viviam numa área urbana. Segundo os dados mais recentes do Eurostat (2011), 68 % da população da UE vive em áreas urbanas. “More older people than ever before are founded to live in urban areas and this is expected to increase in the coming years (UN, 2003; Rodwin & Gusmano, 2006 *apud* Smith, 2009:38).

Estes dados ilustram as duas das maiores tendências demográficas contemporâneas: a Urbanização e o Envelhecimento, as quais estão diretamente correlacionadas e que representam, ao longo do último século, o ápice do desenvolvimento humano. As profundas alterações operadas no último quartel do séc. XX deram origem a um contexto urbano heterogêneo e complexo, caracterizado pelo envelhecimento demográfico e pela desertificação das áreas centrais e, ainda, pelo aumento explosivo da população que foi ocupando progressivamente as periferias das grandes cidades.

Estas transformações promoveram, de igual modo, uma enorme diversidade no contexto socioeconómico e cultural das cidades, abrindo o leque de oportunidades para os idosos, sobretudo, entre aqueles com capacidade financeira e apresentando um bom estado de saúde, (Phillipson, 2007 *apud* Smith, 2009), quando comparado com a população idosa dos meios rurais (Laws, 1993; Gitlin, 2007 *apud* Smith, 2009).

Nas últimas décadas, a OMS tem revelado um interesse crescente no estudo dos fatores ambientais urbanos que contribuem para o envelhecimento bem sucedido, designadamente, aqueles que ajudam a caracterizar uma “*Global Age Friendly City*”, uma cidade que promove “(...) active ageing by optimizing opportunity for health, participation and security in order to enhance quality of life as people age “ (WHO, 2007:1 *apud* Smith, 2009:40). Esta organização recomenda “*tornar as cidades amigas dos idosos*”, como uma das abordagens mais eficazes para responder ao envelhecimento demográfico, enfatizando desta forma a importância dos ambientes de vida no envelhecimento ativo, com particular destaque para o ambiente urbano.

Por outro lado, a pesquisa empírica tem, de igual modo, procedido à identificação de um conjunto de riscos ambientais urbanos, os quais provocam

situações de *stress* e desconforto na vida quotidiana dos idosos que vivem em cidade, tais como a poluição ambiental e sonora e a sobrelotação dos espaços (Phillips et al., 2005) e que tendem a obstaculizar e a desafiar um envelhecimento bem-sucedido.

Os riscos ambientais associados aos meios urbanos adquirem maior expressividade quando os idosos habitam em áreas desfavorecidas e deprimidas, com problemas de desemprego elevado, tráfico de droga e toxicodependência, fraca cobertura de transportes públicos, pobreza e baixos rendimentos, falta de oferta de habitação, taxas elevadas de morbilidade e mortalidade, falta de comércio local, grande rotatividade de população, atos de vandalismo, crime e sentimentos de insegurança (Hatfield, 1997; SEU, 1998; Gordon & Townsend, 2000; Langlois & Kithche, 2001; Johnson et. al., 2005 *apud* Smith, 2009). Várias pesquisas procuraram analisar a situação da população idosa neste tipo específico de contexto urbano (Townsend, 1957; Corcoran, 2002, Scharf et. al, 2002 a, 2002b, 2005 *apud* Smith, 2009). Contudo, o conhecimento sobre a experiência de vida dos idosos que vivem em áreas urbanas com estas características, bem como o impacto na sua qualidade de vida, ainda é muito limitado. Scharf et al. (2002 a, 2002 b, 2003 a, 2005 *apud* Smith, 2009) conduziram um estudo sobre a exclusão social e a qualidade de vida em pessoas com 65 ou mais anos residentes em áreas desfavorecidas em três cidades do Reino Unido. Os resultados demonstraram que os idosos encontravam-se em situação de carência de um ou mais recursos, que apenas lhes permitiam satisfazer as necessidades básicas, o que lhes causava um impacto bastante significativo na sua qualidade de vida.

4. AGEING IN PLACE: A IMPORTÂNCIA DO AMBIENTE FÍSICO NO ENVELHECIMENTO

Pesquisas recentes revelam que o bem-estar nas fases avançadas da vida está intimamente associado ao ambiente físico, o qual é um importante mediador nas experiências de envelhecimento e oportunidades da população envelhecida (Liu et. al, 2009 *apud* Burton et. al, 2011)

*Ageing in place*⁵ declara-se como uma política assente na compreensão do conjunto de mudanças que ocorrem no envelhecimento e no seu ambiente envolvente e que privilegia a manutenção da pessoa no seu meio natural⁶ como meio preferencial de vida (Pynoos, 2001; Pynoos, Caraviello e Cicero, 2009 *apud* Martin et. al 2012). Também pode ser definida como “remaining living in the community, with some level of independence, rather than is residential care “(Davey, Nana, de Joux & Arcus, 2004: 133 *apud* Wiles et al., 2011:1). Segundo Pastalan (1990), pode ser considerada como a capacidade da pessoa idosa permanecer na sua própria residência, mesmo quando confrontada com a necessidade crescente de apoio por mudanças de vida, como o declínio da saúde, a viuvez ou a perda de rendimentos.

Esta política de envelhecimento destaca-se pela sua multidimensionalidade e complexidade, pondera a situação socioeconómica do idoso, as suas preferências e as condições de habitabilidade, entre outras variáveis e pode ser analisada à luz de vários modelos teóricos, incluindo o modelo ecológico.

A habitação assume-se como espaço doméstico privilegiado dos idosos, pelo consequente aumento do tempo de permanência e uso da habitação (Daré, 2010 *apud* Martin et. al, 2012). A utilização do espaço doméstico como espaço singular para o envelhecimento pode reduzir os elevados encargos financeiros prestados pelos cuidados institucionalizados e, segundo a literatura especializada, facilita o processo de envelhecimento, pois o idoso permanece no seu domicílio. Neste sentido, Rowles (1993) defende que “(...) older people, particular as they go frail, are able to remain more independent, by and benefit from, ageing in environment to which they are accustomed” (1993:65). Este ambiente físico parece ter um impacto positivo na mobilidade, independência e qualidade de vida da população idosa (Gilroy, 2008 *apud* Burton et. al, 2011), bem como nas relações sociais, incluindo amigos e família (Callahan, 1993; Keeling, 1999; Lawler, 2001 *apud* Wiles et al. 2011).

A familiaridade com o ambiente físico onde se vive permite compensar o declínio das capacidades sensoriais e da mobilidade que se verifica à medida que se envelhece, permitindo aos residentes continuarem a deslocar-se com

⁵ Envelhecimento em contexto (tradução livre)

⁶ O meio natural pode ser entendido, não só como a habitação própria, mas, de igual modo, englobar a vivência de outras situações estruturadas na comunidade.

autonomia e confiança por espaços que já conhecem, permitindo a manutenção de um sentido de competência no domínio do lugar (Smith, 2009). Esta ligação física permite, igualmente, aos idosos lidar de forma mais facilitada com a restrição espacial, bem como controlar os seus *deficits* físicos e psicológicos.

5. PLACE IN AGEING: A IMPORTÂNCIA DO AMBIENTE PSICOLÓGICO NO ENVELHECIMENTO

O “lugar” não é um conceito neutro e remete-nos tanto para a relação que se estabelece entre a pessoa e o ambiente físico, como desperta sentimentos de pertença, o estabelecimento de uma ligação entre o indivíduo e o seu passado, presente e futuro (Ponzetti, 2003). O conjunto das interações quotidianas que acontecem nesse espaço habitado é responsável por aquilo que vários autores têm designado por *Place attachment*⁷ (Low & Altman, 1992; Milligan, 1998; Speller, 2005 *apud* Fonseca et. al, 2008). Low & Altman (1992) definem-no como “an affective bond between people and places” (*apud*, Manzo & Perkins, 2006:337) e em muitos estudos, tem sido correlacionado com o tempo de residência dos indivíduos num determinado lugar (Ahlbrancht, 1984; Kasanda & Janowitz, 1974 e Taylor, 1996 *apud* Manzo & Perkins, 2006). Este conceito tem sido, de igual modo, associado às iniciativas de revitalização dos espaços (Brown, Perkins & Brown, 2003 *apud* Manzo & Perkins, 2006), pois a vinculação ao lugar ao influenciar o comportamento individual e grupal, vai determinar o comportamento da comunidade. Para Chawla (1992), é um processo de natureza dinâmica e dialética, que inclui quer um lado positivo como um lado oculto, pois a vinculação pode mascarar ou criar conflitos territoriais.

A vinculação ao lugar diz respeito, assim, à ligação emocional que é estabelecida entre um indivíduo e um determinado ambiente físico, atendendo ao sentido que o indivíduo atribui a esse ambiente e que pode ser efetivado através de pensamentos, crenças, atitudes, comportamentos e sentimentos. Por outro lado, está associada a uma rede de emoções, cognições e

⁷ Vinculação ao lugar (tradução livre)

comportamentos referentes a um determinado lugar, lugar esse que representa para a pessoa que a ele se encontra ligado muito mais do que simplesmente um sítio, na verdade, é “o sítio” a que se pertence (Fonseca et al., 2008).

Manzo & Perkins (2006) defendem uma análise multidisciplinar na compreensão da natureza das relações entre as pessoas e o ambiente e ressaltam a importância da *vinculação ao lugar* nos processos de planeamento e desenvolvimento das comunidades.

Rubinstein & Parmelee (1992) destacam o significado particular da vinculação ao lugar pelos idosos ao referirem que “Place and things are important symbols of the self, cues to memories of significant life experiences, and a means of maintaining, reviewing, and extending ones sense of self” (*apud* Smith, 2009: 23).

A reflexão teórica associada a este paradigma evidencia o lugar como um fator emocional muito importante no processo de envelhecimento (Smith, 2009). Em primeiro lugar, porque a vinculação ao lugar implica uma ligação emocional entre a pessoa e o ambiente, ligação que pode ser positiva ou negativa, sendo que a não ligação não significa que uma má adaptação ao meio. Nesta ótica, a reificação da identidade e a qualidade de vida apenas poderão ser alcançadas quando os indivíduos envelhecem num determinado lugar. De igual modo, fatores como a integração social, as barreiras ambientais, a localização geográfica e o tempo de residência podem influenciar a vinculação ao lugar por parte das pessoas idosas.

6. ESPAÇO E TEMPO NA VIDA QUOTIDIANA DOS IDOSOS

Segundo Machado Pais (1986), o quotidiano pode constituir um lugar privilegiado de questionamento sociológico. O autor considera que “a análise da vida quotidiana pode e deve, despertar a sociologia de um prolongado sono, ora excessivamente empiricista, ora excessivamente positivista” (1986:51). Segundo Heller (1977), a vida quotidiana desenvolve-se e refere-se sempre ao ambiente imediato e todas as objetivações que não se refiram ao seu ambiente próximo, vão transcender o quotidiano. As formas de rotinização da vida quotidiana constituem um processo repetido de apropriação de um tempo e de

um espaço, afirma Machado Pais (1986). Epinay refere que os atores sociais estabelecem “uma relação de usos com o tempo e o espaço e é nessa relação de uso que emerge a apropriação do tempo e do espaço” (1983 *apud*, Pais, 1986:19). Para Machado Pais (1986), a sociologia da vida quotidiana instrumentaliza o tempo e o espaço como fenómenos sociais totais, no “sentido *maussiano* de conceitos reveladores da sociedade”.

Giddens argumenta que “o tempo, o espaço e a repetição encontram-se fortemente entrelaçados” (1979:204), levando a que se possa falar de ciclos repetitivos da ação no espaço-tempo ou de reprodução social (entendidas como regras e recursos que norteiam as estruturas sociais), os sistemas sociais (enquanto relações reproduzidas pelos agentes e coletividades) e as condições de estruturação dos sistemas (a partir da reificação das estruturas e sistemas sociais) (Giddens, 2003).

O tempo incorporado pela ação do dia-a-dia, a *durée* da vida quotidiana, segundo Giddens (2003), deve ser entendido a partir da diferenciação entre a recursividade (repetição) da ação quotidiana, do indivíduo e das instituições. Posto isto, somente o tempo da ação do indivíduo pode ser entendido como irreversível, porque as rotinas diárias e das instituições são marcadas pela reversibilidade, por via da sua rotinização.

Norbert Elias parte de um posicionamento epistemológico que privilegia uma compreensão do espaço e do tempo, tendo por base as modalidades de desenvolvimento social e os diferentes níveis de experiência destes fulcros da vida quotidiana (Tomé, 2010). Para o autor, o espaço e o tempo são eixos orientadores da ação e das relações humanas, mas são igualmente resultado de um exercício de abstração e síntese dessa mesma ação humana (Heinich, 2000). O autor argumenta que, tanto o tempo como o espaço são símbolos conceptuais de tipos específicos de atividades sociais e institucionais. “Ambos os conceitos representam, portanto, um nível altíssimo de abstração e síntese, relações de ordem puramente posicional entre acontecimentos observáveis” (Elias, 1998, p.79-81).

Têm sido realizados sobretudo, na área da Gerontologia Ambiental, diversos estudos sobre o uso do tempo na vida quotidiana dos idosos (Doimo & Derntl, 2011). O valor da informação sobre o uso do tempo reside no facto deste ser um recurso fundamental, não renovável e consumido de forma igual por todos

os seres humanos, independentemente do contexto sociocultural e económico em que se inserem.

A maioria do conhecimento disponível sobre a organização das atividades diárias dos idosos é proveniente da Geriatria e reporta-se às atividades básicas e instrumentais, com o objetivo de diagnosticar as necessidades de apoio domiciliário aos idosos. Os estudos do uso do tempo vêm considerar o envelhecimento como um processo dinâmico no tempo e no espaço, bem como complexo e multifatorial. Deste modo, a descrição da estruturação da vida diária em função do tempo, permite-nos tirar uma primeira perspetiva sobre as rotinas e competências dos idosos, conhecer as diferenças dos seus estilos de vida e apontar para possíveis áreas de intervenção, tendo em vista a melhoria da sua qualidade de vida (Doimo & Derntl, 2011).

7. GLOBALIZAÇÃO, ENVELHECIMENTO E URBANIZAÇÃO

As transformações que se registaram em meados do séc. XX facilmente nos permitem concluir que estamos perante uma sociedade com características inéditas que têm merecido várias designações por parte de diferentes autores. Estas designações giram em torno do dilema, ainda não ultrapassado, em considerar a sociedade contemporânea como Moderna ou Pós-Moderna. Por um lado, encontramos autores como Braudillard (1991) e Jameson (1984) que, embora incorporando diferentes perspetivas, consideram que vivemos numa Sociedade Pós-Moderna. Por outro lado, Giddens (1991) e Beck (1992) contrapõem ao advogar que experimentamos uma nova forma de modernidade. Embora distintas, ambas as designações – Modernidade e Pós-Modernidade – encerram particularidades que caracterizam a sociedade contemporânea. Giddens (1991) reconhece que o fenómeno da Globalização é um elemento fundamental para explicar a dinâmica das mudanças que ocorrem na sociedade da Modernidade tardia.

A Globalização teve o efeito de produzir as cidades mais heterogêneas da história, tornando-se uma das imagens de marca do urbanismo pós-moderno (Sarmiento, 2003). O conceito de pós-moderno permite, através da sua extensa utilidade analítica e comunicativa, relacionar significativamente as

transformações do espaço construído, da cidade e da condição urbana com as mudanças sociais e culturais que se têm registado na sociedade contemporânea.

7.1 A Cidade e as novas formas de organização urbana

Ninguém parece saber muito bem o que é uma cidade visto que os critérios que a definem são muito variáveis (Saunders, 1995) e remetem pelo menos para dois níveis distintos de análise: um descritivo que diz respeito à realidade material e um interpretativo, que se refere às funções sociais do espaço urbano (Remy & Voyé, 1994). Segundo Guerra, a cidade é “ (...) palco de apropriações diferenciadas por parte dos diversos agentes sociais que nela foram interagindo, daí resultando numa multiplicidade de expressões simbólicas heterogêneas e, assim, descontinuidades espaciais (1992: 45). Para Remy & Voyé (1994), a cidade é por excelência o lugar onde os vários grupos, embora permanecendo distintos uns dos outros, encontram entre si possibilidades múltiplas de existência e de trocas; onde se favorece o jogo das estimulações recíprocas e, onde estrutura o corpo das atividades sociais, podendo, igualmente, ser um lugar de rutura e inovação.

De acordo com Ramos (2002), o Bairro é um lugar que não pode ser pensado de forma atemporal e ignorando a história da cidade. Para este autor, trata-se de um conceito espacial, que exprime uma organização geral de um determinado espaço num determinado tempo. Contudo, autores como McAndrew (1993, *apud* Américo, 2000) consideram que o Bairro é aquilo que os indivíduos interpretam dele, logo não existe uma definição universal do mesmo, sendo por isso um conceito algo difuso.

Desde os anos 80 do séc. XX, temos vindo a assistir a um recrudescimento do interesse pela cidade. Num contexto de profundas transformações, a “*cidade de média dimensão*” passou a estar no centro das atenções de técnicos e políticos (Ferrão, *et. al.* 1994). Este conceito foi substituído, posteriormente, pelo de “*cidade intermediária*” (Gault, 1989), o qual traduz, em larga medida, as alterações nas lógicas que presidem à organização do território. Para Carmo, estas “*idades intermediárias*” enfrentam:

“Uma encruzilhada compreendida entre dois sistemas determinantes e complementares: o sistema reticular interurbano, que constitui o nível de conectividade urbana nacional e internacional; e o sistema territorial urbano-rural, que materializa a capacidade de integração e de desenvolvimento locais e regionais” (2006:73).

As novas formas de organização urbana pós-industriais ou pós-modernas têm sido objeto de um grande número de estudos na segunda metade do séc. XX e inícios do séc. XXI, com enfoques muito variados.

Para Carlos Fortuna, aquilo que separa a cidade industrial da cidade pós-moderna “(...) é um lapso de tempo e de transformações profundas (...)” (2002:127). A cidade industrial, predominante nas sociedades do séc. XIX a meados do séc. XX, era caracterizada pela segregação sociofuncional. Como refere Salgueiro, “A segregação foi-se construindo em paradigma da cidade industrial e moderna” (1998: 225), tendo o resultado destes processos sido favorecido pelo papel de árbitro e regulador do Estado, bastante diligente no planeamento do território.

Constituída por áreas homogêneas do ponto de vista social, ou funcionalmente especializadas, conectadas por relações de complementaridade e interdependência numa lógica de organização hierárquica, a cidade industrial era fortemente polarizada e estruturada pelo centro (tido como prestigiado, diversificado, rico e poderoso), por oposição à periferia, mal equipada e monótona, e ao mundo rural com o qual, no entanto, continuava a desenvolver relações de complementaridade num quadro fortemente assimétrico. Esta situação começa a inverter-se no período do pós-guerra, sobretudo a partir dos anos 70 do séc. XX, com a falência do modelo de produção *fordista-keynesiano*.

Salgueiro sustenta que:

“De um modo geral, (...), o território das cidades foi palco e testemunho de inúmeros sinais de declínio: desindustrialização e

relocalização de pessoas e atividades para a periferia, desinvestimento com envelhecimento e abandono das estruturas construídas. Crescem as áreas abandonadas ou ocupadas com atividades obsoletas, cresce o desemprego e aumenta a pobreza, as cidades mostram-se desagradáveis, sujas e violentas” (1999: 66).

O aumento das mobilidades, a crise e a posterior reestruturação económica, tiveram profundas consequências na organização económica e social, repercutindo-se igualmente nos modos de produção e apropriação do território, com maior ênfase nas cidades, sendo que “o instrumento privilegiado das transformações na sua tradução física foi a dinamização do mercado imobiliário nos meados dos anos 80 [do séc. XX] ” (Salgueiro, 1999:67). Estas transformações conduziram ao aumento de fragmentações no tecido social e espacial. Segundo Salgueiro, a fragmentação consiste numa

“(...) organização territorial marcada pela existência de enclaves territoriais distintos e sem continuidade com a estrutura socioespacial que os cerca e (...) traduz o aumento intenso da diferenciação e a existência de ruturas entre os vários grupos sociais, organizações e territórios” (1998 :225).

“A fragmentação social refere-se ao aumento da diversidade da estrutura social, enquanto a fragmentação espacial respeita aos processos que fazem explodir os territórios e constroem a metrópole policêntrica” (Salgueiro, 1999:67). Para Harvey (1990), o Pós-Modernismo concetualiza o tecido urbano como necessariamente fragmentado, um palimpsesto de formas passadas e sobrepostas e uma colagem de usos contemporâneos e efémeros.

7.2 Polissemas de uma paisagem urbana fragmentada

A paisagem urbana contemporânea caracteriza-se pela explosão dos territórios urbanos e urbanizados e pela sua pluralidade. Na perspetiva de Amin & Thrift, “the city has no completeness, no center, no fixed parts. Instead, it is an amalgam of often disjointed processes and social heterogeneity, a place of near and far connections, a concatenation of rhythms, always edging in new directions” (2002: 8). Muitos autores fazem corresponder a fragmentação ao

surgimento de uma *Sociedade Arquipélago*, uma espécie de metáfora de um espaço pautado por uma ordem descontínua e até isolado face aos demais” (Viard, 1994 *apud* Guerra, 2002:71), que contradiz os princípios que estiveram na sua génese, isto é, de um lugar de trocas, de encontros e de passagens múltiplas. Augé (1994) considera que estas novas formações urbanas, extensa e socialmente diversificadas e fragmentadas – os “*Não lugares*” –, que têm vindo a multiplicar-se no mosaico urbano, fazem com que a cidade como lugar antropológico, identitário, relacional e histórico se tenha tornado um mito.

É atribuído a Gottman (1961), o conceito de *Megalópolis*, utilizado para classificar a área metropolitana que se estendia de Boston a Washington, no decorrer dos anos 50 do século passado, a qual considerava premonitória de uma nova ordem urbana, expansiva, nebulosa, policêntrica e estilhaçada.

Reconhecendo a configuração de novas morfologias urbanas, complexas e territorialmente centrífugas, Ascher desenvolve o conceito de *Metápole*, ou *Metapolis*⁸, no livro *Metapolis: acerca do futuro da cidade* (1998). Apresentando-se sob formas muito diversas, a *Metapolis* constituiu-se a partir de metrópoles pré-existentes, englobando as zonas metropolitanas em sentido estrito e, além disso, os novos espaços surgidos com a metropolização. É, igualmente, neste sentido, entendida como um conjunto de espaços heterogêneos, novos e diversos e não necessariamente contíguos, em que a totalidade, ou parte, dos habitantes, das atividades económicas ou dos territórios está integrada no funcionamento quotidiano de uma metrópole ou de um conjunto de grandes cidades. Para Ascher (1995), a complexidade destas novas configurações urbanas torna difícil tanto a sua delimitação geográfica como a sua representação, pois os espaços produzidos pelas dinâmicas urbanas contemporâneas não são apenas território, são, igualmente, modos de vida e produção.

As *Megacidades* são descritas por Castells (1999) na sua obra *A sociedade em rede*, como configurações espaciais que estão presentes nos diferentes contextos geográficos e sociais da nova economia global e da sociedade informacional emergente, comandadas por redes e fluxos, no qual a contiguidade física ou mesmo a continuidade espacial foi, obrigatoriamente,

⁸ *Metapolis*, algo que etimologicamente ultrapassa e engloba a *polis*.

minimizada em favor de novas variáveis. As *Megacidades* são definidas como áreas urbanas de grande dimensão, que concentram o essencial do dinamismo económico, tecnológico, social e cultural dos seus países, das regiões e por vezes, de todo o planeta. Conectadas entre si no sistema global, estendem-se no espaço, formando verdadeiras “nebulosas urbanas”, nas quais campo, cidade, criatividade e problemas sociais integram-se ao mesmo tempo. As *Megacidades* articulam a economia global, ligam as redes informacionais e concentram o poder mundial. “É esta característica distinta de estarem física e socialmente conectadas com o globo e desconectadas do local que torna as megacidades uma nova forma urbana” (Castells, 1999: 429).

Soja (1994) entende a *Pós-metrópole* como o último estágio da geo-história do espaço urbano, a cidade que é consequência dos últimos trinta anos de reestruturação urbana. Todavia, argumenta que não existem cidades puramente pós-modernas ou regiões urbanas completamente pós-metropolitanas. A *Pós-metrópole* é crescentemente descentralizada e cada vez mais um mosaico de desenvolvimento geograficamente desigual sobreposto às linhas setoriais da clássica cidade industrial. No dizer de Soja (1994) configura um arquipélago de cidades, ilhas de enclausuramento e de proteção contra os perigos da vida urbana quotidiana.

Lewis (1983) argumenta que as *Galactic Metropolis*, as novas cidades, mais fragmentadas na forma, mais caóticas na estrutura e geradas por processos de urbanização diferentes das suas predecessoras, consistem num desenvolvimento residencial e comercial de grande dimensão, enclavados por vastos espaços ambiental e economicamente degradados.

Dematteis (2001) e Sorkin (1992) assumem uma perspetiva mais reticular da fragmentação. Para Dematteis, a participação dos diversos atores locais em redes globais, muitas vezes sem recurso à mediação dos governos nacionais e, por vezes, mesmo contra os interesses gerais destes últimos, contribui para a fragmentação dos territórios em unidades funcionais e relativamente autónomas. Sorkin (1992) argumenta que a cidade se vai ligando a territórios mais distantes, mas que pertencem a uma mesma rede, enquanto se vai desconectando de territórios contíguos e hierarquicamente ou administrativamente superiores aos quais pertence em termos funcionais e

institucionais, levando em muitos casos ao esgotamento dos vínculos das cidades com as suas geografias locais.

A mudança de paradigma socioespacial projeta a fragmentação das dinâmicas urbanas ao longo de grandes eixos/malhas territoriais. Em Portugal, nos finais dos anos 90 do século passado, Matias Ferreira (1997) assinalou a transição da cidade à metrópole, de forma global, numa mudança conceptualmente significativa entre o urbano e o território e a sociologia urbana e a sociologia do território. Castro Seixas, alicerçado em Gottdiener, Martinotti e Ascher que considera que estamos perante uma nova forma de espaço urbano em que a *Metropolização* substitui a urbanização e a região urbana a cidade (Seixas, 1999 *apud* Seixas, 2011). A *Metropolização*, uma relação de cidades em rede com novos tipos de relações sociais e ideologias, marcada por uma socioespacialidade desconcentrada, multipolarizada, descontínua e fragmentada, perspectiva-se como a nova forma urbana característica da globalização, significando que a região urbana é um modelo transnacional pós-industrial e pós-moderno tal qual a cidade foi um modelo industrial dominante.

A cidade fragmentada pode ser definida como: "(...) uma nova organização urbana que articula em simultâneo processos de explosão das zonas tradicionais de atividades e de implosão de pessoas e de atividades anteriormente separadas" (Salgueiro, 1999:67). Salgueiro (1998, 1999) defende que a cidade fragmentada substitui a cidade segregada do capitalismo industrial, não significando propriamente que as situações de segregação socioespacial tenham sido eliminadas, pois os *beaux-quartiers* e os bairros sociais continuam a existir. A fragmentação da cidade é, deste modo, perspectivada à escala micro, como uma "segregação à escala micro", um "*patchwork*" ou uma "manta de retalhos" (Salgueiro, 1998).

Na génese da cidade fragmentada destacam-se os processos de Nobilitação ou Enobrecimento Urbano e de Regeneração que, ao procederem à reabilitação e à renovação de áreas antigas e degradadas das cidades, fomentaram a mistura de usos (contrariando os princípios do zonamento funcionalista), lançaram as bases de uma estrutura policêntrica de territórios ligados em rede e favoreceram a proliferação de implantações pontuais isoladas ou no seio de territórios com outros usos. Estes processos constituíram a reapropriação da centralidade por atividades e grupos sociais

com maior poder económico, os quais vêm justapor-se ao tecido pré-existente, introduzindo ruturas entre os territórios ocupados pelos vários grupos sociais que, embora contíguos, deixam de apresentar qualquer continuidade.

Zukin (1991), no seu livro *Landscapes of Power*, defende, na sua controversa opinião:

“ (...) O enobrecimento do centro da cidade significa uma inflexão de objetivos, da produção para o consumo, que encontra nos *empresários culturais*, e não nos anteriores gestores do desenvolvimento, os seus principais agentes. (...) A sua influência na zona baixa das cidades transforma o vernáculo fragmentado das antigas comunidades produtivas numa paisagem estética baseada no consumo” (Zukin, 1991 *apud* O’Connor & Wynne, 1997: 190).

7.3 Globalização e Mudanças Sociais

A Globalização pode ser entendida como a “intensificação das relações sociais à escala mundial” (Giddens, 1990:64) e, ao mesmo tempo, como “um fenómeno multifacetado com dimensões económicas, sociais, políticas, culturais e religiosas entretecidas de uma forma muito complexa” (Santos, 1995:253).

No contexto das profundas mudanças registadas na organização económica e na estrutura social, as alterações na organização urbana são consequência das mudanças verificadas nos modos de produção e apropriação do território, entendido como “espaço socialmente produzido pelos grupos humanos nas suas práticas associadas à produção e reprodução social” (Salgueiro, 1999: 65). O território urbano passa a apresentar novos moldes de organização espacial, uma nova construção ⁹ e funcionamento do espaço, gerando-se um fenómeno de diferenciação interna designado por *horizontalidades* (Santos, 1994 *apud* Salgueiro, 1998) onde, por um lado, se assinala uma continuidade solidária e contínua, uma mesma realidade socioespacial – modo preferencial e dominante na cidade industrial – e, por outro, as *verticalidades*, onde prevalece

⁹ A apropriação do território é cada vez mais pontual ou intensiva e realizada, sobretudo, de forma seletiva e à escala micro por pequenos grupos, em detrimento da tradicional apropriação extensiva e em mancha de uma determinada zona (Salgueiro, 1998).

uma contiguidade sem continuidade, que apenas as práticas sociais unificam e que suportam a estrutura das cidades fragmentadas (Santos, 1988, 1994, 2006 *apud* Mendes, 2011).

A maior parte dos estudos publicados enfatiza que as mudanças verificadas na apropriação do espaço situam-se no lado dos consumidores. A reestruturação económica teve uma influência direta na organização urbana pelo conjunto de opções relacionadas com a procura e, indiretamente, pelos efeitos sobre os níveis de vida e de consumo dos indivíduos.

A progressiva importância dos serviços, a flexibilização dos processos de trabalho e os novos padrões de localização das empresas, o aumento exponencial da mobilidade de todos os fatores de produção, sobretudo do capital, e a utilização de novas tecnologias de informação deram um contributo decisivo para a segmentação do processo produtivo.

Com a segmentação espacial do processo produtivo e as modernas tecnologias de produção e de distribuição de bens, registou-se uma suburbanização e descentralização seletiva da indústria, em que as atividades intensivas em mão de obra e os armazéns são deslocalizados para áreas mais periféricas, acelerando-se, desta forma, o processo de substituição dos espaços de produção pelos de serviços e de lazer, enquanto no centro permanecem concentradas as funções de gestão, direção e controlo, num processo que Salgueiro (1999 b) denomina de *recentralização do capital*.

Os novos padrões locativos conduzem ao desenvolvimento de novas relações entre cidade e regiões, entre centro e periferia, entre empresas mais livres e mais flexíveis. Estas relações, que não têm de ser necessariamente hierárquicas ou baseadas em relações de complementaridade e proximidade, podem também ser estabelecidas à distância ou pela pertença a uma determinada rede empresarial.

Uma consequência direta desta divisão espacial do processo produtivo foi a fragilidade dos respetivos territórios, pois os recursos passam a ser produzidos num “(...) processo de valorização de qualidades próprias em função de objetivos de desenvolvimento do território” (Salgueiro, 1999: 69). Os recursos tradicionais passam a ser desvalorizados num contexto de aumento da competitividade e as atividades das empresas passam a ser realocadas onde

a produção for mais eficiente, onde haja previsão de um maior e mais rápido retorno dos investimentos.

Com a Globalização económica operaram-se mudanças significativas no domínio sociocultural, no contexto das ideologias das novas classes médias da sociedade pós-industrial. O aumento da diversidade social, em função de uma maior disponibilidade de rendimentos por parte dos indivíduos, traduziu-se na adoção de novos padrões de consumo, na pluralidade dos estilos de vida e no surgimento de novos e mais variados tipos de procura, bem como no próprio aumento da diversidade cultural. No domínio cultural, assistimos, por um lado, à generalização e uniformização dos modelos, e por outro, ao aprofundamento da diferenciação das práticas sociais, tendências completamente contrárias e que conjugadas em simultâneo, tendem a reforçar a fragmentação dos territórios e das respetivas comunidades ¹⁰.

Salgueiro argumenta que “O consumo ensina-nos que a decomposição do *si* é um processo com temporalidades e espacialidades bem marcadas, sem dúvida um dos pilares do processo de fragmentação” (1999:75). Com a adoção de estilos de vida mais cosmopolitas ¹¹, assiste-se à *recentralização* das áreas centrais das cidades por grupos profissionais mais qualificados e elevados socialmente, que passam a habitar em edifícios reabilitados na zona histórica ou em áreas renovadas que anteriormente estavam destinadas a usos industriais ou, ainda, em áreas da coroa urbana qualificadas pelo melhoramento das condições de acessibilidades.

A emergência de novos produtos imobiliários, como é o caso dos condomínios fechados, enclaves fortificados exclusivos e de exclusão, cujo principal objetivo era garantir tranquilidade e qualidade de vida aos grupos sociais de maior rendimento. Para Salgueiro estas novas formas de habitar “são decisivas na configuração da cidade de enclaves base da atual fragmentação urbana” (1999 b:154).

Ainda e de acordo com Salgueiro (1998), pode ser apontado um outro conjunto de explicações para as alterações na organização urbana que são

¹⁰ Autores como Giddens (1991) assumem a perspetiva que os processos de globalização têm sido indutores de consumos e estilos de vida pautados pela busca incessante de uma diferenciação, no sentido da individualização. Pelo contrário, George Ritzer (1993) assume a homogeneização das práticas sociais como *Mcdonaldização* da sociedade.

¹¹ Em que passam a ser valorizados aspetos como a proximidade ao emprego e às zonas comerciais.

simultaneamente económicas e sociais e que se fundamentam na exclusão social e na divisão social do espaço urbano. Nas sociedades industriais, a divisão social e a especialização funcional do trabalho, contribuíram para a solidariedade e interdependência dos indivíduos na esfera social, ou seja, o bom funcionamento do “todo” estava dependente do bom funcionamento das partes. Com a falência do modelo capitalista, a sociedade “*des-solidariza-se*” e os grupos sociais com maior poder económico procuram manter-se afastados dos territórios onde habitam os grupos sociais mais desfavorecidos. Esta rejeição simbólica provoca fenómenos de exclusão territorial, que vão interferir e condicionar fortemente a natureza das relações sociais estabelecidas pelos sujeitos e traduzir-se em interações e ligações esparsas entre estes espaços e a envolvente. As cidades projetam, assim e de forma aleatória, as condições sociais dos indivíduos, cada vez mais fragmentadas e sem qualquer princípio de disposição, produzindo-se com a globalização económica “uma desordem espacial das posições sociais” (Donzelot, 1997 *apud* Salgueiro, 1998).

As mudanças económicas e sociais acompanharam e foram consequência das mudanças políticas ocorridas na sociedade pós-industrial. As mudanças político-institucionais levam-nos ao processo de produção urbana em sentido restrito, ao mercado imobiliário e às políticas de gestão das cidades.

Certos autores destacam, de igual modo, a importância do capital e das alterações registadas no comportamento dos agentes sociais diretamente relacionados à produção urbana nos processos de dinamização imobiliária, nos novos tipos de empreendimentos relacionados com a reestruturação do setor de construção e o papel do Estado. Os grandes empreendimentos passam a ser internacionalizados pelo capital e distinguem-se em termos de forma e de processo de ocupação, orientando-se para áreas centrais recentemente requalificadas, com iniciativas pontuais na periferia das cidades, desde grandes superfícies comerciais a condomínios. A expansão económica já não se realiza apenas por meio da expansão geográfica periférica, mas envolve diferenciação interna de espaços já urbanizados (Smith, 1996 *apud* Salgueiro, 1998).

Ao longo das últimas décadas, as políticas urbanas oscilaram entre uma maior intervenção do Estado e um processo geral de desregulação. A rutura do regime de acumulação fordista e a crise do Estado-providência, a par da expansão nos anos 1980 da agenda neoliberal, enfraqueceu os instrumentos e

as políticas normativas típicas do plano racionalista, quer em conteúdo quer em estatuto, porque se revelaram incapazes de dar resposta quando confrontados com a emergência de novos desafios e a imprevisibilidade das mudanças.

Nos anos 1980, as operações de renovação urbana das cidades e os processos de especulação imobiliária foram dinamizados num contexto de menor regulação do uso e transformação do solo, de uma maior mobilidade de capitais e de uma forte internacionalização dos mercados, principalmente, do imobiliário comercial e da habitação de luxo, o qual começa a adquirir importância em termos de investimento, em alternativa ao circuito de produção para acumulação.

Num contexto global de aumento do desemprego e de quebra das receitas, os governos das cidades, com o objetivo de desenvolver estratégias capazes de atrair capitais e visitantes visando o crescimento económico, adotam políticas de gestão urbana mais proactivas e empreendedoras, o que veio a representar uma mudança significativa na forma de governação territorial. Para o efeito, recorrem a práticas agressivas de *marketing* territorial, ao planeamento estratégico e a parcerias com agentes privados no financiamento, conceção e execução de políticas de desenvolvimento urbano.

As cidades desenvolvem um conjunto de intervenções fragmentárias e pontuais, de ações de renovação urbana e de reabilitação de edifícios, associadamente a grandes investimentos em acessibilidades e infraestruturas, que vão modificar intensamente a paisagem urbana e que têm como objetivo primordial conferir uma maior visibilidade ao território, permitindo-lhes, desta forma, ir ao encontro das necessidades do capital, naquilo que Harvey (1990) descreve como a *construção especulativa do lugar*.

PARTE II- DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO DO ESTUDO

1. DEFINIÇÃO DA TIPOLOGIA DO ESTUDO E DO PARADIGMA DA PESQUISA

Denzin & Lincoln (2006) referem que o desenho da investigação tem que ser um conjunto flexível de orientações, de modo a poder relacionar os paradigmas teóricos com as estratégias de intervenção e métodos de recolha e análise de material empírico.

Em termos de pressupostos metodológicos, estamos perante um estudo exploratório, transversal, que adota uma estratégia de investigação qualitativa e que prossegue um desenho de tipo estudo tópico (Miller e Crabtree, 1992), dado que somente vai ocupar-se dos significados, visando sobre ele gerar descrições e explicações holísticas e realísticas. A Pesquisa Qualitativa permite-nos considerar aspetos subjetivos das vivências dos indivíduos que não podem ser reduzidos a números. Strauss e Corbin (1999) assinalam que o paradigma qualitativo tem como objetivo realizar investigação sobre as experiências de vida das pessoas, comportamentos, emoções e sentimentos. Estes dois autores descrevem a pesquisa qualitativa como "any kind of research that produces findings not arrived at by means of statistical procedures or other means of quantification" (Strauss & Corbin, 1990:17). Para Denzin & Lincoln (1994), a palavra qualitativa implica uma ênfase em processos e significados que não são examinados nem medidos (se chegarem a ser medidos) rigorosamente, em termos de quantidade, volume, intensidade ou frequência. Denzin & Lincoln oferecem-nos uma definição genérica do significado de Pesquisa Qualitativa, descrevendo-a como

“ (...) Uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste num conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo numa série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações (...). Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa (...) o que significa que os seus pesquisadores estudam as coisas nos seus cenários naturais, tentando entender

ou interpretar, os fenómenos em termos de significados que as pessoas lhe conferem “ (2006:17).

A Pesquisa Qualitativa tem sido utilizada para designação geral para todas as formas de investigação que são suportadas principalmente em dados qualitativos, tais como a Etnografia, a Investigação Naturalista, os Estudos de Caso, a Etnometodologia, as Histórias de Vida, as aproximações biográficas e narrativas (Rodriguez et al. 1999). De igual modo, Bogdan & Biklen fazem uso desta designação como termo genérico para agrupar diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características e em que os dados recolhidos designados por qualitativos são “ (...) ricos em fenómenos descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico” (1994:16).

Muitos autores não aceitam a dicotomia entre a investigação quantitativa (positivista) - orientada pelo método experimental (hipotético-dedutivo) - em que o conhecimento é extraído da realidade natural ou social, é estável e quantificável e a investigação qualitativa, a qual em contraste, prossegue uma perspetiva mais interpretativa e construtivista, sustentando a existência de um contínuo entre estes dois tipos de investigação (Lessard-Hébert, 2005 *apud* Meirinhos & Osório, 2010). Por seu turno, existem também muitos autores, tais como Yin (2005) e Flick (2004) que destacam a relevância de serem utilizados em simultâneo dados quantitativos e qualitativos, em alguns métodos de investigação.

A adequação da abordagem liga-se ao que se quer aprender com a pesquisa (Creswell, 2003). O objetivo da investigação qualitativa é compreender a realidade circundante na sua especificidade, pretender saber o porquê e os significados dos fenómenos. Não existe uma preocupação em obter leis universais ou generalizações, como no paradigma positivista.

A escolha da Abordagem Qualitativa é justificada pelas finalidades da nossa pesquisa, que remetem para a identificação e a descrição qualitativa da experiência vivida, ao nível da exploração do significado e da formulação de explicações interpretativas sobre o mesmo. É a abordagem adequada para captar uma experiência que se encontra dependente de contextos (neste caso, um meio urbano singular e específico), que não se podem isolar, quantificar,

generalizar e prever resultados. As opções processuais desta investigação foram, então, definidas pela natureza do problema.

2. A TRIANGULAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE INTEGRAÇÃO METODOLÓGICA

De acordo com Patton (1990), a triangulação é uma solução poderosa para o problema de suportarmos-nos apenas num único método ou numa única fonte de dados. O uso da triangulação acaba por ser o reconhecimento de que o investigador pode, eventualmente, precisar de mais uma perspectiva de análise de um fenómeno. Na perspectiva de Kelle, Erzberger e Flick a “triangulação também é uma forma de integrar diferentes perspectivas no fenómeno em estudo (...) e também é uma forma de descoberta de paradoxos e contradições” (*apud* Duarte 2009:21).

Jinck (1979) argumenta que o uso da triangulação é suportado na ideia que os desvios inerentes das fontes e dos instrumentos de recolha e análise de dados podem ser neutralizados pela combinação de métodos, complementando o estudo e solidificando a sua validade. Jinck (1979), assumindo uma preocupação mais epistemológica, pensa a triangulação de métodos, artigos, teorias, estratégias, técnicas e instrumentos qualitativos e quantitativos e em estabelecer ligações entre os resultados obtidos pelas diversas fontes. Denzin (1989) vai buscar ao Interacionismo Simbólico o conceito de triangulação para ilustrar a combinação e o cruzamento de múltiplos pontos de vista e descreve-nos quatro tipos diferentes de triangulação:

– A triangulação de dados refere-se à recolha de dados recorrendo a diferentes fontes, distinguindo subtipos de triangulação, propõe que se estude o fenómeno em tempos (explorando as diferenças temporais), espaços (através da investigação comparativa) e com indivíduos diferentes; na triangulação do investigador, procura-se detetar desvios inerentes ao investigador, ou seja, desvios decorrentes da influência do investigador; por fim, na triangulação teórica, são usadas diferentes teorias para interpretar um conjunto de dados de um estudo, verificando-se a sua utilidade e capacidade. Denzin refere, ainda, dois subtipos de triangulação: a triangulação intra-método que envolve a

utilização do mesmo método em diferentes ocasiões e a triangulação inter-métodos que sustenta diferentes métodos em relação ao mesmo objeto de estudo.

Flick (2005) no mesmo sentido que Jinck (1979) concebe a triangulação de métodos como uma estratégia que acrescenta rigor, complexidade, riqueza e profundidade a qualquer investigação, e que não sendo uma estratégia de validação é uma alternativa à validade. Flick (2005) acrescenta que a triangulação é uma noção aberta e que os usos que dela fazemos para representar uma multiplicidade combinada de teorias com a finalidade de encontrarmos respostas mais complexas.

Flick (2005) refere que a triangulação- um dos conceitos centrais na integração metodológica- pode constituir uma das formas de combinar vários métodos qualitativos entre si, ao permitir o acesso do investigador ao fenómeno através de diferentes perspetivas, garante complementaridade aos resultados da investigação. Segundo o autor

“Linking different qualitative or quantitative and quantitative methods will become essential in the study of complex fields of investigation. The special appeal of triangulation is that it allows going beyond the limitations of a single method by combining several methods and give them an equal relevance” (2005, b:36).

Por sua vez, Morse designa o uso de múltiplos métodos qualitativos ou quantitativos num projeto de pesquisa como *Multimethod Design Research* que define como “(...) the conduct of two or more research methods, each conducted rigorously and complete in itself in one project. The results are then triangulated to form a complete whole” (2003:90).

É neste sentido, que partindo do mesmo posicionamento epistemológico é desenvolvida uma pesquisa empírica que combina o Método Fenomenológico e o Estudo de Caso, duas metodologias de investigação qualitativa, alicerçada numa estratégia de triangulação metodológica que promete novos *insights* e elevar a fiabilidade dos resultados.

Em seguida, são apresentados os principais pressupostos metodológicos que sustentam as abordagens qualitativas adotadas nesta pesquisa. Assim, para além de um enquadramento sumário sobre o que se pode entender por

Fenomenologia e pelo Estudo de Caso, abordam-se, igualmente, alguns autores e conceitos que se revelam indispensáveis para compreender as opções das metodologias utilizadas.

3. DA FENOMENOLOGIA: DA METODOLOGIA AO MÉTODO

No conjunto das abordagens qualitativas apoiadas no paradigma interpretativo, a nossa escolha foi orientada para um tipo de abordagem fenomenológica, por duas razões:

- Pelo fato de ser o método mais adequado para responder a questões de significado e para compreender uma experiência tal como é compreendida pelos sujeitos que experimentam o fenômeno;
- Consequentemente, por entender que esse significado é um elemento de importância fundamental para a descrição e compreensão da experiência de viver numa cidade numa fase adiantada da vida e, que desta forma, contribuirá para o entendimento compreensivo desta mesma experiência.

A Fenomenologia corresponde a uma das mais importantes correntes filosóficas e surgiu, nos finais do séc. XIX, por reação ao Idealismo e ao Positivismo, influenciando várias tradições da filosofia contemporânea desde a Ontologia de Heidegger ao Existencialismo de Sartre e Merleau Ponty. Husserl, Brentano e Heidegger podem ser considerados os fundadores da corrente fenomenológica (Ramalho, 2009).

Para Merleau-Ponty “Phenomenology is the study of essences” (1962: 7 *apud* Van Manen, 1990:39). Heidegger (2001) refere que é o estudo das essências que nos permite chegar à compreensão do ser. Ricoeur (1995) considera a Fenomenologia como a forma pela qual o homem chega à compreensão de si. Já Velez afirma que o objetivo da Fenomenologia é compreender o homem como um ser enraizado na existência, a fenomenologia é, assim “uma ontologia que não desliga a essência da existência” (Velez, 2002:85).

Segundo Spiegelbert (1975 *apud* Streubert, 2002) a Fenomenologia pode ser definida como um movimento filosófico cuja principal finalidade é a investigação direta e a descrição do fenômeno, do modo como é conscientemente experimentado, abstraindo-se o mais possível de ideias preconcebidas e não recorrendo para o efeito a relações causais. No seu sentido mais amplo, a

Fenomenologia compreende o estudo e a descrição dos fenómenos da maneira como eles se manifestam à consciência (Moran, 2000). A principal preocupação da abordagem fenomenológica é a descrição rigorosa do fenómeno e não a sua explicação. É através da descrição que a sua natureza é revelada e o significado da experiência da pessoa compreendido, descrevendo a experiência humana tal como ela é vivida. As experiências vividas no dia-a-dia são o foco central da pesquisa fenomenológica e a sua meta é descrever as experiências vividas.

Para Spiegelberg, o aspeto mais significativo e inovador da Fenomenologia foi “proporcionar um novo enquadramento conceptual para a investigação, baseado na total exploração e utilização da experiência direta do vivido, abrindo novos horizontes à investigação empírica e permitindo interpretações mais vividas (1972 *apud* Ramalho, 2009: 45).

3.1 O Método Fenomenológico

A Fenomenologia, como metodologia de investigação, é aplicada ao estudo dos fenómenos humanos, em toda a sua complexidade e subjetividade, e dela decorre o conhecimento do próprio homem. Deste modo, Fenomenologia é o estudo ou a ciência do fenómeno, daquilo que se mostra ou revela a si mesmo e “... procura descobrir a essência dos fenómenos, a sua natureza intrínseca e o sentido que os humanos lhe atribuem” (Fortin, 2003: 148). Loureiro (2002) reforça a ideia de que o objetivo fundamental da fenomenologia é o estudo dos fenómenos, tal como eles são experimentados na consciência, não interessa como as coisas são em si, mas como cada um de nós as vivencia. Para Streubert e Carpenter (2002) os assuntos mais apropriados para o método de investigação fenomenológica incluem as experiências da vida de uma pessoa, como medo, felicidade, compromissos e significados de algo, entre outros.

Van Kaam (1959) pode ser apontado como o primeiro autor reconhecido por propor um método fenomenológico para a pesquisa empírica (Queirós, 2007). Bogdan e Biklen aceitam que existem diversas formas de investigação fenomenológica, mas que todas partilham um objetivo comum que consiste em compreender as pessoas que estudam, com base nas suas experiências, em

função das suas interações e do contexto onde vivem, uma vez que a realidade é uma construção social.

Existem dois tipos de metodologia de investigação fenomenológica, a Descritiva ou Eidética e a Hermenêutica ou Interpretativa, desenvolvidas por Husserl (s/d) e por Heidegger (2001), respetivamente.

A Fenomenologia de Husserl prossegue o método descritivo e visa a descrição das experiências vividas pelos sujeitos, no qual o investigador coloca de parte o mundo da interpretação e onde está subjacente um dualismo entre sujeito e objeto, entre homem e mundo, sendo claramente evidentes as influências cartesianas. Husserl (s/d) apresenta-nos a Fenomenologia como uma atitude relativamente ao conhecimento, onde existe apenas a descrição, tendo o seu maior legado metodológico sido a *redução eidética*, a *epoche* ou *redução fenomenológica*. O retorno às coisas mesmas implica desvelar a essência dos fenómenos, tal como manifestados na consciência e a consciência é sempre consciência de alguma coisa, a intencionalidade, "(...) pois sem ela não haveria mundo, nem sujeito" (Richard, 1998 *apud* Ramalho, 2009). A *redução eidética* é um recurso metodológico que consiste em suspender qualquer crença imediata na existência das coisas (preconceitos de teorias científicas e/ou filosóficas), de modo a chegarmos ao fenómeno como tal e sobre ele fazemos uma reflexão profunda, que nos permita alcançar a essência do conhecimento ou ao modo como se constitui no existir humano.

No entanto, é devido a Heidegger (2001), com a interrogação do significado do ser, a expansão da hermenêutica fenomenológica. A Hermenêutica, por sua vez, é "(...) a arte da interpretação ou da compreensão" (Moran, 2000:248) ou "(...) a ferramenta fenomenológica pela qual compreendemos o ser: o processo hermenêutico, o processo da compreensão e interpretação revela-nos o que está escondido". (Dahlberg et. al, 2008:74). A Fenomenologia, entendida à luz de Heidegger, passa a integrar o homem no mundo, considerando que é no mundo, que o homem, enquanto ser autointerpretativo, reconhece o significado das coisas, porque a consciência não está separada do mundo da existência. O método interpretativo tem como finalidade descobrir o significado da experiência vivida, e através do qual se vai mais além da mera descrição do que é manifesto.

3.2 O Método da Fenomenologia Hermenêutica de Van Manen

No conjunto das várias tradições fenomenológicas, o presente estudo enquadra-se na perspectiva fenomenológica hermenêutica ou interpretativa do pedagogo norte-americano Max Van Manen, porque revela ser a proposta mais adequada à investigação do fenómeno em questão, pois visa não só a descrição das experiências dos idosos, mas igualmente a interpretação das mesmas e ainda porque apresenta uma estrutura metodológica com bastante flexibilidade, que ao não assumir uma posição diretiva no que diz respeito aos métodos e procedimentos concretos para a análise e interpretação da informação, defende a criatividade do investigador. Além do mais porque é um método testado e experimentado que não subestima ou invalida os valores da tradição fenomenológica (Maggs Rapport, 2001).

Van Manen (1990) refere que a Fenomenologia Hermenêutica é a atividade que corresponde à investigação das ciências humanas. Fenomenologia, porque se reporta ao estudo descritivo da experiência humana vivida e hermenêutica porque corresponde ao estudo interpretativo das expressões dessa experiência.

Van Manen define esta perspectiva fenomenológica como

“Hermeneutic phenomenology tries to be attentive to both term of its methodology: it is descriptive (phenomenological) methodology because it wants to be how things appear, it wants to let things speak for themselves; it is an interpretative (hermeneutic) methodology because it claims that are no such things as interpreted phenomena” (1990:180-181).

Para Van Manen (1990) a interpretação dos fenómenos constitui uma transformação das próprias experiências que ocorre de acordo com a sua sensibilidade e com o seu conhecimento. O autor refere que “do ponto de vista fenomenológico, investigar é sempre questionar o modo como experienciamos o mundo, é querer conhecer o mundo no qual vivemos como seres humanos” (Van Manen, 1997 *apud* Queiroz, 2007:149).

A pesquisa fenomenológica assume-se como uma ciência que reclama para si o estudo científico dos fenómenos vividos. É sistemática porque usa práticas de questionar tais como refletir, focalizar e intuir, explícita porque tenta articular

os significados da experiência vivida, através dos conteúdos e formas dos textos e auto crítica porque examina, de forma contínua os seus métodos e metas, com vista a identificar os resultados e realizações da sua abordagem. Por último, é intersubjetiva, na medida em que o investigador necessita de alguém (que pode ser o leitor) com quem desenvolver uma relação dialógica e validar a sua descrição do fenómeno (Passeira, 2008).

Max Van Manen (1990) ensina-nos que a Fenomenologia direciona-se para a investigação nas ciências humanas e que na qualidade de ciência do pensamento e da consciência, permite-nos realizar reflexões sobre as vivências humanas.

O autor (1997) concebe o pensamento fenomenológico como uma forma de pesquisar o mundo tal como é vivido, ou seja, possibilita o estudo da experiência vivida, que embora não permita gerar uma teoria efetiva, possibilita apenas um contacto mais direto com o mundo. A experiência vivida é entendida pelo autor como

“(...) the starting point and the end point of phenomenological research. The aim of phenomenology is to transform lived experience into a textual expression of its essence-in such a way that the effect of the text is at once a reflexive re-living and a reflective appropriation of something meaningful: a notion by which reader is powerfully animated in his on her own lived experience” (1990:36).

Como pesquisa centrada no estudo dos fenómenos, Van Manen (1990) refere que é impossível à Fenomenologia descrever diretamente a consciência, mas apenas os fenómenos que se lhe apresentam. A pesquisa fenomenológica procura as possíveis estruturas dos significados da experiência humana e pretende compreender, de forma contextual, o que é verdadeiramente significativo para o ser humano. Mas só é significativo, porque se encontra enquadrado num determinado contexto (histórico, social e cultural).

A pesquisa fenomenológica é o estudo das essências, constituindo uma tentativa sistemática de descobrir e descrever a natureza da experiência vivida, através das suas estruturas de significado interno. A pesquisa fenomenológica é, de igual modo, a descrição dos significados da experiência vivida e visa interpretar e descrever os significados da experiência tal como a vivemos no nosso mundo, na nossa existência diária, com todos os seus elementos.

A pesquisa fenomenológica pode ser entendida como uma atividade poetizante. Van Manen (1990) entende o projeto fenomenológico como um projeto poético, na medida em que não se pode fazer resumos ou conclusões e cuja essência lhe confere sempre uma possível continuidade e que estimula também a criatividade do investigador.

Van Manen (1990) defende, igualmente, que a orientação fenomenológica não deve pré definir ou determinar um caminho, pois o método vai sendo encontrado pelo investigador, à medida da necessidade de resposta às perguntas que vão surgindo, e deve emergir no decurso da própria investigação.

Van Manen (1990) apresenta-nos as etapas que o investigador deve prosseguir na pesquisa fenomenológica, designadamente:

- Aproximar-se à natureza da experiência vivida, através de um percurso de aproximação até ao fenómeno de interesse e que o relaciona com o mundo, devendo o tópico de investigação partir da experiência pessoal e profissional do investigador.
- Investigar a experiência vivida, tal como ela é vivida, numa perspetiva global, tentando absorver as suas modalidades e os seus aspetos, e não como é conceptualizada.
- Reflexão Fenomenológica, cujo objetivo para Van Manen “ (...) is to try to grasp the essential meaning of something” (1990:77), refletindo sobre os temas essenciais que caracterizam os fenómenos, tentar procurar o obscuro dos textos, os temas que deles emergem, pois é na análise reflexiva que se vai basear a descrição fenomenológica final.
- Escrita Fenomenológica, que visa descrever o fenómeno através da arte de escrita e reescrita, pois escrever e reescrever são elementos do mesmo processo de interpretar e descrever os fenómenos, na qual deve ser a experiência pessoal do próprio investigador e as descrições existentes na literatura.

Van Manen (1990) afirma que o processo de análise e de escrita são indissociáveis. Interpretar e descrever correspondem a um caminho único até ao discurso de alguém e habitualmente, esse caminho é uma atividade de escrita e que a Fenomenologia consiste na aplicação do *logos* (linguagem e pensamento) à experiência vivida, para nos revelar o fenómeno em si mesmo.

Embora não defenda uma posição diretiva no respeitante aos métodos e procedimentos de análise e interpretação da informação, Van Manen (1990) sugere uma série de procedimentos e considerações que devem ser respeitados na concretização do processo de análise e reflexão, designadamente:

- Ter em atenção que a interpretação de um fenómeno tem início na própria conversa com os participantes, pelo que a entrevista constitui um momento importante para o investigador começar a explorar e compreender o fenómeno.
- Estar atento às subtilezas da linguagem e buscar os aspetos temáticos ocultos no texto.
- Que a interpretação do texto está sujeita a transformações linguísticas realizadas pelo investigador, para se tornarem fenomenologicamente sensíveis e válidas.
- Que a análise-reflexão é um ato livre de ver o significado, dá controlo e ordem à investigação e à escrita, correspondendo à recuperação dos temas expostos ou ocultos no texto e que vai determinar a estrutura experiencial que caracteriza o fenómeno.

Van Manen (1990) afirma que, na análise das experiências vividas, o investigador deve ser capaz de isolar os aspetos temáticos que dão significado ao fenómeno que se pretende estudar. Para o efeito, o autor apresenta três formas de abordagem das narrativas:

- Abordagem Holística ou Sentenciosa- em que o texto é apreendido como um todo e pretendemos procurar a frase que pode capturar o sentido fundamental do texto ou o seu ser significativo;
- Abordagem Seletiva ou de Realce- em que procedemos à leitura repetida do texto e questionamos as declarações ou frases que parecem particularmente essenciais ou reveladoras do fenómeno e que podem ser descritas;
- Abordagem Detalhada ou Linha a Linha- em que elencamos todas as frases ou grupos de frases reveladoras de aspetos importantes do

fenómeno. Ao estudarmos as descrições das experiências vividas, verificamos que os temas vão começar a repetir-se. Estes vão ser agrupados em frases que clarificam o seu significado. Em primeiro lugar, cada frase ou grupo de frases deve ser lido cuidadosamente e em seguida, descobrimos o que cada frase ou grupo de frases revela acerca da natureza do fenómeno.

4. O ESTUDO DE CASO

A nossa opção pelo Estudo de Caso decorre da complexidade do fenómeno humano em questão, da importância do contexto natural e do propósito particularístico da investigação – a compreensão aprofundada de um caso contemporâneo – e que pode ser utilizado em vários cenários contextuais, fenomenológicos, disciplinares e ter subjacente objetivos diversificados.

O Estudo de Caso desta investigação segue uma posição epistemológica de natureza qualitativa e de cariz construtivista, pois procura a compreensão intensa e profunda de um dado fenómeno social para o perceber em toda a sua complexidade (Stake, 1999; Yin, 2005). Trata-se de um Estudo de Caso único, seguindo a definição de Yin (2005) e Bogdan & Biklen (1994) e como o propósito da investigação incide sobre um caso específico, para o estudar na sua particularidade e complexidade, pode-se referir que, de acordo com Stake (1999), reporta-se a um Estudo de Caso intrínseco. Contudo, porque se pretende, igualmente, uma descrição densa e detalhada do fenómeno no seu contexto natural, é na classificação proposta por Yin (2005) um Estudo de Caso descritivo.

Mas considerando que nos revemos predominantemente num paradigma interpretativo construtivista, que supõe uma escolha metodológica em que os procedimentos para a recolha e análise são qualitativos, e não abrangentes como defendido no paradigma pós-positivista de Yin (2005), a estratégia de pesquisa do presente Estudo de Caso vai fundamentar-se na perspetiva mais holística e naturalista assumida por Stake (2007).

O Estudo de Caso enquanto tipologia de investigação tem vindo a incrementar-se e a ganhar maior notoriedade no campo da Educação e das Ciências

Sociais (Meirinhos & Osório, 2010). É uma abordagem metodológica de investigação especialmente adequada quando se procura compreender, explorar ou descrever acontecimentos e contextos complexos, nos quais estão envolvidos diversos fatores, quando o objetivo é descrever e analisar um fenómeno, a que se acede diretamente, de uma forma profunda e global e quando o investigador deseja fundamentalmente apreender a dinâmica do fenómeno. Meirinhos & Osório consideram que “ (...) poderá ser uma estratégia poderosa quando o contexto é complexo e quando se entrecruza um conjunto complexo de variáveis” (2010:64). Para Creswell (2007), o Estudo de Caso é a metodologia indicada para estudar um caso com fronteiras bem definidas, mais propriamente “o estudo de caso é a exploração de um “sistema limitado”, no tempo e em profundidade, através de uma recolha de dados profunda envolvendo fontes múltiplas de informação ricas no contexto” (Creswell, 1994: 61). Também pode ser descrito como um “...método que implica a recolha de dados sobre um caso ou casos, e a preparação de um relatório ou apresentação do mesmo” (Stenhouse, 1990, *apud* Gomez, Flores & Jimenez, 1999: 92)

E o que é um “caso”? Quase tudo pode ser um “caso”. Numa tentativa de síntese, Brewer & Hunter (1989, *apud* Punch, 1998: 152) propõem seis categorias de “caso” passíveis de serem estudados na investigação em Ciências Sociais e Humanas: indivíduo, atributos dos indivíduos, ações e interações, atos de comportamento, ambiente, incidentes e acontecimentos e coletividades.

No Estudo de Caso, o desenho metodológico determina a recolha de informação e as técnicas de análise. Segundo Fragoso (2004) o investigador deve garantir que os métodos e técnicas de informação são utilizados para obter informação suficiente e pertinente à investigação. Dooley (2002) observa que o investigador deve procurar recolher e organizar de forma sistemática dados de múltiplas fontes de evidência. A possibilidade de utilizar várias fontes de evidência é para Yin (2005), um dos pontos fortes dos Estudos de Caso. Todavia, Dooley (2002) salienta nesta lógica que a utilização de diversas fontes de dados poder-se-á traduzir-se num grande volume de dados para análise. Para Hamel (1997), a diversidade de formas de recolha de informação está

dependente da natureza do caso e tem por finalidade, permitir o cruzamento de ângulos de estudo ou de análise.

Robert Yin e Robert Stake são dois dos mais reconhecidos especialistas mundiais em Estudos de Caso, que embora em perspectiva não completamente coincidentes, constituem a base da nossa reflexão e fundamentação metodológica. No Estudo de Caso as questões da pesquisa centram-se no “como” ou no “porquê” e a estratégia de pesquisa é abrangente, podendo incluir várias fontes de evidência (inclusive quantitativas) e recorrer a diversas triangulações de dados (Yin, 2005). Stake (2007), por sua vez, sugere que o trabalho desenvolvido por Yin (2005) se enquadra numa abordagem mais quantitativa, ao passo que considera a sua própria abordagem como “um modo disciplinado e qualitativo de investigação de caso único” (2007:10). Yin (2005) ressalva que a realização de um Estudo de Caso representa uma escolha estratégia de pesquisa que não deve ser confundida com a própria investigação qualitativa, acrescentando que autores como Stake (2007) evitam qualquer compromisso com modelos teóricos, centrando-se numa abordagem mais etnográfica, da qual este autor se demarca.

4.1 O Estudo de Caso como um método rigoroso de pesquisa pós-positivista: a perspectiva de Robert Yin

Para Yin (2005) o Estudo de Caso pode ser conduzido para um dos três propósitos básicos: explorar, descrever ou ainda explicar e explicita todas as etapas que o devem constituir: definição do problema; *design*; recolha de dados; análise dos dados; composição e redação do relatório.

O autor sustenta o afastamento do Estudo de Caso como estratégia investigativa em relação ao Estudo de Caso como ferramenta de ensino, à Etnografia, à Observação Participante e aos métodos qualitativos, sendo que a posição de Yin ajusta-se particularmente a um paradigma interpretativo pós-positivista, tal como definido por Denzin & Lincoln (2006).

Yin (2005) refere que o Estudo de Caso decorre da necessidade de estudar fenómenos sociais complexos e que deve ser utilizada quando se lida com condições contextuais, confiando que essas podem ser pertinentes na

investigação, sustentando que é estratégia utilizada quando o investigador detém pouco controlo sobre os acontecimentos e quando o foco de interesse se dirige a um fenómeno contemporâneo. Ao definir o caso como contemporâneo, o autor procura dissociar os Estudos de Caso dos Estudos Históricos, cuja focagem central são os acontecimentos passados, colocando o enfoque central no presente, ainda que o perspetive num passado e projetado num futuro.

O Estudo de Caso é definido, desta forma, com base nas características do fenómeno em estudo e num conjunto de características associadas à recolha e análise de dados. Yin define-o como “uma investigação empírica que investiga um fenómeno contemporâneo dentro do seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenómeno e o contexto não estão claramente definidos” (2005:17). Apresenta um critério de classificação do qual emergem seis tipos diferentes de Estudos de Caso. Conforme sejam Únicos ou Múltiplos, os Estudos de Caso pode, de igual modo, ser Exploratórios, Descritivos e Explanatórios.

Os Estudos de Caso Exploratórios pretendem fornecer um suporte à teorização e são um prelúdio para uma investigação subsequente, mas não são necessariamente um estudo de Caso, na perspetiva de Meirinhos & Osório (2010). São os Estudos Exploratórios que gozam de maior notoriedade, segundo Yin (2005). Já os Estudos Descritivos representam uma descrição exhaustiva de um fenómeno inserido no seu contexto, revelando a importância que o autor atribui às condições contextuais. Por sua vez, os Estudos de Caso Explanatórios procuram a causa que melhor explica o fenómeno, ou seja, que possibilitem o estabelecimento de relações causais. Relativamente, às características do desenho do Estudo de Caso, podem ser únicos ou múltiplos e, simultaneamente, holísticos (com apenas uma unidade de análise) ou incorporados (com várias unidades de análise).

Yin (2005) descreve três situações nas quais o Estudo de Caso é a estratégia adequada de investigação: quando é crítico para testar uma hipótese ou teoria, quando é um caso extremo ou único; e por fim, quando é um caso revelador ou longitudinal, em que se estuda o caso em dois ou mais pontos diferentes no tempo. Mas o autor afirma que a utilização desta estratégia compreensiva de pesquisa ainda se mantém como um dos maiores desafios das ciências

sociais, uma vez que é preconceituosamente encarada como o elo mais fraco no conjunto das metodologias das ciências sociais, sendo-lhe apontado falta de rigor na pesquisa; o fato de oferecer poucas bases para uma generalização científica; e por fim, serem extensos e reunirem um número infindável de documentos. Quanto à possibilidade de generalização a partir dos Estudos de Caso, Yin (2005) considera que é sempre possível gerar hipóteses que possam ser testadas em outros contextos (replicação) e caso sejam reiteradamente confirmadas, podem ser generalizadas para contextos similares (generalização analítica).

Para Yin (2005) os Estudos de Caso podem ser validados através de quatro testes que têm sido utilizados para estabelecer a qualidade de qualquer pesquisa social empírica: a validade do constructo na recolha e composição dos dados; a validade interna na análise dos dados; a validade externa no desenho do estudo e, por último, a fiabilidade na recolha dos dados.

Yin (2005) apresenta três princípios na recolha de dados: a utilização de múltiplas fontes de evidência (documentação, registos de arquivo, observações diretas e participantes e artefactos físicos); a criação de uma base de dados de estudo "*case study data base*" que está diretamente relacionada com a recolha e organização dos dados; e a manutenção de uma cadeia de evidências que ajude a assegurar a fiabilidade do estudo e a validade do constructo, permitindo que o leitor siga a proveniência de qualquer evidência, incluindo todas as etapas que vão das questões iniciais às conclusões do estudo.

A vantagem mais importante reconhecida a esta tipologia de investigação é, segundo (Yin, 2005) o desenvolvimento de linhas convergentes de triangulação de dados, que permite enfrentar problemas de validade do constructo. Também Stake (1994) e Flick (2004) introduzem a triangulação como uma estratégia de validação que recorre à combinação de metodologias para o estudo de um mesmo fenómeno. A triangulação é, na opinião de Stake (1999), além de uma das boas características de um bom estudo qualitativo, um processo que utiliza múltiplas perspetivas para clarificar significados, na medida em que observações adicionais podem ser úteis na revisão da interpretação feita pelo investigador.

Yin (2005) argumenta que um Estudo de Caso exemplar deve reunir as seguintes características: deve ser significativo, invulgar e com interesse geral;

completo, bem definido, contendo evidências relevantes, não condicionadas por fatores externos; divulgar evidências suficientes; composto de maneira apelativa que seduza o leitor, e por fim, que considere várias perspectivas que desafiem o desenho do Estudo de Caso.

4.2 O Estudo de Caso como um modo disciplinado e qualitativo de investigação: a perspectiva de Robert Stake

À luz do contributo teórico de Denzin & Lincoln (2006), Stake situa-se num paradigma ajustado ao construtivismo social, distanciando-se da perspectiva de Yin (2005), que sustem a separação entre a metodologia do Estudo de Caso e a Pesquisa Qualitativa. Stake (2007) define o Estudo de Caso como “o estudo da particularidade e complexidade de um único caso, conseguindo compreender a sua atividade no âmbito de circunstâncias importantes” (2007:11). O autor alerta para o fato do Estudo de Caso ter uma base pouco sólida para a generalização e que o seu verdadeiro objetivo é a particularização, é querermos conhecer profundamente a singularidade do caso. Contudo, Stake alerta para o fato que nem tudo pode ser considerado um caso, pois em rigor, um caso é uma unidade específica, um sistema delimitado cujas partes são integradas.

Stake observa os Estudos de Caso a partir de uma perspectiva que deriva de métodos de investigação holísticos, naturalistas, etnográficos, biográficos e fenomenológicos, afastando-se de abordagens mais quantitativas, como as prosseguidas por Yin (2005).

O objetivo de Stake (2007) ao categorizar os Estudos de Caso não é taxionómico, mas sim o de destacar a variedade de preocupações e orientações metodológicas associadas. Stake (1999) adota uma classificação ilustrativa suportada nos objetivos que os investigadores prosseguem ao empreender a metodologia do Estudo de Caso. O autor distingue três tipos de Estudo de Caso, realçando que nem sempre esta distinção é clara: Estudo de Caso Intrínseco, em que o investigador está interessado em aprender sobre o caso em particular e não somente porque ao estudá-lo vai aprender sobre outros casos; Estudo de Caso Instrumental, em que um problema de

investigação leva o investigador a acreditar que obterá um conhecimento mais profundo se dedicar-se a um caso em particular; e por último, Estudo de Caso Coletivo, em que o investigador estuda conjuntamente alguns casos para compreender um dado fenómeno. Para Fragoso (2004), não existe um limite rígido entre os estudos intrínsecos e instrumentais, as fronteiras podem variar consoante os interesses e objetivos do investigador.

Stake (2007) sugere como características do Estudo de Caso: a compreensão como objetivo da investigação em que os investigadores privilegiam a compreensão da experiência humana ao afluir os acontecimentos em episódios chave ou testemunhos, representando-os em narrativas que vão otimizar a oportunidade dos leitores em entender experiencialmente o caso; a interpretação como método, que demanda que o estudo esteja organizado de tal forma que maximize a importância das descrições densas ou *émicas*, passíveis de provocar uma aprendizagem experiencial no leitor, levando ao que designa como generalização naturalista; o tratamento holístico dos fenómenos, que tem como finalidade compreender os fenómenos relacionados entre si de forma complexa, perspetivando-os através de um número variado de contextos- temporais, sociais, económicos, culturais entre outros; e por fim, o próprio reconhecimento dos erros, assente na assunção da subjetividade que leva a uma procura constante de meios para fazer face aos possíveis enviesamentos, assentes em crenças e preconceitos do investigador, mas que por outro lado, ajuda-nos a aceitar a inevitável consequência da perspetiva investigativa, de uma pessoa com uma determinada história e visão do mundo. Stake (2007) defende que a interpretação é uma parte essencial de todo o processo investigativo quer se trate de pesquisa quantitativa ou qualitativa. No caso dos investigadores qualitativos, a interpretação não se resume à identificação de variáveis e ao desenvolvimento de instrumentos de recolha de dados, ou sequer à sua análise e interpretação para a elaboração do relatório, mas pelo contrário, acentua a importância da colocação de um interprete no campo da investigação que procura registar objetivamente o que acontece, examinando simultaneamente os resultados de forma a poder redirecionar a sua observação e a poder fundamentar estes significados, permitindo aquilo que Parlett & Hamilton (1974 *apud* Stake, 2007) designam por *focalização progressiva*.

No que respeita à generalização, Stake (2007) advoga que a generalização não deve ser uma exigência feita a todo o custo, pois esta preocupação, caso seja excessiva, pode desviar o investigador da pesquisa de características importantes para a compreensão do caso em si. O autor chega inclusive a admitir que o Estudo de Caso Intrínseco pode ser encarado como um pequeno passo em direção a uma grande generalização. O que Stake (1978) realmente introduz, ao propor a generalização naturalística, é que sejam os leitores a decidir se resultados do Estudo de Caso podem ser generalizados e aplicados ao seu caso de interesse, que configura um modo bastante diferente da generalização analítica proposta por Yin (2005).

Stake (2007) afirma que uma boa investigação não depende tanto de bons métodos como de bons raciocínios, diferenciando perguntas *éticas* -perguntas realizadas pelo investigador a partir do que a experiência ou a literatura aponta como problemático – das perguntas *émicas* – perguntas das pessoas que pertencem ao caso, perguntas para questões problemáticas do foro interno. Estas questões podem assumir a forma de microgeneralizações e à medida que novos dados confirmam os anteriores ou a generalizações naturalistas feitas pelos leitores do Estudo de Caso. A distinção entre as perguntas *éticas* das perguntas *émicas* reforça a necessidade de compreensão do caso, pressupondo uma atitude de empatia e escuta que permita entender as questões vindas de dentro.

Stake (2007) defende que o Estudo de Caso não deve assumir uma posição interventiva, mas sim empática, procurando compreender como as pessoas estudadas vêem as coisas. O autor aconselha uma ética de cautela, paciente, reflexiva, disponível para acomodar outras perspetivas de Estudos de Caso, que procurem preservar as múltiplas realidades, distintas e até mesmo contraditórias. Esta visão tem convergências com Yin (2005), quando nos enfatiza que as qualidades do investigador, a necessidade de múltiplas fontes de evidência e a preservação das diferentes perspetivas das nossas como forma de evitar enviesamentos de ideias e interpretações. O autor sublinha a importância de desenvolvermos “experiências vicárias” junto dos leitores de modo a que possam experimentar a sensação de estar lá. A descrição do espaço físico é fundamental, pois permite-nos a apreensão de significados tanto pelos leitores como pelos investigadores. Segundo Stake, os relatos do

investigador "may be epistemologically in harmony with the reader's experience"(1978:5).

Numa perspetiva construtivista, a triangulação é complexa, pois a maioria dos investigadores qualitativos acredita não existir um modo de estabelecer incontestavelmente que uma perspetiva é melhor do que a outra e que é necessário apresentar múltiplas perspetivas do Estudo de Caso. Para Denzin (2006), a triangulação passa mais por uma busca de interpretações adicionais do que pela confirmação de um único significado (Flick, 1992 *apud* Stake, 2007). A *verificação pelos intervenientes* é o procedimento que Stake (2007) considera ser importante para a triangulação e que mesmo não venha a obter resposta por parte dos intervenientes é necessário realizar, pois é referente ao contributo que estes podem dar no cruzamento das observações e interpretações do investigador e que permite o apuramento de uma compreensão partilhada por todos quanto foram envolvidos diretamente no Estudo de Caso.

5. OBJETIVOS DO ESTUDO E QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

O envelhecimento da população é um fenómeno que preocupa cada vez mais as sociedades ocidentais. Segundo as tendências demográficas contemporâneas, a população a viver em cidades continuará a aumentar e os habitantes destas serão cada vez mais pessoas menos jovens. Por outro lado, devido às profundas e aceleradas mudanças sociais, demográficas, culturais e económicas que se registaram no século XX, as cidades tornaram-se o palco privilegiado desta experiência complexa, multidimensional e inevitável que é o envelhecimento humano.

O objetivo deste estudo é compreender a experiência fenomenológica de viver numa cidade ¹² numa fase adiantada da vida. Numa perspetiva reflexiva sobre o fenómeno, emergiram, assim, as seis questões centrais da nossa investigação:

¹² Definições de Cidade podem ser encontradas no ponto 7.1 da Parte I (Enquadramento Teórico)

1. Como se estrutura a vida quotidiana das pessoas idosas ¹³ que vivem num meio urbano?
2. Quais os momentos mais fáceis e satisfatórios da vida quotidiana destas pessoas idosas?
3. Quais os momentos mais difíceis e menos satisfatórios da vida quotidiana destas pessoas idosas?
4. E quais os sentimentos e emoções associadas a estas experiências quotidianas?
5. Que propriedades constituem, na perspectiva das pessoas idosas, o quotidiano urbano?
6. As experiências quotidianas (objetivas e/ou subjetivas) são determinadas pelo género, idade, classe social e fatores ambientais?

6. PERTINÊNCIA DO ESTUDO

As últimas projeções demográficas não vaticinam para breve mudanças do atual padrão demográfico do envelhecimento, nem qualquer desaceleração no crescimento urbano. Estima-se que em 2015 a população com mais de 65 anos supere a população com idade igual ou inferior a 5 anos (WEF, 2012) e que em 2030 seis em cada 10 pessoas vivam numa cidade, sendo que em 2050 esta proporção será de sete para 10 (OMS, 2012.) Os Censos 2011 registam que a população idosa, com 65 ou mais anos, residente em Portugal é de 2,023 milhões de pessoas, o que representa cerca de 19% da população total. Autores como Rosa (2012) referem que a população portuguesa deverá continuar a envelhecer a um ritmo particularmente intenso nas próximas décadas.

O aumento do número de pessoas idosas veio intensificar a pesquisa sobre o envelhecimento e são vários os estudos que se debruçam sobre a influência do ambiente na população idosa. Em trabalhos recentes, e no que respeita à realidade portuguesa, tendem a ser predominantes os estudos comparativos e

¹³ Apesar de estarem incluídos no estudo indivíduos com idade igual ou superior a 63 anos, optou-se por utilizar uniformemente a expressão “pessoas idosas”, pois entendemos que não existe uma conformidade de pontos de vista científicos relativamente à idade cronológica que determina a passagem da condição de adulto à de idoso.

correlacionais que integram subamostras do meio urbano e do meio rural, sobretudo, de idosos institucionalizados. Lopes (2004) realizou um estudo comparativo sobre a qualidade de vida e suporte social com idosos residentes em meio rural e outros do meio urbano. Fonseca, Paúl, Martin e Amado, (2003 *apud* Fonseca, 2005) analisaram a questão do contexto de residência no envelhecimento bem-sucedido, dedicando-se à comparação entre idosos do meio rural e do meio urbano. Num outro estudo comparativo, Magarreiro (2008) avaliou a influência da autonomia funcional e do meio ecológico no bem-estar subjetivo em idosas institucionalizadas em meio rural e em meio urbano. Coimbra (2008), por sua vez, estudou o impacto da dependência funcional e do meio ecológico ao nível do sentimento de solidão em idosos institucionalizados do meio rural e urbano. Ferreira (2009) efetuou um estudo sobre a qualidade de vida em idosos em diferentes contextos habitacionais com diferentes subgrupos de idosos, designadamente, idosos institucionalizados e não institucionalizados, residentes em meio rural, suburbano e urbano. Machado (2007) vem confirmar que são raros os trabalhos que se dedicam ao envelhecimento e velhice em territórios urbanos, pois tendem a ser preteridos em favor de níveis territoriais mais vastos.

Apesar de o projeto das “*idades amigas dos idosos*” ter sido fortemente impulsionado pelo crescimento da população idosa, bem como pelo aumento significativo desta população nos centros urbanos, da pesquisa efetuada ficamos a clara noção de que existem na literatura portuguesa e internacional poucos estudos realizados sobre as experiências de viver em cidades na perspetiva das pessoas idosas. Na revisão de literatura verificou-se, de igual modo, que existe uma necessidade premente de serem adotadas abordagens mais humanistas, que reconheçam os idosos como pessoas e que compreendam e valorizem as suas perspetivas em diversos domínios da vida social (Edmonson & Kondratowitz, 2009).

A revisão de literatura mais recente demonstra-nos, também, que a utilização das abordagens qualitativas tem vindo a aumentar nas pesquisas sobre o envelhecimento em fases adiantadas da vida (Leontowisch, 2012) apesar de, ao longo dos últimos anos, terem predominado os estudos quantitativos, sobretudo na análise da relação entre a pessoa idosa e o ambiente (Gory et. al. 1985). Por outro lado, regista-se um crescente interesse no estudo da

importância do ambiente urbano para as pessoas idosas, não só pela Gerontologia, mas também por outras áreas disciplinares, tais como a Geografia, o Design Urbano e a Saúde Pública, entre outras (Day, 2010; Ziegler & Schawaner, 2011 *apud*, Vine et. al, 2012), interesse este que sabemos ser alimentado pela intensificação do fenómeno da urbanização e do envelhecimento populacional (Smith, 2009) e pelos desafios que estas tendências colocam ao planeamento das cidades.

O envelhecimento populacional nas cidades constitui um sério desafio para os agentes responsáveis pelas políticas sociais em Portugal, em especial para as autarquias locais, pois a larga maioria destas políticas é de iniciativa municipal. A proximidade dos Municípios com as populações coloca-os numa posição privilegiada no diagnóstico dos problemas, mas também num grau de exigibilidade superior na procura de soluções eficazes. Posto isto, se se pretende efetivamente construir políticas públicas eficazes e eficientes – que visem a integração e a melhoria da qualidade de vida da população idosa¹⁴ –, o envelhecimento humano deve ser assumido como parte integral do percurso de vida e as políticas deverão assentar, fundamentalmente, na compreensão e valorização das experiências e das perspetivas das pessoas idosas que são alvo das mesmas.

A relevância científica deste estudo qualitativo reside não só na atualidade do tema, mas também no facto de poder vir a representar um contributo válido no preenchimento das diversas lacunas identificadas, indo ao encontro das mais recentes tendências e necessidades verificadas neste domínio do conhecimento. Embora os seus resultados não possam ser generalizados, permitem-nos, contudo, conhecer e dar a conhecer, compreender e dar a compreender à comunidade científica e aos agentes locais, bem como valorizar, as experiências de viver em cidades na perspetiva das pessoas idosas, neste caso concreto, daquelas residentes na Vila Adentro – zona histórica da cidade de Faro.

¹⁴ A população idosa foi definida como grupo prioritário no âmbito das políticas sociais municipais pela Carta Social de Faro (2008-2013).

Partindo das questões expostas e definidos o objetivo e a pertinência da investigação, passamos em seguida à seleção do caso e dos participantes no estudo.

7.CONTEXTUALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO CASO

O caso é definido como “(...) a phenomenon of some sort occurring in a bounded context. The case is, in effect, your unit of analysis” (Miles & Huberman, 1994:25 *apud* Baxter & Jack, 2008:545). Uma etapa fundamental ao planear e conduzir um Estudo de Caso consiste em definir a unidade de análise, ou seja, selecionar o caso “revelador” (Yin, 2005).

A nossa seleção incidu na Vila Adentro - zona nobre e histórica da cidade de Faro-, atendendo ao objetivo principal do estudo e às particularidades e relevância que reconhecemos a esta comunidade urbana para ilustrar de forma intensiva a essência do fenómeno. De igual modo, as condições espaço-temporais do investigador e a sua acessibilidade ao fenómeno foram fatores que pesaram favoravelmente nesta escolha ¹⁵.

Van Manen (1990) fala-nos da interação das pessoas com o contexto e em como as vivências são contextuais. Com o objetivo de melhor caracterizar os participantes, considera-se pertinente descrever de forma mais específica o contexto residencial do caso.

7.1 Enquadramento sociodemográfico da Vila Adentro

De acordo com os Censos 2011, o concelho de Faro apresenta uma população residente de 64 560 habitantes, distribuídos do seguinte modo pelas cinco freguesias: Sé (29 452), São Pedro (14 577), Estoi (3 652), Conceição (4 524), Montenegro (8 149) e Santa Bárbara de Nexe (4 116). No concelho de Faro residem, de acordo com os últimos Censos, 11734 habitantes com 65 ou mais

¹⁵ O facto de o meu local de trabalho estar situado em plena Vila Adentro pesou decisivamente na escolha deste caso, pois desta forma tive um acesso privilegiado a informações, conhecimentos e experiências que apenas no contacto diário é possível ter.

anos, dos quais 7204 encontram-se a residir sós em alojamentos familiares (INE, 2011). A acrescentar, ainda, que em 4824 alojamentos familiares de residência habitual nos quais todos os residentes têm 65 ou mais anos, 2322 estão ocupados por 2 ou mais pessoas com 65 ou mais anos (INE, 2011)

O Índice de Envelhecimento acentuou o predomínio da população idosa em Faro, ao longo das últimas décadas: em 1960, existiam 38,9 idosos por cada 100 jovens, proporção que em 2011 passou a ser de 124,8 idosos por cada 100 jovens (INE, 2011) Estes valores são ligeiramente inferiores aos apresentados a nível regional, mais propriamente, 44,7 idosos por cada 100 jovens em 1960 e 132 idosos por cada 100 jovens em 2011 (INE, 2011).

Segundo as estimativas da população em 2011, relativamente à ponderação do número de idosos (65 ou mais anos) por cada 100 indivíduos em idade ativa (15- 64 anos) ¹⁶, o concelho de Faro apresenta um valor de 26,8 idosos por cada 100 ativos, o que representou um acréscimo relativamente aos dados de 2007, em que este valor era de 24 idosos (INE,2007).

A Vila Adentro “ (...) outrora fonte de dinamismo e vitalidade devido à grande concentração de serviços, instituições ¹⁷ e práticas costumeiras e culturais, surge-nos, atualmente, como um espaço isolado e desertificado” (Afonso & Zacarias, 2009). A deslocalização de instituições e serviços públicos, tais como o Tribunal, o Registo Civil, a Biblioteca Municipal, os Bombeiros e a PSP, entre outros, foram os principais responsáveis pela desertificação, isolamento e consequente degradação do parque habitacional.

“A perda da qualidade de vida, o envelhecimento demográfico que caracteriza o núcleo residencial, a degradação física a que tem sido votado o espaço e a erradicação dos eventos culturais costumeiros são o reflexo máximo da realidade atual da Vila Adentro” concluem Afonso e Zacarias (2009).

Sobre a Vila Adentro está montada uma operação denominada de “Reabilitação Urbana na Vila Adentro de Faro”, cuja área de intervenção coincide com a zona amuralhada. A Câmara Municipal de Faro procura a

¹⁶ Outro indicador importante quando analisamos o impacto do envelhecimento na sociedade é o índice de dependência, que corresponde, segundo o INE, à relação existente entre o número de idosos e a população em idade ativa.

¹⁷ Como a Mocidade Portuguesa, no Estado Novo; o Quartel Militar e a Capitania da Marinha que funcionaram no actual Seminário de São José e Paço Episcopal; as instituições escolares (Escola Paga, Escola Primária, Escola Comercial e Industrial e o Magistério Primário).

requalificação do espaço público e promoção de dinâmicas culturais e turísticas que possam trazer novos públicos ao núcleo Vila Adentro (residentes e visitantes; empresas e serviços), contribuindo deste modo, para a revitalização económica, social e cultural de um dos núcleos amuralhados mais expressivos do Algarve. A intervenção deverá ter três domínios principais de atuação: Preservação, Revitalização e Inovação suportados por uma intervenção municipal estruturada, bem como uma estratégia de atuação que visa assegurar sustentabilidade ao processo de desenvolvimento integrado de todo o Centro Histórico de Faro ¹⁸.

De acordo com a Câmara Municipal de Faro (2011), 75% dos imóveis localizados na ARU Vila Adentro encontram-se ocupados, 23% desocupados e 2% em processo de obras. A habitação representa 47% dos imóveis ocupados, 20% são estabelecimentos comerciais (reduzido a cafés), 19% são serviços públicos (autarquia e administração central), sendo que apenas 5% são equipamentos. A área habitacional encontra-se reduzida e concentrada em pequenos lotes, formando dois pequenos núcleos às “portas” das muralhas, como se pode verificar na Figura 1.



Figura 1- Delimitação da Vila Adentro

¹⁸ “ A Reabilitação Urbana em Faro: Custos e Oportunidades”, apresentação efectuada pela Vereadora Arqt.ª Teresa Correia no Workshop *Living Lab*, Auditório do Metropolitano de Lisboa, Fevereiro 2013

7.2 Enquadramento Histórico

A Vila-Adentro situa-se na freguesia da Sé, a qual é considerada uma área predominantemente urbana. Trata-se de uma zona nobre da cidade, localizada junto à ria e circunscreve-se numa pequena elevação de forma elíptica com cerca de 7ha. Foi nesta pequena e agradável colina lagunar, com bons ancoradouros e água potável, que foi construída a antiga Ossónoba, cujas origens remontam a um povoado fenício da II Idade do Ferro (séculos IV – II a.C.), a génese do aglomerado urbano de Faro (Mantas, 1990; Rodrigues, 2006).

Da ocupação romana, podemos apontar como vestígios a importância do largo principal malha da Vila Adentro, o qual funcionou como lugar de importância urbana e social, bem como de reunião pública e de homens bons (Paulo, 2007). Restaram também vários vestígios dos cinco séculos de ocupação muçulmana (713-1249), entre as quais reminiscências no urbanismo da Vila Adentro – a circular interna e as ruas sinuosas, que eram o local de trabalho de todos os comerciantes e artesãos. Foi, igualmente, durante o período islâmico que a urbe sofre um retrocesso em termos urbanísticos que se traduziu na concentração intramuros e conseqüente condensação do núcleo amuralhado (Rodrigues, 2010).

Na Vila-Adentro ou comumente designada por zona intramuros conviviam muçulmanos e cristãos sendo esta última comunidade bastante importante, como comprovou a mudança de nome e a imagem da Virgem Maria então colocada sobre as muralhas. Após a reconquista cristã, em 1249, parte da comunidade muçulmana permaneceu na cidade. Em 1269 os mouros são protegidos através de um foral de D. Afonso III, destinado aos mouros foros.

Pese embora com a reconquista ter sido registada uma transformação do núcleo interior amuralhado, este continuou a ser a parte mais nobre, tendo-se construído no seu interior os Paços do Concelho e a Igreja de Santa Maria (atual Igreja da Sé). A comunidade judaica instalou-se, igualmente, na Vila-Adentro, no terreno onde mais tarde se viria a edificar o Convento de Nossa Senhora da Assunção.

No reinado de D. Manuel deu-se um acontecimento muito importante que teve sérias implicações na estrutura económica e urbana de Faro. Foi em 1495 e consistiu na expulsão dos judeus e o conseqüente desaparecimento da judiaria, que em Faro se situava na Vila-Adentro.

Em 1499, o rei D. Manuel I promove a renovação urbana de Faro. Em 1540, por foral de D. João III, deu-se a elevação de Faro a cidade e em 1577, assistiu-se à sua transferência para sede do assento episcopal. Na primeira metade do século XVI foram construídos dois conventos: o de São Francisco (1517), frente às muralhas, e o de Nossa Senhora da Assunção.

Em 1596, e sob domínio filipino, a cidade foi alvo de vandalização por parte das tropas inglesas do conde de Essex, Faro foi destruída e muito dos seus edifícios foram queimados e arruinados, em especial, os edifícios de cariz religioso. Logo após a invasão, as muralhas foram consolidadas e dotadas de novas técnicas militares. Edifícios como a igreja da Sé e ermida de São Sebastião foram reconstruídos e outros, como o Paço Episcopal, foram edificadas de novo. O conjunto de instituições, comércio e indústria que se instalaram na Vila Adentro, no século passado, foram decisivos para a sua conversão em lugar de importância fulcral no contexto da cidade.

7.3 Práticas Comunitárias na Vila Adentro: Artes, Ofícios, Festas e Manifestações Culturais

Na Vila Adentro a pesca artesanal e de marisco constituía no século passado, uma das principais atividades profissionais dos homens, manifestando-se desde logo como um traço que identificava o local com uma paisagem de zona marítima. Como testemunha a habitante M.B “Isto aqui era só pescadores debaixo daquele largo ali” (Afonso & Zacarias, 2009). Também as atividades ligadas à reparação dos barcos faziam um prolongamento da paisagem marítima, como afirma M.C “Faziam as artes ali, no largo da Sé. Estendiam as redes ali, aquilo tudo em areia. Traziam as redes do barco (...) e estendiam as redes ali para secar e depois arranjavam (...) Os calafates arranjavam os barcos em São Francisco” (Afonso & Zacarias, 2009).

As mulheres dedicavam-se aos afazeres domésticos: confeção da comida, na sua maioria à base de peixe, à compra de mantimentos nos pequenos estabelecimentos que existiam no local, bem como ao lavar de roupas às portas. Era nas bicas locais que se agrupavam todo o conjunto feminino comunitário, como recorda M.I “Naquele tempo, tínhamos as bicas que eles puseram ali debaixo do arco. O presidente da Câmara mandou por ali as torneiras para a gente se governar e a gente comprou tanques e pôs ali debaixo das torneiras para lavarmos a roupa. Era tudo à mão” (Afonso & Zacarias, 2009).

Mas muitas mulheres contribuía para aumentar o orçamento familiar, trabalhando na fábrica de cortiça que hoje é o Museu Municipal, testemunha M.C “As pessoas daqui trabalhavam todas no mar (...) Havia muita gente a trabalhar onde é hoje o museu, que era uma fábrica de cortiça. Homens daqui não, mas mulheres algumas. A minha irmã trabalhou ali, mas por pouco tempo. A minha mãe é que trabalhou mais ali” (Afonso & Zacarias, 2009).

No que está relacionado com as Festas, destacam-se os festejos associados aos Santos Populares, ao Carnaval e às Procissões. Como lembra I.R e J. R “Havia mastros para dançar, fazia-se bailes aqui no Largo. O São Martinho era festejado na baixa da cidade. Aqui era só os Santos Populares e o Carnaval. (...) Vinha muita gente (...)” (Afonso & Zacarias, 2009). Realçaram, de igual modo, que “Havia muita gente a morar aqui, que fazia brincadeiras de Carnaval. Agora é que já não há!” e no respeitante às procissões, referiram que “(...) passavam todas por aqui” (Afonso & Zacarias, 2009).

8. SELECÇÃO DOS PARTICIPANTES E CRITÉRIOS DE INCLUSÃO

Para inclusão no estudo foram identificados critérios de elegibilidade, que segundo Polit e Hungler são “ (...) as características que delimitam a população de interesse. (...) cabe ao pesquisador estabelecer esses critérios antes da seleção das amostras, de modo a decidir se uma pessoa seria classificada como membro da população em questão” (1995:143).

O tipo específico de população exigiu cuidados acrescidos nas opções metodológicas, de modo a minorar potenciais dificuldades dos participantes ao nível da comunicação e com o contexto da nossa investigação.

No presente estudo, as unidades de análise obedeceram aos seguintes critérios de escolha:

- a) Idade igual ou superior a 60 anos;
- b) Ambos os géneros;
- c) Residir ou exercer a sua atividade profissional na Vila Adentro;
- d) Capacidade para comunicar de forma lúcida e clara com o investigador e compreender o que é pedido;
- e) Aceitar a participação voluntária no estudo, depois de devidamente informados da metodologia a utilizar, da garantia total de anonimato e sigilo relativamente aos dados obtidos.

Os critérios de elegibilidade foram respeitados na sua totalidade e utilizados no decorrer do processo de investigação, tendo sido definidos, com base nos seguintes fundamentos:

- a) Na UE 27 a idade média de saída do mercado de trabalho ou idade média de reforma é de 61,4 anos, 61,8 para Homens e 61,0 para Mulheres, segundo os dados mais recentes disponibilizados pelo Eurostat (2012). A inclusão na amostra de indivíduos com idade igual ou superior a 60 anos permite-nos abranger sujeitos que, apesar de terem passado, na maioria dos casos, à situação de reforma, ainda mantém a sua independência e autonomia;
- b) Fazer coincidir tanto quanto possível a representatividade dos subgrupos masculino e feminino;
- c) Num contexto de esvaziamento do centro urbano, a inclusão dos sujeitos que exercem uma atividade profissional na Vila Adentro, permite-nos aumentar o número de potenciais participantes;
- d) Este critério foi fixado de modo a garantir que os participantes selecionados apresentem as condições cognitivas que lhes permitam responder autónoma e conscientemente aos instrumentos de recolha de

dados e garantir a exequibilidade das entrevistas e a consequente obtenção de resultados credíveis e passíveis de serem utilizados no estudo;

- e) Este último critério garante uma participação voluntária, informada, espontânea, consciente e responsável por parte dos participantes no estudo.

A compreensão da experiência vivida, tal como esta se apresenta a quem a vive – livre de preconceções e teorização prévias – só pode ser desocultada a partir de quem a tenha vivido e esteja predisposto a partilhar essa experiência com o investigador (Munhall, 2007, Van Manen, 1990).

Os participantes foram, por isso mesmo, selecionados através da “amostra intencional”, de acordo com os critérios previamente estabelecidos. A seleção não probabilística intencional, é para Streubert & Carpenter (2002), o tipo de seleção mais adotado no Método Fenomenológico, porque permite ao investigador realizar uma escolha lógica e, em certa medida, com algum poder em agrupar os tais casos “ricos” em informação. A seleção dos participantes foi desenvolvida de modo a identificar os participantes que melhor poderiam informar o investigador, de acordo com os objetivos da pesquisa e da riqueza de informações suscetíveis de possibilitar um desenvolvimento mais aprofundado do fenómeno.

Para proceder à seleção dos participantes que preenchessem os critérios de elegibilidade, recorri à ajuda de uma informante privilegiada ¹⁹ e identificámos uma lista inicial de potenciais participantes no estudo. O número final de participantes foi sendo determinado ao longo da pesquisa, condicionado pela riqueza dos dados obtidos, ficando a amostragem completa quando for verificada a saturação dos dados, ou seja, quando já não emergirem novos temas ou essências dos participantes e os dados se repetirem (Streubert & Carpenter, 2002).

¹⁹ Licenciada em Património Cultural e Mestre em História da Arte, técnica superior na área da Reabilitação Urbana na Câmara Municipal de Faro, autora de artigos científicos e trabalhos de campo sobre a Vila Adentro.

9. COLOCANDO EM PRÁTICA A *EPOCHE*

Antes de se iniciar a recolha de dados, foram envidados esforços no sentido de pôr de lado as ideias prévias acerca do fenómeno social em estudo, a *epoche*, com o objetivo do estudo ser desenvolvido de forma completamente aberta pelo investigador. Katz define a *Epoche* como

“(...) a process that the researcher engages in to remove, or at least become aware of prejudices, viewpoints, or assumptions regarding the phenomenon under investigation (...). This suspension in judgment is critical in phenomenological investigation and requires the setting aside of the researcher’s personal viewpoint in order to see the experience from itself” (1987:37 *apud* Maykut & Morehouse, 1994: 123).

Mas Van Manen (1990) sustenta que o investigador possui uma tendência natural para mediatizar a investigação sobre os fenómenos, a partir do seu pré-entendimento ou da sua parcialidade. A parcialidade estará sempre presente no investigador, mas, pode por ele ser consciencializada, ao entrar numa posição de suspensão ou *bracketing*, expressão originalmente utilizada por Husserl (Van Manen, 1990). Nesta perspetiva, o investigador deve, segundo van Manen (1990), assumir e aceitar as suas crenças, teorias e entendimentos sobre o fenómeno que se propõe investigar. É exatamente esta posição de suspensão que pretendemos praticar, colocando-nos em confronto com o nosso conhecimento pessoal, num ato de consciencialização voluntária, que revela o nosso pensamento sobre o fenómeno em análise e que é fruto da aprendizagem adquirida ao longo da nossa experiência pessoal e profissional. Deste modo, salvaguardei por escrito as pré-compreensões e assunções sobre o fenómeno, tal como aconselha Loureiro (2006). A lista obtida serve de *check-list* para a construção do instrumento de recolha de dados e para o processo de análise e interpretação, uma vez que permitir-nos-á testar essas ideias pré-concebidas no desenvolvimento da nossa pesquisa.

A apresentação das reflexões prévias sobre o fenómeno tem como objetivo fornecer o meu posicionamento de abordagem ao fenómeno. Assim, considero que:

- A experiência de envelhecer na Vila Adentro, comunidade urbana marcada pela desertificação humana, é, sobretudo, uma experiência de solidão e isolamento, vincada pelo fraco suporte familiar e pelas condições habitacionais precárias em que muitos habitam, transversal a todos idosos, independentemente do género, classe social e idade;
- A experiência de envelhecer na Vila Adentro é uma experiência vincada pela forte identidade dos idosos com o espaço físico onde habitam.

Não se trata, pois, de suspender o conhecimento que se tem do mundo, mas procurar reconhecer qual a compreensão que se tem do mundo e de um fenómeno em particular (Van Manen, 1990; Dahlberg et al. 2008). Refletir sobre as nossas crenças e motivações pessoais, intuições ou conhecimentos prévios facilita o processo pessoal de descentração e promove a adoção de uma perspetiva de abertura ao desconhecido (Munhall, 2007). Neste sentido, assumindo a existência do inconsciente humano e não sendo, por isso, possível elencarmos de forma exaustiva todas as nossas pressuposições, ideias pré-concebidas e motivações que estiveram na origem e na elaboração do estudo, algumas delas são, mesmo assim, acessíveis e incontornáveis, designadamente:

- Da experiência profissional – tendo exercido durante onze anos e de forma ininterrupta, as funções de Técnica Superior na área da habitação social e da ação social na Câmara Municipal de Faro beneficieei, no exercício profissional, do contacto direto e frequente com os munícipes do concelho, muitos deles pessoas idosas em situação de grande vulnerabilidade socioeconómica e habitacional, o que permitiu ter conhecimento de muitas situações complexas das suas vidas quotidianas, criando uma oportunidade de empatia para com a temática do envelhecimento e velhice;
- Da identidade disciplinar - no que refere à orientação escolhida para o estudo, é de referir que é sintónico com a nossa forma de compreender o ser Humano, como um ser ativo, integrado e em interação, um sistema aberto em constante mutação, devido às diversas influências que sofre e cuja riqueza e profundidade das experiências vivenciadas têm um significado por desvelar.

De acordo com Van Manen (1990), a questão fenomenológica fundamental não é sabermos pouco acerca de um fenómeno, mas aspirarmos a saber muito mais. É esta também a ideia que dá suporte à nossa pesquisa. Nesta perspetiva, pretendemos que o nosso estudo constitua não só um enriquecimento do nosso conhecimento enquanto investigadora, mas igualmente uma fundamentação para desmontar as ideias previamente preconcebidas.

10.OS PROCEDIMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

10.1 A Entrevista Fenomenológica: investigar a experiência tal como é vivida

Para van Manen (1990), o mundo da experiência vivida é a fonte e o objeto de pesquisa da fenomenologia. Fazer um estudo sobre a experiência de viver numa cidade numa fase mais avançada da vida, deve ser orientado no sentido de ser estabelecida uma ligação profunda ao significado desta experiência.

Para estudar a experiência vivida e aproximar-nos ao contexto da pesquisa, Van Manen (1990) indica várias formas de recolher dados para um estudo fenomenológico e sugere a entrevista como forma de recolher material narrativo, afirmando que esta pode constituir um recurso para melhor compreender a profundidade dos significados da experiência humana vivida e possibilitar o desenvolvimento de uma relação de diálogo entre entrevistador e entrevistado.

O objetivo da Entrevista Fenomenológica centra-se na exploração da experiência vivida. A Entrevista Fenomenológica é especialmente adequada para compreender as experiências dos participantes, em que cada palavra é um microcosmo de consciências (Seidman, 2006). Loureiro (2006) reconhece que a Entrevista Fenomenológica é muito diferente dos outros tipos de entrevista e vai além de um mero desenrolar de perguntas e respostas, devendo existir uma relação entre o participante e o entrevistador, e que se faça uso da reflexão, da clarificação, do pedido de exemplos e descrições, mostrando um interesse profundo pela história do outro.

As Entrevistas Fenomenológicas são designadas por Van Manen (1990) como Entrevistas Hermenêuticas ou Conversacionais que constituem momentos de reflexão conjunta. Morse (1996) define-as como apenas entrevistas. Quanto à sua estrutura, do ponto de vista da autora, as mais adequadas são as entrevistas semiestruturadas, pois constituem simultaneamente uma forma de colheita de informações e uma forma de análise dessas mesmas informações. É uma abordagem frequentemente utilizada pelos investigadores por fazer uso de “uma série de temas e tópicos em torno dos quais se constituem as questões no decurso da conversa” (Burgess, 2001:112).

O instrumento de recolha de dados que nos pareceu ser mais pertinente para este estudo foi a Entrevista Fenomenológica semiestruturada, pelo facto do nosso objeto de estudo requerer, por si só, a adoção de uma perspetiva mais intensiva, dado que se pretende explorar em profundidade o pensamento, os comportamentos e sentimentos dos sujeitos, em circunstâncias em que não há muita informação prévia. Van Manen (1990) afirma que a entrevista hermenêutica deve ser dirigida ao fenómeno, de modo a que o investigador não se perca numa grande quantidade de informação.

Tendo em consideração o objetivo e as questões de investigação foi construído um guião de entrevista semiestruturada, com a finalidade de obtermos respostas a essas mesmas questões (Apêndice I).

Na estruturação das questões fenomenológicas foram seguidas as sugestões feitas por Abrunhosa, que afirma que “(...) é preferível solicitar aos participantes que descrevam as experiências antes dos seus sentimentos, pois os sentimentos são provavelmente mais precisos e significativos após o entrevistado ter revivido verbalmente a experiência” (*apud*, Ramalho, 2009:54). De igual modo, foram tidas em consideração as recomendações de Seidman (2006) que encoraja o investigador a pedir aos participantes para que descrevam detalhes, não opiniões, nem significados, mas sim detalhes.

10.2 O Pré-Teste

Efetuada o guião de entrevista, o mesmo foi, submetido a um pré-teste, com o objetivo de determinar a sua qualidade e capacidade do mesmo recolher a

informação pretendida. De igual modo, permitiu-nos treinar a utilização do equipamento áudio; validar e clarificar as questões, bem como a sua pertinência; e por último, prever a duração média da entrevista.

Assim, as entrevistas pré-teste foram realizadas entre 6 e 8 de Março, tendo sido aplicadas a 3 (três) participantes (distintos em género, idade e classe social), os quais preenchiem os requisitos de inclusão previamente definidos.

As dificuldades relacionadas com o pré-teste traduziram-se essencialmente na inexperiência dos sujeitos em serem questionados para trabalhos académicos de investigação qualitativa. Felizmente, a cooperação e simpatia destes participantes permitiram superar estas dificuldades e tornaram o pré-teste possível. Os entrevistados apresentaram inicialmente algumas dúvidas relacionadas com a finalidade do estudo, a qual foi devidamente esclarecida pela investigadora. Não foram sentidas grandes dificuldades relativamente à compreensão das questões apresentadas no guião. Contudo, e por indicação do orientador, verificou-se a necessidade de introduzir algumas questões ao guião de entrevista inicial, tendo sido incluído um conjunto de quatro questões mais direccionadas especificamente para o caso de estudo.

10.3 Considerações Éticas e Deontológicas

O consentimento informado assemelha-se mais a uma amizade do que a um contrato, como sugerido por Bogdan & Biklen (1994), pelo que foi uma opção pessoal não preceder a realização da entrevista com qualquer registo por escrito do compromisso assumido com cada um dos participantes. Partilho do entendimento que, a partir do momento que estes aceitam conceder a entrevista e os contactos informais, estão a consentir uma participação voluntária no estudo. Por outro lado, em minha opinião, e atendendo à idade dos participantes, um consentimento por escrito iria causar maior desconfiança e desconforto, bem como distanciar ainda mais o investigador do participante. Assim sendo, entreguei a cada participante, no momento que antecedeu a entrevista, um documento com toda a informação considerada pertinente, assinado por mim e onde salvaguardo o cumprimento dos princípios éticos na elaboração do presente trabalho de investigação (Apêndice 2).

No presente estudo, os dados obtidos foram do conhecimento exclusivo da investigadora e do respetivo orientador. Na reserva da privacidade e do anonimato, foi atribuída uma codificação a cada entrevista, tendo todos os nomes citados sido alterados por fictícios, para que não se incorresse na possibilidade de serem identificados os sujeitos em questão.

10.4 Preparação e Realização das Entrevistas

No que respeita à preparação da entrevista e do ambiente onde deverá decorrer, a atitude do entrevistador e de como orientar a própria entrevista, procurei seguir as recomendações apresentadas por Bogdan & Biklen (1994). No que se refere à condução de uma entrevista em que o entrevistado é uma pessoa idosa, houve a preocupação de assimilar os contributos de Berger e Mailloux Poirer (1995), nomeadamente:

- Manter, ao longo de toda a entrevista, um espírito de abertura e compreensão que possibilite que o participante possa discutir sobre outros assuntos, sem se cingir estritamente ao assunto pretendido.
- Reforçar o uso da primeira pessoa do singular para que o idoso “(...) exprima de forma mais precisa aquilo que está a viver” (1995: 57).
- Utilizar um discurso conciso e objetivo, que dispense a utilização de vocabulário abstrato, que se pode tornar confuso para o idoso.
- Procurar desenvolver um discurso lento, de forma a adaptar-se ao idoso, facilitando a ocorrência de pausas, sempre que necessário, para o participante poder clarificar o seu pensamento.

De igual modo, tive em consideração algumas recomendações de Van Manen (1990), no que respeita aos participantes, de modo a favorecer a descrição das experiências vividas:

- Foi solicitado que descrevessem a experiência tal qual é vivida, tal como ela é, como lhes “sai” do seu interior: os seus sentimentos, o humor e as emoções, sem se preocuparem muito com o discurso, principalmente se essa preocupação colocar em risco o conteúdo da mensagem.

- Foi pedido que, sempre que possível, focassem experiências específicas ou acontecimentos que lhes tivessem sido de alguma forma marcantes.

Foram executadas 16 (dezasseis) entrevistas nos meses de Março, Abril e Junho de 2013, as quais vão ser trabalhadas neste estudo ²⁰. Gravadas em suporte áudio digital, após cedida autorização verbal para o efeito, e com uma duração que variou entre 15 a 58 minutos a sua recolha terminou com a saturação dos dados obtidos.

Em todos os casos, as entrevistas foram realizadas posteriormente à apresentação pessoal e profissional da investigadora. Foi-lhes dado a conhecer, num primeiro contato, os objetivos do estudo e os critérios de seleção, o carácter confidencial dos dados, e ainda a necessidade de registar através de gravação áudio as conversas e entrevistas que iriam ser realizadas. Em seguida, prosseguiu-se ao agendamento prévio com os participantes, não só com a finalidade de se marcar o dia, a hora e o local mais conveniente para a realização das mesmas, bem como para estabelecer um clima de confiança mútua conducente à participação, a mais voluntária e consciente possível.

11. OUTROS INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

A utilização de diferentes instrumentos de recolha é considerado o ponto forte dos Estudos de Caso, permitindo obter dados de diferentes tipos, usando múltiplas fontes de evidência, os quais possibilitam as diferentes perspetivas dos participantes no estudo e garantir as condições para a triangulação dos dados e para o conseqüente reforço da credibilidade do estudo qualitativo. No presente estudo a estratégia de pesquisa do Estudo de Caso fundamenta-se na recolha de dados apenas qualitativos, na posição defendida por Stake (1999).

²⁰ Foram registadas 6 (seis) recusas por parte de potenciais participantes femininas, alegando motivos quase sempre relacionados com as tarefas domésticas. Denotou-se uma maior abertura e disponibilidade por parte dos participantes masculinos em aceder à realização da entrevista, apenas em alguns casos, houve a preocupação de reconfirmar com a investigadora o sigilo dos dados recolhidos.

11.1 Notas de Observação

Notas de Observação ou Diário de Bordo nas palavras de Bogdan & Biklen são notas de campo que são “o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e reflete sobre os dados de um estudo qualitativo” (1994:150). Visto que a presente investigação circunscreve-se no paradigma qualitativo de natureza fenomenológica, a opção por um sistema de observação de registo aberto e descritivo, visa contribuir para a compreensão das unidades de significado e das temáticas emergentes das descrições significativas elaboradas pelos idosos.

Foram registadas como Notas de Observação, um resumo de todos os contactos estabelecidos com os participantes na realização das Entrevistas, bem como anotados os registos decorrentes da observação dos participantes na sua prática quotidiana. Os pensamentos sobre o processo, as considerações avaliativas sobre o desempenho enquanto investigador, as dúvidas e as sugestões de aprimoramento dos métodos utilizados foram também apontados. Estes elementos são sempre considerados fundamentais em estudos de investigação qualitativa.

A possibilidade de observar quase diariamente e de modo informal os participantes e algumas das rotinas desenvolvidas pelos mesmos no âmbito da sua vida quotidiana, bem como o respetivo espaço/comunidade onde habitam, permitiu um conhecimento que de outro modo seria impossível, um conhecimento interno e aprofundado, sem que para isso fosse necessário questionar ou interrogar, procurando que a familiaridade necessária à implementação deste método não prejudicasse a interpretação crítica da informação obtida.

11.2 Fontes Documentais

A par da Observação Direta e da Entrevista Fenomenológica, procedeu-se à recolha de dados em relatórios, registos, apresentações ou outro documentos que considere relevantes para contextualizar o caso, acrescentando informação e validando evidências de outras fontes da pesquisa.

12. CRITÉRIOS DE RIGOR CIENTÍFICO: CREDIBILIDADE, TRANSFERIBILIDADE E CONFIRMABILIDADE

Para Streubert & Carpenter, o objetivo da investigação qualitativa está relacionado com a apresentação rigorosa das experiências dos participantes, sendo o rigor “(...) demonstrado através da atenção que o investigador dá à confirmação da informação descoberta” (2002:33).

Segundo Loureiro (2006) na investigação qualitativa são estabelecidos os seguintes critérios de rigor científico: credibilidade, transferibilidade e confirmabilidade. No presente estudo, a credibilidade foi assegurada mediante a utilização de entrevistas semiestruturadas no processo de recolha de informação, nas quais constam questões abertas que favorecem a reflexão, a clarificação e exemplos das descrições e que permitem, desta forma, uma recolha em profundidade do relato das experiências vividas pelas participantes. A triangulação, de mais uma perspetiva de análise de um fenómeno através da Abordagem Fenomenológica e do Estudo de Caso é, igualmente, um contributo para elevar a credibilidade do presente estudo.

Na transferibilidade ou validade externa, e que se refere à capacidade de generalização dos achados, foi utilizada uma amostra intencional na seleção dos participantes, ao procurar aqueles que vivenciaram o mesmo fenómeno e que eram capazes de o comunicar. Isto faz que a transferência dos resultados para a população estudada não seja estatisticamente possível (nem procurada), embora seja possível realizar esta transferência para contextos com as mesmas características.

No atinente à confirmabilidade, todo o processo de investigação foi estruturado e documentado, permitindo verificar a informação e a documentação detalhada do processo, de forma a assegurar que outros investigadores sejam capazes de seguir o percurso de investigação e chegar a conclusões semelhantes.

PARTE III- DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO DO FENÓMENO EM ESTUDO

1. CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

A Tabela I apresenta alguns dados de caracterização dos 16 (dezasseis) participantes do estudo, os quais se encontram identificados através da designação da Letra (E) e de um número (1 a 16) atribuído pela ordem de realização das entrevistas. Os sujeitos submetidos ao pré-teste foram igualmente incluídos na amostra ²¹. Caracterizamos os participantes de acordo com o género, idade, estado civil, condição perante o trabalho, nível de escolaridade, situação na profissão, profissão/grande grupo de profissão, indicador individual de classe e número de pessoas do agregado familiar, conforme se pode observar na tabela 1.

A amostra é composta por 9 (nove) participantes do género masculino e 7 (sete) do género feminino. A média de idades é 72 anos ²². O intervalo de idades situa-se entre os 63 e os 87 anos, abrangendo, deste modo, idosos jovens, idosos médios e os idosos velhos, ou seja, todas as categorias de idosos mais utilizadas em Gerontologia. São predominantes nesta amostra os idosos jovens com idade igual ou inferior a 74 anos, com 10 (dez) participantes, seguidos por 5 (cinco) idosos médios com idades compreendidas entre os 75 e os 84 anos e, por último, apenas 1 (um) idoso velho com mais de 85 anos.

No que diz respeito ao estado civil, destacam-se os casados, com 7 (sete) participantes, seguidos dos viúvos com 4 (quatro) participantes, e por último, os divorciados/separados e solteiros com 2 (dois) participantes cada. Dos 16 (dezasseis) participantes, 6 (seis) vivem sozinhos: 2 (duas) mulheres e 4 (quatro) homens.

²¹ Os sujeitos foram incluídos na amostra dado não terem registado grandes dificuldades na compreensão das questões e porque o número de potenciais participantes elegíveis não se revelou muito significativo.

²² A média de idades das mulheres é de 73 anos, enquanto a dos homens é de 71 anos.

E	VARIÁVEIS DE CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES									
	Género	Idade	N. ^o 23	Estado Civil	Condição Perante o Trabalho	Escolaridade	Profissão (última ou atual)	Situação na Profissão 24	Grande Grupo de Profissão 25	Indicador Individual de Classe ²⁶
E1	M	66	1	Solteiro	Reformado	Sabe ler e escrever	Ajudante de Calceteiro	TCO	7 7.1.2.2	OI
E2	F	84	3	Viúva	Reformada	4. ^a Classe	Empregada de Escritório	TCO	4 4.1.9	PBE
E3	F	64	1	Casada	Doméstica	4. ^a Classe				
E4	M	87	1	Viúvo	Reformado	4. ^a Classe	Mecânico de automóveis	P	7 7.2.3.1.05	BEP
E5	M	66	2	Casado	Reformado	Ensino Industrial	Topógrafo	TCP	3 3.1.1.8.25	BP
E6	M	63	1	Viúvo	Reformado	Licenciatura	Professor	TCO	2 2.3.2.0	PBIC
E7	M	81	1	Divorc.	Reformado	4. ^a Classe	Motorista Pesados	TCO	8 8.3.2	OI
E8	F	74	1	Viúva	Reformada	3. ^a Classe	Empregada Limpeza	TCO	9 9.1.3.2	OI
E9	M	69	1	Casado	Reformado	Ensino Industrial	Serralheiro Civil	TCP	7 7.2.1.4.05	PBIP
E10	M	68	1	Casado	Reformado	Ensino Industrial	Antiquário	TCP	5 5.2.2.0.90	PBE
E11	M	67	1	Casado	Reformado	3. ^a Classe	Pescador	TCO	9 9.2.1.3	OA
E12	M	75	1	Casado	Reformado	4. ^a Classe	Operário de Adegas	TCO	7 7.2.3.3.90	OI
E13	F	64	1	Separ.	Exerce Profissão	6. ^o Ano	Auxiliar de Análises Clínicas	TCO	5 5.1.3.9.90	PBE
E14	F	67	Na ²⁷	Solteira	Reformada	6. ^o Ano	Membro de ordem religiosa	TCO	2 2.4.6.0.10	PBIC
E15	F	81	1	Divorc.	Reformada	Sabe ler e escrever	Empregada de Quartos	TCO	9 9.1.3.2	OI
E16	F	75	1	Casada	Reformada	3. ^a Classe	Empregada de Limpeza	TCO	9 9.1.3.2	OI

Tabela 1 - Caracterização Sociodemográfica dos Participantes

No que refere à condição perante o trabalho, apenas 1 (um) participante ainda se encontra a exercer uma profissão, sendo que a todos os outros já se reformaram. O nível de escolaridade prevalecte é o Ensino Primário (atual

²³ Indica o n.^o de pessoas que compõem o agregado familiar do participante, excluindo o próprio.

²⁴ TCO (Trabalhador por conta de outrem); P (Patrão); TCP (Trabalhador por conta própria)

²⁵ Consultar Classificação Nacional das Profissões, versão 1994, Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP), Ministério do Emprego e da Segurança Social.

²⁶ Fonte: Tomou-se a matriz de construção de lugares de classes elaborada por Magalhães, D. (2005) *Dimensão Simbólica de uma Prática Social: Consumo do Vinho em Quotidianos Portugueses*, Dissertação de doutoramento em Sociologia, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Anexos 5.11-5.13, pp. 835-836 e p. 479, nota 1072 (Ver Anexos 1 e 2).

²⁷ Não aplicável pois faz parte de uma congregação religiosa.

1.º Ciclo do Ensino Básico), com 5 (cinco) participantes a deterem a antiga 4.ª Classe, seguidos por 4 (quatro) que completaram apenas a 3.ª Classe, por 3 (três) que completaram o antigo Ensino Industrial (equivalente ao atual 9.º ano) e, ainda, 2 (dois) participantes que apenas sabem ler e escrever. No que refere à situação na profissão, prevalecem os trabalhadores por conta de outrem, com 11 (onze) participantes.

A distribuição dos participantes pelo grande grupo de profissões é bastante heterogénea, predominando o grupo 9 “Trabalhadores Não Qualificados” (4 participantes) e o grupo 7 “Operários, Artífices e Trabalhadores Similares” (4 participantes) e seguido pelo grupo 5 “Pessoal dos Serviços e Vendedores” (3 participantes). No que refere ao indicador individual de classe, prevalecem os participantes provenientes do Operariado com 7 (sete) elementos, seguidos pela Pequena Burguesia com 5 (cinco) elementos e, por último, apenas 2 (dois) participantes da Burguesia.

Na tabela 2 é efetuada uma caracterização do ambiente físico dos participantes, utilizando para o efeito as seguintes variáveis: título de ocupação, tipo de habitação, tempo de residência e morfologia urbana.

Caracterização do Ambiente Físico dos Participantes

Variáveis de Caracterização do Ambiente Físico				
E	Título de Ocupação	Tipo de Habitação	Tempo de Residência ²⁸	Morfologia Urbana ²⁹
E1	Arrendamento	Unifamiliar térrea	> 10 anos	Rua em piso de calçada paralelepípeda, semi-residencial com acesso pedonal e circulação automóvel.
E2	Arrendamento	Unifamiliar térrea (tipo duplex)	> 10 anos	Rua com ligeiro declive e em piso de calçada paralelepípeda, semi-residencial com acesso pedonal e condicionada ao trânsito de automóveis. É uma das principais vias de entrada na Vila Adentro.
E3	Arrendamento Comercial	Não Aplicável	> 10 anos	Rua com piso de calçada paralelepípeda, com comércio e serviços. Tem acesso pedonal e circulação automóvel. É uma das principais vias de entrada e saída na Vila Adentro.
E4	Arrendamento	Unifamiliar térrea	> 10 anos	Rua com piso de calçada paralelepípeda, semi-residencial com acesso pedonal e circulação automóvel.
E5	Propriedade	Unifamiliar térrea	1-10 anos	Rua com piso de calçada paralelepípeda, semi-residencial com acesso pedonal e circulação automóvel.
E6	Propriedade	Unifamiliar térrea	1-10 anos	Rua com piso de calçada paralelepípeda, semi-residencial com acesso pedonal e circulação automóvel.
E7	Arrendamento	Unifamiliar térrea (tipo duplex)	> 10 anos	Rua estreita, com piso de calçada paralelepípeda, semi-residencial e com acesso pedestre.
E8	Arrendamento	Unifamiliar (1.º Piso)	> 10 anos	Rua com ligeiro declive e em piso de calçada paralelepípeda, semi-residencial com acesso pedonal e condicionada ao trânsito de automóveis. É uma das principais vias de entrada na Vila Adentro
E9	Arrendamento Comercial	Não Aplicável	> 10 anos	Rua com piso de calçada paralelepípeda, com comércio e serviços. Tem acesso pedonal e circulação automóvel. É uma das principais vias de entrada e saída na Vila Adentro.

Tabela 2-Characterização do Ambiente Físico dos Participantes

²⁸ Tempo de residência refere-se ao número de anos em que o participante mora na habitação ou se encontra inserido na comunidade através do exercício de uma actividade profissional: < 1 ano, 1-10 anos e > 10 anos

²⁹ A morfologia urbana pode ser entendida, segundo Lamas (1992), como o estudo da forma dos aspetos exteriores do meio urbano. O autor sugere que esse mesmo estudo seja feito a partir da análise dos elementos morfológicos - as "unidades ou partes físicas que, associadas e estruturadas, constituem a forma", ou seja, o solo, os edifícios, o lote, o quarteirão, as fachadas, os logradouros, o traçado, as ruas, as praças, os monumentos, a vegetação e o mobiliário. Tomou-se a Rua como unidade de análise, pois é elemento predominante da constituição do espaço público, sendo analisado sucintamente o seu tipo e forma, com base nos dados provenientes da observação direta.

	Título de Ocupação	Tipo de Habitação	Tempo de Residência	Morfologia Urbana
E10	Arrendamento Comercial	Não Aplicável	> 10 anos	Rua com piso de calçada paralelepípeda, com comércio. Tem acesso pedonal e circulação automóvel. É uma das principais saídas da Vila Adentro.
E11	Arrendamento	Unifamiliar térrea	> 10 anos	Rua estreita e sem saída, com piso de calçada paralelepípeda semi-residencial, com acesso pedonal.
E12	Arrendamento	Unifamiliar térrea	> 10 anos	Rua estreita, com piso de calçada paralelepípeda, residencial com acesso pedonal e circulação automóvel.
E13	Propriedade	Unifamiliar térrea	> 10 anos	Rua com piso de calçada paralelepípeda, semi-residencial com acesso pedonal.
E14	Não Aplicável	Edifício Institucional	> 10 anos	Largo com piso de calçada paralelepípeda, com comércio e serviços. Tem acesso pedonal e circulação automóvel.
E15	Propriedade	Unifamiliar térrea	> 10 anos	Rua estreita, com piso de calçada paralelepípeda, semi-residencial e com acesso pedestre.
E16	Arrendamento	Unifamiliar térrea	> 10 anos	Rua estreita, com piso de calçada paralelepípeda, semi-residencial e com acesso pedestre.

Tabela 3-Characterização do Ambiente Físico dos Participantes

O tipo de habitação predominante é a habitação unifamiliar térrea. Dos 13 (treze) participantes que residem na Vila Adentro, 8 (oito) habitam em casa arrendada e apenas 4 (quatro) são efetivamente proprietários dos imóveis. Uma participante reside num edifício institucional. Apenas 2 (dois) residem na Vila Adentro há menos de 10 anos.

Na amostra encontram-se, igualmente, 3 (três) participantes que têm um espaço comercial arrendado, no qual exercem a sua atividade profissional na Vila Adentro.

2. NOTA BIOGRÁFICA DOS PARTICIPANTES

Com base nos dados recolhidos por intermédio das entrevistas e da observação, é apresentado em Apêndice 3, uma nota biográfica – ainda que sintética -, que nos permite complementar a caracterização descrita na tabela 2, bem como descrever as estruturas individuais do fenómeno, as experiências concretas dos participantes.

3. ANÁLISE TEMÁTICA E COMPREENSIVA DOS DADOS

A transcrição integral das 16 (dezasseis) entrevistas que foi feita o mais próximo possível da sua realização, para se ter presente todo o contexto e o registo dos seus aspetos não-verbais, constituem o “*corpus*” principal que foi sujeito à análise. Após várias leituras e releituras das entrevistas, deu-se início à análise dos dados, propriamente dita, o início da reflexão fenomenológica, em que se procurou interpretar e compreender o fenómeno em estudo, com base nos enunciados verbais dos participantes e dar resposta às questões de investigação formuladas no início do estudo.

A revisão da literatura foi efetuada após a reflexão fenomenológica, por forma a ser obtida uma descrição “pura” do fenómeno em investigação e a minimizar a influência de ideias pré-concebidas sobre a investigação. Yin (2005) deixa aos investigadores a possibilidade de não terem quadros teóricos prévios, de modo a que o Estudo de Caso possa partir os moldes “*break the mold*”.

A identificação dos temas fenomenológicos ou estruturas de significado foi efetuada segundo as orientações propostas pelo método fenomenológico hermenêutico de Van Manen (1994). Numa primeira fase foi efetuada uma aproximação como um todo, com a leitura integral de cada transcrição e com o objetivo de apreender o significado do fenómeno. Em seguida, demos lugar a uma aproximação seletiva, lendo e relendo as entrevistas, tentando encontrar as frases reveladoras, os temas ligados à experiência em estudo. Por último, chegámos a uma análise detalhada e pormenorizada, em que foi analisado cada um dos indicadores, questionando o que cada um revelava acerca da experiência de viver num meio urbano nas fases adiantadas da vida.

A informação recolhida foi indutivamente analisada, tendo emergido as categorias temáticas³⁰ que nos permitiram estruturar uma linha narrativa e criar um texto interpretativo, constituindo-se este como um processo hermenêutico (Van Manen, 1994).

A apresentação dos dados segue uma orientação baseada nas questões de investigação colocadas. São apresentados excertos das narrativas

³⁰ Para uma melhor elucidar a forma como foram construídas as categorias temáticas, identificadas as frases reveladoras e as unidades de significado, deverá ser consultado o Apêndice 4.

experienciais ³¹, que proporcionam uma descrição mais vívida das experiências dos participantes. Neste processo, procurei manter uma constante orientação para o fenómeno em estudo, bem como para as partes e o todo, conforme sugere Van Manen (1994). Para uma melhor compreensão das categorias temáticas identificadas, a análise é concluída por um breve esquema reflexivo.

3.1 ORGANIZAÇÃO DA VIDA QUOTIDIANA

Para responder à primeira questão de investigação “Como se estrutura a vida quotidiana das pessoas idosas que vivem num meio urbano?” foi identificado o tema “Organização da Vida Quotidiana”, o qual está subdividido em dois subtemas: “Trabalho” e “Convívio e Lazer”.

O envelhecimento reveste-se de diversas configurações, embora sempre associadas à descontinuidade ocupacional. A desestruturação da temporalidade e da espacialidade associadas a esta nova fase da vida vem remodelar, do ponto de vista diacrónico, o ciclo de vida do idoso. Com o fim dos horários profissionais, este grupo social depara-se agora com a possibilidade de reorganizar a sua vida quotidiana e poder gerir as tarefas que pretende realizar, sendo que para muitos dos idosos o mundo do trabalho continua a ser uma realidade.

Em termos analíticos, esta categoria temática permite-nos compreender como as pessoas idosas residentes em meio urbano estão a investir o seu tempo e revelar a forma e a qualidade da sua vida quotidiana em grandes detalhes, e em que medida esta organização é determinada por fatores sociodemográficos e ambientais, bem como pelos indicadores de classe social.

³¹ Os excertos das narrativas experienciais encontram-se identificados por participante, condição perante o trabalho, indicador individual de classe e idade.

3.2 Trabalho

Neste subtema foram identificados 3 (três) tipos de trabalho: o “Trabalho Remunerado” e os “Trabalhos Manuais Não Remunerados” que constituem Trabalho Não-doméstico, e por último, o “Trabalho Doméstico”.

3.2.1 Trabalho Remunerado

Mesmo após a passagem à reforma, a relação com o trabalho, -uma atividade de carácter produtivo- continua a ser importante na vida destes participantes masculinos:

|o dia-a-dia| “Como as reformas são o que são, temos de continuar enquanto pudermos (...) O dia-a-dia? O dia-a-dia é... trabalhar durante, normalmente, desde as nove até... às seis, sete.”

E5 (L21-23), Reformado, BP, 66 anos

|o dia-a-dia| “Sim, estou reformado, mas continuo a trabalhar (...). Não é com 350 euros que eu vivo. Vou trabalhar até poder (...).O meu dia-a-dia é levanto-me cedo (...) Trabalho mais do que muitos novos. Venho para aqui, ver se faço qualquer coisa, à espera que apareça trabalho (...).”

E9 (L29-32), Reformado, PBIP, 69 anos

|o dia-a-dia| “ (...) Estou reformado, mas continuo a trabalhar.”

E10 (L5), Reformado, PBE, 68 anos

São os idosos entre os 65 e os 69 anos que, embora se encontrem reformados, continuam a desenvolver a sua atividade profissional na Vila Adentro, durante os dias da semana, visando adquirir um rendimento que lhes permita complementar a pensão de reforma. É manifesta a influência da classe social na organização de uma vida quotidiana centrada no trabalho remunerado e na manutenção de um estatuto social fundamental para o desenvolvimento da identidade.

Para esta participante, o trabalho remunerado é, ainda, o seu principal meio de vida e, em torno do qual, são estruturadas as rotinas diárias, como podemos interpretar através da sua narrativa:

|o dia-a-dia| “Todos os dias é a mesma coisa. Levanto-me por volta das seis e meia, sete horas da manhã. Trato daquilo que posso, tomo banho, entro às 8 ao serviço (...) Cinco e meia, seis horas, cinco meia não, mais seis horas venho para casa. Já trabalho lá há 43 anos e não há um horário rígido a cumprir, o serviço é que tem de ser feito. E então aquilo é a minha casa. É uma família (...).”

E13 (L34-39), Exerce Profissão, PBE, 64 anos

A organização da vida quotidiana da participante E3 é efetuada em função do trabalho efetuado, dentro e fora do espaço doméstico:

|o dia-a-dia| “O meu dia-a-dia durante a semana é um dia a dia normal. Levantar, fazer as compras e vir para aqui trabalhar e ir à noite para casa trabalhar outra vez (...).”

E3 (L30-32), Doméstica, 64 anos

3.2.2 Trabalhos Manuais (não renumerados)

Estes participantes que, no passado exerceram profissões que exigiam certas habilidades mecânicas e destreza física, praticam agora com elevado grau de efetividade, capacidade criativa e autorrealização, outros trabalhos manuais (não remunerados) os quais vão ao encontro dos seus gostos e preferências, tais como a pintura, costura, construção civil e decoração:

“|o dia-a-dia| “Estou agora a trabalhar numa casa do meu filho, uma casa aqui deste lado na Rua Brites de Almeida que ele herdou (...). Eu gosto de entreter-me, gosto de estar a mexer, estou a arranjar aquilo tudo. Sirvo de pedreiro e pintura.”

E 4 (L 52-53), Reformado, BEP, 87 anos

“Durante o dia faço isto que vê, trabalhos de costura, decoração, tudo um pouco.”

E 12 (L56), Reformado, OI, 75 anos

3.3 Trabalho Doméstico

O terceiro tópico identificado relaciona-se com as atividades direta e indiretamente associadas à manutenção e organização do ambiente doméstico. Existe uma influência do gênero, pois há claramente uma feminização das atividades domésticas. As participantes, independentemente da sua idade, classe social, das suas limitações físicas e dos seus contextos sociofamiliares, fazem das atividades domésticas uma prioridade em termos da ocupação do seu dia-a-dia. O envolvimento nestas atividades (fazer o almoço, passar a ferro, fazer as compras, arrumar os quartos, entre outras) com elevada autonomia parece contrariar o sentimento de inutilidade que aflige muitas destas idosas, reforçar a sua autoestima e impedir, em alguns dos casos, que se sintam desinseridas da vida familiar:

|o dia-a-dia| “(...) Faço o almocinho. Quando chega a hora do almoço já não posso endireitar-me (sorri). Depois do almoço, já ando assim (finge curvatura), já não consigo endireitar-me. Vou-me deitar, deito-me, estou ali um bocado deitada. Tenho uma roupinha para passar a ferro, vou passar a ferro. (...) Agora estava ali a escolher a roupa e dobrá-la. (...)”

E2 (85-96), Reformada, PBE, 84 anos

|o dia-a-dia| “Costumo ir às compras à tarde, ao Minipreço, com o meu carrinho de compras, pego no carrinho e vou (...) Depois vou passar a ferro se tiver roupa para passar a ferro, vou por a lavar se tiver roupa suja (...)”

E15 (L52-57), Reformada, OI, 81 anos

|o dia-a-dia| “ (...) Depois vou fazer as minhas compras, vou ao pão ou à mercearia, se for preciso. Faço o que tenho a fazer, venho para casa, faço a minha cama, arrumo o meu quarto (...)”

E16 (L36-38), Reformada, OI, 75 anos

No que refere ao participante masculino, que vive sozinho, este assegura integralmente a realização e a manutenção das tarefas domésticas:

|o dia-a-dia| “Como vivo só, eu tenho de fazer tudo.”

E7 (L69), Reformado, OI, 81 anos

3.4 Convívio e Lazer

O “Convívio e Lazer” é o segundo subtema identificado no tema “Organização da Vida Quotidiana” e nasce da necessidade de identificar quais as atividades escolhidas pelos participantes para ocupação do tempo ³². Na análise das descrições, constata-se que são, essencialmente, os idosos masculinos que valorizam as atividades cuja principal função é a interação com outras pessoas, tais como conversar e conviver. Os elementos com mobilidade reduzida parecem privilegiar o convívio com os amigos em áreas verdes de lazer próximo dos seus locais de residência:

|o dia-a-dia| “É conversar uns com os outros...é passear.... De manhã levanto-me, venho para aqui e depois almoço e depois vou lá para baixo para a vadiagem (...).”

E1, (L33-35), Reformado (Invalidez), OI, 66 anos

|o dia-a-dia| “ (...) Saio de casa e vou para além, para a sombra da ciência viva, estão ali uns bancos, aparecem os amigos, estamos ali até às cinco horas.”

E11, (L 65-66), Reformado (Invalidez), OI, 67 anos

Ao contrário das restantes participantes, a participante E8 é a única que não dedica o seu dia-a-dia exclusivamente às tarefas domésticas e que preenche as suas tardes em atividades de convívio com as suas amigas. Este convívio tem lugar nas mesmas áreas verdes de lazer, que os participantes masculinos costumam frequentar:

(...) Almoço, depois é que vou ter um bocadinho ali com elas no banco do jardim ao pé da CGD. Uma diz uma coisa, outra diz outra.”

E8 (L56-58), Reformada (OI), 74 anos

Parece, pois, existir uma sensação de segurança por parte destes idosos no cenário urbano onde convivem, pois não lhes afeta a vontade de saírem à rua, o que poderia configurar uma restrição à sua independência, à sua integração social e ao seu bem-estar emocional. De igual modo, a classe social parece ter

³² Os participantes que estão identificados neste subtema não exercem qualquer trabalho remunerado ou não remunerado.

influência na escolha do convívio e do lazer como modo de ocupação passiva dos tempos livres, pois é uma das atividades preferidas pelos indivíduos provenientes das classes mais baixas e menos qualificadas da amostra.

Em sentido contrário, um dos participantes privilegia a prática de atividades físicas e a procura de conhecimento, quer através da leitura especializada, como por intermédio da frequência da academia sénior, na ocupação dos tempos livres:

[o dia-a-dia] “Eu sou uma pessoa que gosta de levantar-se e acordar cedo e fazer algum desporto, ter alguma atividade física, para manter-me bem. Depois faço leituras, há épocas em que contacto amigos para ter alguma ligação com as engenharias, e atualmente, à tarde frequento uma academia sénior (...).”

E6, (L 48-53), Reformado, PBIC, 63 anos

A descrição da estruturação da vida diária dos idosos reflete, como podemos constatar, uma heterogeneidade de conteúdos, representando as diferenças entre os indivíduos, em função das suas histórias de vida (Doimo & Derntl, 2011), produto da interação entre história pessoal, personalidade e experiências sociais partilhadas no tempo (Goldstein; Siqueira *apud* Doimo & Derntl, 2011).

4. MOMENTOS SATISFATÓRIOS NA VIDA QUOTIDIANA

Para responder à segunda questão de investigação “Quais os momentos mais fáceis e satisfatórios na vida quotidiana das pessoas idosas?”, foi constituída apenas uma categoria temática: “Momentos Satisfatórios na Vida Quotidiana” e que agrega 4 (quatro) subtemas: “Quando convivo com amigos e realizo outras atividades”; “Quando realizo trabalho doméstico”; “Quando realizo Trabalho Não-doméstico”; e por último, “Todos os momentos são satisfatórios”. A pergunta foi aberta, por forma a permitir responder livremente e a explorar quais as principais fontes de satisfação da vida quotidiana destes participantes, bem como se estes momentos são influenciados por fatores sociodemográficos e ambientais, bem pelos indicadores de classe social.

4.1 Quando convivo com amigos e realizo outras atividades

Dumazedier define lazer como:

“(...) Conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares “ (1973:34).

A prática de atividades sociais, de lazer e de enriquecimento pessoal destaca-se na vida quotidiana destes participantes residentes em meio urbano, como um fator positivo e de satisfação com a vida. Os participantes masculinos e neste caso, com mobilidade reduzida, parecem valorizar atividades pouco exigentes e dinâmicas do ponto de vista físico, ao referir que as experiências quotidianas que lhes proporcionam momentos mais satisfatórios são o convívio social com membros da mesma geração, nos espaços públicos circundantes (áreas verdes de lazer), de fácil acesso e que dispõem de bancos e áreas para sentar e descansar ³³:

“Gosto muito de estar com os meus amigos, de estarmos ali no convívio uns com os outros (...).”

E1 (L46-47), Reformado (Invalidez), OI, 66 anos

“É a conversa com o pessoal da minha idade, isso sim.”

E11 (L83-84) Reformado (Invalidez), OA, 67 anos

Parece ser ainda mais evidente que o convívio como fonte de satisfação parece ser influenciado pela classe social, uma vez que é eleito pelos indivíduos provenientes das classes mais baixas e menos qualificadas da amostra.

³³ Segundo a OMS (2007), os espaços abertos têm um impacto importante na mobilidade, independência e qualidade de vida dos idosos e afetam sua capacidade de “envelhecer no seu próprio lugar”.

No caso do participante E1, é relatada uma outra experiência satisfatória, traduzida numa forma de lazer passivo, que não exige nem esforço físico, nem uma participação ativa, e que é a assistir à televisão:

“A televisão é a minha companhia durante a noite, só passam polícias e as novelas da TVI. Fico a ver as novelas da TVI até quase à uma hora da noite, eu gosto de ver...”

E1 (L48-50), Reformado (Invalidez), OI, 66 anos

Um outro participante masculino afirma que gosta de conversar com as “senhoras”, assim como ver reconhecido por terceiros que a sua idade funcional está desfasada da sua idade cronológica. Estas duas circunstâncias suscitam-lhe sentimentos positivos e de satisfação pessoal:

“ (...) Também tenho essas senhoras e eu gosto de conversar com elas (*sorri*). Eu depois sinto-me bem...”

E 4 (L 81-83), Reformado, BEP, 87 anos

“E também gosto de ouvir as pessoas dizer que eu nem pareço ter a idade que tenho (*sorri*).”

(L 89-90)

Este mesmo participante associa, de igual modo, os momentos mais satisfatórios da sua vida quotidiana a práticas mais ativas e realizadas no exterior, como o passeio de automóvel e de bicicleta, bem como o trabalho não-doméstico, pois são atividades que, ainda, se mostram compatíveis com as suas condições físicas e psicológicas e mesmo ambientais:

“Gosto de passear. Às vezes não passeio mais porque sozinho aborreço-me (...). E às vezes quando vejo os meus amigos vamos dar umas voltinhas, com o carro que é um Renault Clio e também ando de bicicleta, por cima dos passeios.”

E4 (L84-88), Reformado, BEP, 87 anos

“Para mim fácil, é estar entretido em qualquer coisa. Se não tiver nada para fazer estou aborrecido. Sempre fui amigo de trabalhar. Os momentos mais fáceis são quando trabalho (...)”

(L73-76)

À semelhança do participante E4, as fontes de satisfação para o participante E7 são, provenientes de atividades mais dinâmicas e realizadas fora do domicílio, embora este último participante valorize também uma atividade doméstica que é cozinhar:

“Eu gosto de cozinhar e também gosto de comprar e claro de passear também gosto, isso então (...)”

E7 (L70-72), Reformado, OI, 81 anos

As atividades de lazer indicadas como satisfatórias para o participante E6, são as que envolvem interação com outras pessoas, bem como aquelas que, normalmente, são realizadas de forma privativa, como a leitura e a televisão:

“Os mais fáceis... eu, por exemplo, o ler, o frequentar as aulas na academia para reforçar os conhecimentos, faço e gosto muito. Também gosto de ter os meus momentos ísós, além da leitura, para ver televisão. São momentos fáceis, gosto.”

E6 (L77-80), Reformado, PBIC, 63 anos

A leitura, além de proporcionar novos conhecimentos, favorece a integração social e permite a manutenção das funções intelectuais. Todavia, é uma forma de lazer que tem carácter mais intimista. É a atividade mais satisfatória indicada pelas seguintes participantes mais novas:

“Talvez ler, Leio pouco, eu gosto de ler do fim ao princípio, se não for assim, não consigo.”

E13 (66-67), Exerce Profissão, PBE, 64 anos

“ (...) Gosto de ler, adoro ler (...)”

E3 (L50), Doméstica, 64 anos

Contudo, para ambas as participantes os bons momentos da vida quotidiana não decorrem somente da prática de leitura. Para a participante E13, o trabalho não-doméstico é a verdadeira fonte de satisfação pessoal:

“Trabalho, é o que me distrai mais (...)”

E13 (L61), Exerce Profissão, PBE, 64 anos

Todavia, é a principal mas não é exclusiva, como se pode confirmar na seguinte narrativa:

“ (...) Embora goste muito de estar em casa.”

E 13 (L 61)

No caso da participante E3, os momentos de satisfação são proporcionados pela execução do trabalho doméstico e não-doméstico, este último prestado diariamente na oficina do marido:

“Hum, gosto de fazer tudo, de trabalhar aqui na oficina, de fazer o almoço.”

E3 (L49-50), Doméstica, 64 anos

Este tipo de atividades – diretamente relacionadas à liberdade individual – que não se revestem de obrigatoriedade e envolvem a necessidade de preencher significativamente o tempo livre constituem fontes de realização e satisfação pessoal para estes participantes, sendo que determinadas práticas de lazer parecem ser influenciadas pela classe social e, ainda, pelas oportunidades concedidas pelo meio social e pelo próprio ambiente da Vila Adentro.

4.2 Quando realizo Trabalho Doméstico

As participantes dedicam uma grande parte do seu dia-a-dia na execução das tarefas domésticas. Embora possam começar a ser penosas do ponto de vista físico, atendendo à idade avançada das mesmas e aos seus problemas de saúde, as tarefas domésticas proporcionam-lhes sensações de segurança e conforto, bem como uma enorme satisfação e realização pessoal com a vida quotidiana, como se pode observar nas suas narrativas:

“Pois é arrumar a casinha e ver as coisas todas limpinhas, mas às vezes não posso... (...)”

E2 (L114-115, Reformada, PBE, 84 anos)

“Eu gosto de fazer tudo em casa, limpar, arrumar, cozinhar. Não consigo ver nada por fazer... Vou às compras. Ninguém corre atrás de mim...”

E15 (L72-74), Reformada, OI, 81 anos

“(...) Eu gosto muito da vida da casa, há pessoas que não gostam, mas eu adoro.”

E8 (L73-74), Reformada, OI, 74 anos

Também o participante masculino, que vive sozinho e sem qualquer retaguarda familiar, aprecia a realização das tarefas domésticas, que executa com elevado grau de autonomia:

“Como vivo só, eu tenho de fazer tudo. Mas faço de bom gosto e faço na hora, não deixo nada para trás.”

E7 (L69-70), Reformado, OI, 81 anos

4.3 Quando realizo Trabalho Não-doméstico

Para estes participantes residentes em meio urbano, o trabalho continua a ser uma atividade intrinsecamente recompensadora, uma experiência extremamente positiva e satisfatória nas suas vidas quotidianas, pois envolve desafios significativos que continuam a corresponder às suas competências funcionais e que permitem evitar o surgimento de sentimentos de negatividade e inferioridade, muitas vezes característicos da passagem à reforma.

O trabalho não-doméstico pode ser remunerado:

“Mais fácil para mim é trabalhar (sorri). (...) Foi coisa que nunca tive problemas. Faço com gosto. É aquilo que mais me distrai é o trabalho, mais do que o cinema, televisão ou futebol ou outra coisa...”

E5 (L30-32), Reformado, BP, 66 anos

“Quando trabalho na minha arte (...). Gosto também de inventar coisas.”

E9 (L42, L 46), Reformado, PBIP, 69 anos

O trabalho não-doméstico também pode estar a ser exercido a título voluntário, de acordo com as competências e com o estado de saúde de cada participante:

“Remendo as redes com facilidade, só da parte da manhã, porque à tarde está muito calor aqui.”

E11 (L81-82), Reformado (Invalidez), OA, 67 anos

“Estas brincadeiras distraem-me, são coisas que eu invento, lembro-me a fazer e faço. Para mim é uma alegria fazer isto....”

E12 (L65-67), Reformado, OI, 75 anos

“Gosto muito de cair, de mexer, adoro.”

E 8 (L 72-73), Reformada, OI, 74 anos

Estas narrativas sugerem que os participantes cujos momentos gratificantes são atribuídos à execução deste tipo de atividades, exercidas a título não remunerado, são oriundos das classes trabalhadoras menos qualificadas da amostra.

4.4 Todos os Momentos são satisfatórios/ Não há momentos difíceis

O Bem-Estar Subjetivo está relacionado com as experiências de vida e com o estado emocional dos participantes. Para estes participantes, o bem-estar subjetivo parece residir fortemente na sua experiência pessoal, não compreendendo somente a ausência de fatores negativos mas, também, a evocação do modo e dos motivos que os levam a viver as suas experiências de maneira positiva e que são manifestadas através de sentimentos e de constructos psicológicos como a felicidade e a satisfação pessoal, da perceção subjetiva do estado de saúde e das suas competências funcionais:

“São todos, faço muita coisa, as minhas brincadeiras (mostra as suas peças decorativas), os peixes, as cobras, isto, aquilo...”

E 12 (L65-67), Reformado, OI, 75 anos

“Para mim é tudo fácil. Só uma coisa é que não é tão fácil, que é a cozinha. Nunca gostei de cozinhar e no entanto tem sido praticamente a minha vida (ri). Não tenho muito jeito, mas tenho de cozinhar (...) Olhe para dizer a verdade, acho que não tenho assim momentos difíceis.”

E 14 (L57-60), (L70-71), Reformada, PBIC, 67 anos

“Mais fáceis, todos os momentos para mim são fáceis. (...) Porque estou viva e ainda me posso mexer. Tenho tido problemas de saúde, mas são pontuais.”

E3 (L46-47), Doméstica, 64 anos

“Faço ainda tudo com facilidade. Só uso o cajado para sair (...).“Gosto de fazer tudo, não há nada que me chateie.”

E16 (L50-51), Reformada, OI, 75 anos

“Hum... Não tenho momentos difíceis, limpo as escadas, faço a cama, eu na tropa fazia isso, faço bem também em casa. Tenho é problemas na perna que às vezes me dói.”

E 1 (L53-55), Reformado (Invalidez), OI, 66 anos

Em suma, a satisfação com a vida é, pois, um fenómeno complexo, subjetivo e individual e que, neste estudo, não parece ser determinado pela idade, classe social, género ou condições de saúde.

5.MOMENTOS INSATISFATÓRIOS NA VIDA QUOTIDIANA

Para responder à terceira questão de investigação “Quais os momentos mais difíceis e menos satisfatórios na vida quotidiana destas pessoas idosas?” foi apenas identificado um tema: “Momentos Insatisfatórios na Vida Quotidiana”, o qual está subdividido em 7 (sete) subtemas: Quando me confronto com a falta de apoio familiar; Quando não consigo fazer as atividades (ou não consigo realizá-las como realizava no passado); Quando não tenho nada para fazer; Quando sinto solidão e me sinto sozinho; Quando me confronto com más condições de habitabilidade; Quando ainda lido com a pressão no trabalho e, por último, Quando penso em cortes nas pensões.

O objetivo desta questão aberta foi identificar e descrever os momentos mais difíceis e menos satisfatórios das pessoas idosas residentes em meio urbano,

bem como analisar se estes momentos são determinados por fatores sociodemográficos e ambientais, bem pelos indicadores de classe social.

5.1 Quando me confronto com a falta de apoio familiar

Os participantes E7 e E2 sugerem perdas nas relações pessoais com os filhos:

" (...) Tenho filhos, um casal. A minha moça está em Lisboa há muitos anos. O meu moço está aqui. Quando a gente se encontra é "isto e mais isto" (*finje abraçar*), mas que ele se preocupe comigo, mesmo vendo na televisão tantos casos de idosos que morrem sozinhos em casa, que ele já ouviu com certeza... Não é pessoa que diga deixa lá ver o meu pai...se morreu hoje, ontem, no mês passado! "

E 7 (L 20-25), Reformado, Ol, 81 anos

"Tenho outro filho, mas é como se não tivesse. Tenho dois. É triste uma mãe dizer isto. Um dia cheguei aqui e ele estava a fazer uma caixa e disse-me que se ia embora. E foi-se embora, nunca me perguntou se eu tinha dinheiro para comer, se eu passava fome... O meu neto e eu passámos muitas dificuldades, comemos muitas "sopinhas de tomate", mas não passámos fome. Sei que está lá para Albufeira. Há uns quinze anos, que não o vejo! "

E2 (L 139-144), Reformada, PBE, 84 anos

Estes participantes estão conscientes do abandono que sofreram por parte dos seus filhos, sentimento esse que se encontra plasmado nas narrativas em que transparecem, igualmente, experiências de esquecimento, isolamento, indiferença, rutura ou fragilidade da ligação afetiva.

5.2 Quando não consigo fazer as atividades (ou não consigo realizá-las como realizava no passado)

A incapacidade funcional é descrita por Yang & George (2005) como a inabilidade ou a dificuldade em realizar tarefas que fazem parte do quotidiano do ser humano e que, regra geral, são indispensáveis para uma vida independente na comunidade. Os participantes descrevem limitações em algumas ações básicas da sua vida quotidiana, e que muito curiosamente, não

têm uma relação direta com os problemas de saúde que ambos padecem ou padeceram ³⁴:

"É aquilo que a saúde não permite, quando sinto-me mal disposto, almareado (...) É não ver ao perto, já não vejo as letras, as legendas dos filmes."

E11 (L 88-90), Reformado (Invalidez), OA, 67 anos

"Eu sou uma pessoa que não tenho muita iniciativa, lá vou fazendo o que posso, mas às vezes é difícil, vai faltando criatividade, imaginação para fazer certas coisas."

E 14 (L 73-75), Reformada, PBIC, 67 anos

A incapacidade pode significar a inabilidade no desempenho de atividades produtivas ligadas ao trabalho:

"Gostava de trabalhar, mas não posso (*pausa*) ...gostava de ter uns biscatezitos, as pessoas pediam-me para cair e eu caíava aos sábados e domingos. Eram uns biscatezinhos que eu fazia. Gostava de poder mexer nalguma coisa...mas agora já não posso."

E1 (L55-58), Reformado (Invalidez), OI, 66 anos

Não é só o facto de não dispor de condições físicas para desempenhar tarefas produtivas, mas também a inatividade, que muitas vezes procura compensar com o consumo de televisão, que constituem neste caso, as fontes de insatisfação deste participante:

"Mas às vezes estou aborrecido em casa, até a ver televisão estou aborrecido, mas depois passa, esqueço tudo...."

(L 61-62)

No caso das participantes E2 e E16, a incapacidade funcional refere-se à impossibilidade e à limitação no desempenho das atividades domésticas:

"Mais difícil é querer fazer as coisas e não poder."

E2 (L126), Reformada, PBE, 84 anos

³⁴ Mais propriamente no caso de E11 (historial de doença das artérias periféricas circulatória, com amputação de membro inferior) e no caso de E14 (historial de doença oncológica).

"Eu o que me custa é às vezes querer limpar a casa e ter que carregar com o balde e esfregona. Custa, ai custa."

E 16 (L57-58), Reformada, OI, 75 anos

Na narrativa da participante E15 são descritas algumas mudanças na forma como a atividade doméstica (passar a ferro) é agora realizada:

"Passar a ferro, apanha-me as pernas. Fico os pés inchados (*mostra os pés*). Estou muitas horas de pé e faz-me muito mal ao coração. Passo a ferro e sento-me um bocado...e vou fazendo assim."

E15 (L77-80), Reformada, OI, 81 anos

A partir da análise destes dados, verificamos que os momentos mais difíceis e insatisfatórios da vida quotidiana atribuídos às perdas funcionais apresentam uma estreita relação com a idade avançada e o género do participante. Estas participantes femininas estão mais vulneráveis e podem vir a necessitar de assistência de cuidadores informais.

5.3 Quando não tenho nada para fazer

Com a entrada na reforma podem ocorrer um conjunto diversificado de ruturas sociais, entre as quais o abandono de uma vida profissional ativa. Neste sentido, os indivíduos passam por uma profunda alteração dos papéis sociais e de reconstrução identitária e têm que encontrar novas formas de ocupar o tempo livre, por forma a evitar sentimentos de baixa autoestima, isolamento e depressão. As narrativas experienciais comprovam que a descontinuidade ocupacional e a inatividade caracterizam os momentos insatisfatórios da vida quotidiana destes participantes:

"E estar parada não gosto. Gosto de mexer."

E16 (L62), Reformada, OI, 75 anos

Também se pode interpretar nos dados obtidos, que os participantes empregam estratégias para superar o vazio provocado pelo tempo desocupado:

"É estar parado, não ter nada que fazer. Nessas alturas, vou dar uma volta para espairecer. "

E 9 (L56-57), Reformado, PBIP, 69 anos

Para o efeito, a participante E3 procura preencher os tempos livres de um modo criativo:

"Os momentos que não me dão prazer e que me deixam nervosa e insatisfeita são aqueles que não tenho nada para fazer. Estar parada sem fazer nada é que não. Invento coisas para fazer..."

E3 (L61-63), Doméstica, 64 anos

A sensação de vazio decorrente das mudanças de rotina não é a única fonte de insatisfação para a participante E8, a qual destaca, de igual modo, os momentos em que se sente só:

"Quando não tenho nada para fazer e quando estou sozinha..."

E8 (L86-87), Reformada, OI, 74 anos

5.4 Quando sinto Solidão e me sinto sozinho

Machado Pais (2006) refere que a Solidão é um conceito sensibilizador, ou seja, um conceito que, não possui delimitações determinadas, apenas é sugerido por indícios, sugestões e orientações, não sendo óbvia uma demarcação entre o que é ou não é solidão, bem como não se vive a Solidão nem em estado puro nem em absoluto. Recordando Paul (1997), os idosos têm uma "maior vulnerabilidade para experimentarem solidão..."

Nas narrativas experienciais, podemos verificar que são relatadas vivências de solidão, talvez solidão da ausência, que Machado Pais (2006) descreve como a ausência de alguém e que esta é, sobretudo, vivida entre os participantes que vivem sozinhos e que passaram pelo processo de perda de alguém muito

querido ou próximo. De igual modo, os sentimentos verbalizados são particularmente intensos durante a noite e constituem dos momentos mais insatisfatórios da vida quotidiana destes participantes:

"A solidão. Gosto de fazer as coisas da casa sozinha, para arrumar, limpar, mas depois à noite é difícil... Não gosto da solidão, é horrível desde que o meu marido faleceu (*chora*). "

E8, (L80-82), Reformada, OI, 74 anos, Viúva

"As alturas mais difíceis é a noite, isso é de matar! E depois quando são noites grandes, ainda é pior (...). Eu gostava é que a noite fosse mais pequena ainda. Eu estou só e por isso custa. Não tenho com quem falar (...). "

E 7 (L77-84), Reformado, OI, 81 anos, Divorciado

O participante E6 refere que os seus momentos mais insatisfatórios ocorrem quando, por vezes, pensa estar só, quando toma consciência desta situação visível e objetiva, mas facilmente ultrapassável por dispor de uma rede alargada de amigos:

"Por vezes, pensar que estou só. Embora eu ultrapasse isso rapidamente porque tenho muitos amigos e amigas. Mas eu vivi casado 30 e muitos anos e o falecimento da minha mulher foi muito marcante porque coincidiu com a altura em que me reformei e em que os meus filhos estavam fora."

E6 (L 91-95), Reformado, PBIC, 63 anos, Viúvo

As vivências de solidão apresentam, deste modo, uma estreita associação com o estado civil, o indicador de classe social e o nível de instrução. Os idosos com menor instrução apresentam uma perceção subjetiva de maior solidão.

5.5 Quando me confronto com más condições de habitabilidade

Os participantes E12 e E13 experimentam momentos intensos de insatisfação por viverem em habitações com más condições de habitabilidade, porque condicionam, de modo significativo, a forma como a sua vida quotidiana é vivida:

"Quando chove aqui em casa e tenho de abalar daqui. Ai fico tão aborrecido, que nem faz ideia, é aqui que tenho o meu entretenimento, a minha máquina de costura, os meus materiais..."

E12 (L78-81), Reformado, OI, 75 anos

"Eu tenho de ter a casa minimamente em condições e isso faz com que todos os dias eu tenha que estar a fazer algo por ela. Se amanhã passar aqui uma vassoura, tiro uma pá de areia daqui! Isso para mim é muito difícil! Eu teria mais vontade de estar em casa, se não fosse isto tudo, porque eu gosto de estar na minha casa."

E13 (L74-78), Exerce Profissão, PBE, 64 anos

As más condições habitacionais reforçam a vulnerabilidade destes participantes, em especial, a situação da participante E13, pois não dispõe de uma alternativa habitacional, o que já não sucede com o participante E12.

5.5 Quando ainda lido com a pressão do Trabalho

A pressão no trabalho também é referida como momento insatisfatório para o participante E5, um participante que apesar de reformado, continua a desenvolver de forma bastante veemente a sua atividade profissional:

"Dos difíceis, normalmente os difíceis são quando o cliente quer urgência e não conseguimos dar resposta por questões burocráticas, as coisas não andam, o cliente pressiona (...) Depois há a pressão, os clientes telefonam, apresenta milhentas razões para estarem chateados, porque têm outros compromissos e depois isso traz-nos...esta pressão causa-me desconforto."

E5 (L42-49), Reformado, BP, 66 anos

6.SENTIMENTOS E EMOÇÕES

A quarta questão de investigação "E quais os sentimentos e emoções associadas a estas experiências quotidianas?" permitiu apreender as componentes emocionais associadas às experiências vividas pelos participantes e transformá-los em temas e subtemas. Por conseguinte, foram identificados 2 (dois) temas: "Sentimentos e Emoções Positivas", na qual foram

assinalados dois subtemas: “Felicidade” e “Resiliência” e, por sua vez, no tema “Sentimentos e Emoções Negativas”, foram apontados dois subtemas: “Tristeza” e “Aborrecimento”.

6.1 Sentimentos e Emoções Positivas

6.1.1 Felicidade

As vivências de felicidade, vividas e expressas pelos participantes, referem-se, fundamentalmente, à autonomia, à capacidade para trabalhar e sentir-se ativo (a), as quais lhes proporcionam sentimentos de desenvolvimento pessoal, autoestima e bem-estar. A importância do trabalho foi enfatizada pelos participantes e tem, deste modo, uma conotação prazerosa e não de obrigação.

Nas narrativas destas participantes são notórias estes sentimentos/emoções positivas, relativamente aos afazeres domésticos:

"Sinto muita satisfação por ver as coisas limpinhas. Por exemplo venho aqui, arrumo. Depois vou-me embora. Depois abro a porta e olho, olho, e vou-me embora outra vez. Sempre fui assim, sempre foi assim e não é uma fase da vida *(ri)*."

E 2 (L121-124), Reformada, PBE, 84 anos

"Sinto-me bem, útil, como se não tivesse a idade que tenho...Sabe que olham para mim e ninguém me dá esta idade! "

E 15 (L75-76), Reformada, OI, 81 anos

"Sinto-me muito feliz, a pessoa está a fazer aquilo e está entretida com o trabalho e não pensa em mais nada."

E8 (L75-76), Reformada, OI, 74 anos

Sinto alegria, porque sinto-me preenchida e sinto que Deus está comigo, sinto-me com energia."

E 14 (L67-68), Reformada, PBIC, 67 anos

No caso da participante E14, não é só o trabalho doméstico que constitui que constitui uma fonte de felicidade, pois de igual modo, a sua espiritualidade vem

transmitir-lhe sentimentos positivos e dá-lhe força para continuar a lutar e a superar as adversidades da vida.

Também encontramos participantes cujo significado da felicidade, reside na execução de trabalhos não-domésticos:

"Sinto alegria, sinto-me útil, estou recordando os meus tempos antigos (*vai mostrando mais invenções suas, decorações, forras dos sofás*) e o tempo vai passando."

E12 (L72-74), Reformado, OI, 75 anos

"Não sou de fazer grandes festas, mas fico satisfeito, preenchido. "

E 5 (L39-40), Reformado, BP, 66 anos

De igual modo, as relações sociais e de amizade são fonte de felicidade, para estes participantes masculinos:

"Sinto-me alegre. Alegria... (*sorri*). "

E1 (L51), Reformado (Invalidez), OI, 66 anos

"Sinto-me bem. O tempo passa mais depressa, estou distraído. "

E 11 (L85-86), Reformado (Invalidez), OA, 67 anos

As atividades de lazer são importantes para a felicidade destes participantes masculinos:

"Quando tudo corre bem, sinto alegria, sinto-me outra pessoa...parece que estou noutra mundo."

E7 (L73-74), Reformado, OI, 81 anos

"Sinto-me contente da vida, sinto-me tão bem. Ando todo contente da vida, com energia! "

E4 (L91-92), Reformado, BEP, 87 anos

Os dados apresentam uma influência do género nos diferentes significados de felicidade descritos pelos participantes, nomeadamente, nas atividades domésticas (prevalência do género feminino), relações sociais e de amizade e lazer (prevalência do género masculino).

6.1.2 Resiliência

Nos relatos emergem descrições de participantes que mostraram serem resilientes, ao superar o rol de adversidades com que se veem ou se viram confrontados (problemas graves de saúde e falecimento do cônjuge) terem passado por momentos traumáticos e terem continuado e se adaptado às suas novas vidas.

" (...) Tenho medicamentos para os enfartes, já tive 2, um com paragem, já morri e ressuscitei. (...) Quando acordei, lembro-me de ter dito aquele médico indiano, o Dr. S.: Dr. não me deixe morrer e ele respondeu-me, se não morreu, então, já não morre *(ri)*. "

E 2 (L63-66), Reformada, PBE, 84 anos

"Eu por exemplo fui operada vai fazer 5 anos ao endométrio, tinha um cancro. Fizeram-me uma histerectomia total, tiram-me o útero, ovário, tudo. Fiz radioterapia. Fui operada no dia 25 de Novembro de 2008 e estive alguns dias na Casa de Santa Zita e depois voltei novamente para trabalhar...O ano passado fui operada aqui *(aponta para o peito)*, fizeram-me um corte aqui no dia 19 de Julho e outro no dia 20 de Setembro, sempre a trabalhar e estou aqui como se não tivesse feito nada *(ri)*."

E 14 (L 15-21), Reformada, PBIC, 67 anos

"Vou às compras a pé, agarrada ao cajado mas ainda vou."

E 16 (L69), Reformada, OI, 75 anos

"Tenho a doença de Buerger. Também já tive dois enfartes. Eu praticamente tenho 5 operações feitas e 2 enfartes. O último fez em Fevereiro 1 ano. Vá lá que fui a horas, fui de minibus para o hospital...O médico até me disse: como é que você conseguiu chegar cá? Fui logo às 7 horas da manhã, os bombeiros era uma mão cheia de dinheiro...Agora sinto-me bem."

E 11 (L 50-55), Reformado (Invalidez), OA, 67 anos

" (...) Mas eu vivi casado 30 e muitos anos e o falecimento da minha mulher foi muito marcante porque coincidiu com a altura em que me reformei e em que os meus filhos estavam fora. Foram momentos que tive de lutar mais."

E 6 (L 91-95), Reformado, PBIC, 63 anos

Estas narrativas permitem afastar alguns dos estereótipos associados ao género feminino, nomeadamente, que as mulheres são tidas como “vulneráveis”, “frágeis” e, menos capazes de superar eventos adversos.

6.2 Sentimentos e Emoções Negativas

O tema “Sentimentos e Emoções Negativas” contém 2 (dois) subtemas: Tristeza e Aborrecimento e desvela-nos o significado das expressões emocionais negativas vivenciadas pelos participantes ante a vida quotidiana.

6.2.1 Tristeza

As descrições dos participantes remetem para os aspetos emocionais das suas vivências de uma tristeza reativa. Para a participante E2, a tristeza é motivada pela frustração que decorre do decréscimo funcional e do desejo de regressar ao passado:

"Sinto pena de ser velha. Gostava de voltar atrás e fazer as coisas que fazia. Fico triste."

E2 (L132-133), Reformada (PBE), 84 anos

Para a participante E8, a tristeza é sustentada pelos momentos de solidão e de vazio que assolam a sua vida e que fazem com que se sinta uma pessoa triste e com muito menos vigor, ou seja, uma tristeza que caracteriza uma verdadeira transformação pessoal:

"Sinto-me triste, que eu era uma pessoa com muita vida. Agora sou outra pessoa."

E 8 (L91-92), Reformada, OI, 74 anos

Ambas as participantes E2 e E8 têm consciência das alterações físicas, emocionais e sociais, que vão ocorrendo e das dificuldades que elas acarretam na sua vida quotidiana.

No que diz respeito ao participante E 7, a tristeza parece estar diretamente relacionada com a solidão noturna:

"Como lhe disse é a tristeza e quando estou triste é sobretudo à noite..."

E7 (L94-95), Reformado, Oi, 81 anos

Contrariamente às restantes descrições, a tristeza da participante E13 decorre de uma situação complicada que não consegue superar, do desgosto provocado pelo facto de nunca ter experienciado por uma situação idêntica, ou seja, de se encontrar privada, no presente momento, do conforto habitacional a que se julga ter direito:

"Fico triste de não conseguir passar esta situação. Já tive casinhas boas, nunca morei assim."

E13 (L85-86), Exerce Profissão, PBE, 64 anos

6.2.2 Aborrecimento

As descrições dos participantes E16 e E9 sugerem que o sentimento de aborrecimento é uma constante nos momentos vazios e de consequente inatividade:

"Quando estou parada, fico aborrecida."

E 16 (L 63), Reformada, Oi, 75 anos

"Aborrecido, tenho que contrariar esse sentimento..."

E9 (L56-57), Reformado, PBIP, 69 anos

Contudo, o participante E9 está consciente da importância em superar esse sentimento, por forma a evitar o sedentarismo e a melancolia que costuma instalar-se nesta fase adiantada da vida. Num sentido completamente oposto, o participante E5 refere que são as preocupações e constrangimentos inerentes à sua atividade profissional e, de igual modo, as características da própria personalidade que lhe fazem desencadear o sentimento de aborrecimento:

"Sinto-me aborrecido, incapaz de resolver a situação, impotente, o que hei de fazer? mas não posso fazer nada. O facto de não poder fazer nada não nos tira a preocupação. É uma maneira de estar..."

E5 (53-55), Reformado, BP, 66 anos

7. PROPRIEDADES OBJETIVAS E SUBJETIVAS DO QUOTIDIANO URBANO

Para responder à quinta questão de investigação³⁵ "Que propriedades constituem, na perspetiva das pessoas idosas, o quotidiano urbano?" foram identificados 2 (dois) temas: "Propriedades Objetivas do Quotidiano Urbano" e "Propriedades Subjetivas do Quotidiano Urbano". Em virtude das fronteiras entre a objetividade e subjetividade serem muito ténues, estes dois temas vêm interrelacionar-se e complementar-se, permitindo-nos explorar e compreender a complexidade e a diversidade da experiência quotidiana das pessoas idosas que residem num meio urbano.

7.1 PROPRIEDADES OBJETIVAS DO QUOTIDIANO URBANO

As relações entre as dimensões objetivas e subjetivas são inevitáveis, pois influenciam-se mutuamente, dificultando a não utilização de elementos subjetivos quando procuramos cingir-nos somente à esfera objetiva. Foi identificado apenas um subtema, no qual procurámos incluir excertos das narrativas dos participantes que privilegiassem uma descrição mais objetiva de alguns dos atributos da Vila Adentro e que estivessem isentos de quaisquer sentimentos e/ou juízos de valor, o qual, face ao seu conteúdo, acabou por ficar designado de "É uma zona antiga, mas está tudo diferente".

De uma forma geral, mesmo as questões mais objetivas estão imbuídas de sentidos e significados dados pelos participantes, fazendo com que outros atributos acabem por surgir naturalmente no decurso do tema seguinte que incide sobre a esfera subjetiva do quotidiano urbano

³⁵ A sexta e última questão "As experiências quotidianas (objetivas e/ou subjetivas) são determinadas pelo género, idade, classe social e fatores ambientais?" tem sido objecto de análise e resposta, no decurso da redacção do texto interpretativo (ponto 3. e seguintes da Parte III).

7.1.1 É uma zona antiga, mas está tudo diferente

“Faro é uma cidade que progrediu em termos de construção e investimento imobiliário de uma forma que eu acho pouco correta. Esta zona mantém, ainda, os traços das zonas antigas.”

E6 (L 142-143), Reformado, 63 anos, PBIC

“ (...) pois a Vila Adentro é uma parte muito antiga da cidade. (...). Está muito diferente...Aqui era a pecuária (*indica a casa ao lado direito*), não havia aqui praticamente ninguém a morar. Quando vim para aqui o senhor da pecuária disse-me: olhe que isto é muito só! Não faz mal, respondi eu. Na Judiária era a pecuária, estas janelas que estão aqui eram portas, um poial onde as pessoas se sentavam à tarde. A seguir eram os escuteiros e depois para cima, não era mais nada (...). Depois era a Câmara e mais nada... Nada do que é hoje, a entrada era por esta rua. Meia de empregados ali, era pouca gente. No largo da Sé os moços iam para ali jogar à bola. E no largo de São Francisco fazia-se a feira, era tudo em terra batida...Havia ali também a sopa dos Pobres! Hoje está tudo muito diferente!”

E2 (L152-165) Reformada, 84 anos, PBE

“Está muito diferente, havia algum comércio aqui dentro. Havia a agitação dos pescadores aqui dentro, com os carros cheios de peixe, havia padaria. Ainda hoje eu costumo dizer que aqui na Sé há tudo, temos a Igreja, a Câmara, o Museu, os padres, cafés, galerias, mas não temos nada de outro tipo de comércio. Mas se formos ver bem, também se calhar não dava porque não mora aqui ninguém!”

E 13 (L91-94), Exerce Profissão, PBE, 64 anos

As narrativas destes três participantes dão-nos conta de certas materialidades existentes ou, entretanto, desaparecidas no perfil construído da Vila Adentro, bem como evidenciam que se trata de uma despovoada e desertificada zona histórica da cidade.

7.2 PROPRIEDADES SUBJETIVAS DO QUOTIDIANO URBANO

O tema “Propriedades Subjetivas do Quotidiano Urbano” surge da constatação que grande parte da experiência de viver numa cidade tem uma apropriação simbólica, uma dimensão subjetiva. O tema vai desvendar a subjetividade inscrita na materialidade da Vila Adentro e revelar as propriedades que, na

perspetiva das pessoas idosas, moldam as suas práticas quotidianas. Este tema encontra-se dividido em dois subtemas: “Propriedades Positivas do Quotidiano Urbano” e “Propriedades Negativas do Quotidiano Urbano”.

7.2.1 Propriedades Positivas do Quotidiano Urbano

Neste subtema foram registados 6 (seis) tópicos: “Ligação Afetiva ao Lugar”, “Enraizamento no Lugar”, “Centralidade do Lugar”, “Redes de Vizinhança”, “Segurança” e, por último, “Sossego”, os quais permitem-nos perceber quais são os fatores potenciadores de uma experiência subjetiva mais positiva e determinantes do bem-estar individual no meio urbano em estudo.

Os tópicos “Ligação Afetiva”, “Enraizamento no Lugar” e “Centralidade do Lugar” estão fortemente conectados com o “*lugar do envelhecimento*”, ou seja, com a Vila Adentro. Os dois primeiros tópicos relacionam-se com fatores psicológicos que explicam os laços emocionais e sentimentais que unem os participantes ao seu ambiente/lugar, enquanto o subtema “Centralidade do Lugar” remete, pelo contrário, para questões de localização.

E por último, mas não menos importantes, os tópicos “Redes de Vizinhança”, “Segurança” e “Sossego” reportam-se às características objetivas e às vantagens comparativas oferecidas pelo “*lugar do envelhecimento*”.

7.2.2 Ligação Afetiva ao Lugar

Os participantes mantêm um vínculo emocional muito forte com o lugar onde vivem ³⁶, este fornece-lhes um sentimento de pertença, conforto e uma identidade territorial, o que é revelado nas seguintes descrições:

"Há pouco tempo decidi voltar aqui para a cidade velha, que é aqui que estão as minhas raízes. Eu acho que é a zona mais bonita da cidade."

E 6 (L 37-38), Reformado, PBIC, 63 anos

³⁶ Tuan (1980) denominou este laço de envolvimento por *topofilia*, referindo-se aos laços que ligam a pessoa a dada porção do espaço.

"Gosto e não era capaz de trocar este sítio por outro."

E 2 (L 180-181), Reformada, PBE, 84 anos

"Adoro, esta zona é linda. As pessoas dizem-me você mora numa zona tão bonita. Já agora gostava de acabar a minha vida aqui."

E 8 (L109-111), Reformada, OI, 74 anos

"Sinto-me em casa, por isso não vejo desvantagens."

E 12 (L 95), Reformado, OI, 75 anos

" (...) Sinto-me bem aqui, sou feliz, não me falta nada aqui."

E 4 (L 130-131), Reformada, PBE, 84 anos

"Gosto de viver aqui. É a minha área. Se tivesse dinheiro, comprava outra casa aqui, uma térrea que eu não gosto de andares... (...) Gosto da Vila Adentro, sinto-me bem na minha aldeia."

E 7 (L 129-134), Reformado, OI, 81 anos

Por outro lado e apesar de estarem igualmente envolvidos emocionalmente com o lugar, estes participantes enunciam as vantagens comparativas de outros lugares ou porque pretendem estar mais próximo da família, ou porque desejam uma casa com melhores condições habitacionais:

"Gosto. Não gostava de morar noutra sítio. Já estou habituada aqui. Bom, só se me levassem para morar perto dos meus filhos, mas não num apartamento, isso não."

E 16 (L76-78), Reformada, OI, 75 anos

"Para mim é o sítio ideal para viver, por isso tenho muita pena se tiver de deixar a casa. "

E13 (I 89-91), Exerce Profissão, PBE, 64 anos

"Por enquanto gosto, mas trocava esta zona por uma casa fora daqui, uma casa na Penha, no Bom João, com condições."

E 11 (L188, 120), Reformado (Invalidez), OA, 67 anos

7.2.3 Enraizamento no Lugar

As descrições dão-nos a conhecer o palco privilegiado das trajetórias de vida dos participantes e mostrar que os laços emocionais e sentimentais que foram

estabelecidos criaram uma relação muito forte de cumplicidade e indissociabilidade com o lugar. As narrativas também revelam que o lugar permite-lhes fazer um *life review* ³⁷ ou uma *autobiographical insideness* ³⁸ (Rowles, 1983, 1993 *apud* Smith, 2009) e que facilita aquilo que Rowles (1978, 2013) entende por *vicarious engagement* ³⁹

"Já moro aqui há mais de 50 anos. Vim para aqui com os dois moços pequenos, andei a morar em quartos, o homem que estava aqui foi para África e nós agarrámos a casa. Eu nasci aqui no prédio da Fagar, havia aqui uma casinha, que a patroa deu à minha mãe para morar e eu nasci ai. Nasci, cresci e aqui devo ficar."

E 7 (L 33-37), Reformado, OI, 81 anos

"Moro aqui há mais de 50 anos. A minha sogra morava aqui ao lado. A minha madrinha de crisma também morava aqui. (...) Vim morar para aqui tinha 7 anos, nasci aqui em Faro perto da estação."

E 16 (L18-20 e L 67), Reformada, OI, 75 anos

"Moro aqui há 61 anos. Quando o meu filho mais velho nasceu estava morando noutra casa, aluguei aqui este armazém que está aqui que era do Viegas. (...). E depois esta casa estava vaga e mal quando o moço nasceu, vim logo para aqui."

E4 (L 27-31), Reformado, BEP, 87 anos

"Sou dona desta casa, moro aqui há talvez uns 50 e tal. Esta casa deixou-me a minha tia. A minha tia, quando eu tinha 3 anos de idade internou-me na Casa de Santa Isabel, naquela altura era só freiras! Fui criada com as freiras. Quando a minha tia morreu quando eu tinha 18 anos, ela tinha muitas casas...Tinha esta e aquela ali vermelha do arquiteto... (aponta *para as traseiras*) "

E 15 (L23-27), Reformada, OI, 81 anos

De igual modo, os relatos demonstram que este "lugar" constituía há mais de cinquenta anos, uma verdadeira bolsa de habitacional, sobretudo, para as famílias de rendimentos mais baixos, as quais começam a ocupar os espaços preteridos pelas classes mais favorecidas, que entretanto foram em busca de zonas na cidade que lhes permitissem obter uma melhor qualidade de vida.

³⁷ Revisão de Vida (Tradução livre)

³⁸ Profundidade Autobiográfica (Tradução livre)

³⁹ Comprometimento Vicário (Tradução livre)

7.2.4 Centralidade do Lugar

Os participantes descrevem as vantagens comparativas: o fácil acesso, a pé e por intermédio de outros meios de transporte, próximo dos supermercados, ou seja, um lugar central, como se pode interpretar nas narrativas:

"Daqui vou a pé às compras...".

E 14 (L85-86), Reformada, PBIC, 67 anos

"(...) Porque onde estou vou a pé para o trabalho, se quiser sair, estou na baixa em menos de nada, se quiser ir à praia tenho os barcos ali em baixo, mas não vou (ri)."

E 13 (L 104-106), Exerce Profissão, 64 anos

"(...) Morar aqui é estar perto da baixa. Há tantos anos que estou aqui em Faro e aquelas partes novas da cidade eu não conheço nada! (...)."

E2 (L167-173), Reformada, PBE, 84 anos

"Tenho tudo aqui ao pé de mim, estou na baixa da cidade e estou perto da ria e do meu barquinho (...) Aqui é tudo muito próximo, tenho também o Minipreço e às vezes pego na bicicleta e vou ali ao Lidl. A minha vida aqui é feita sem complicações."

E4 (L108-112), Reformado, BP, 87 anos

7.2.5 Redes de Vizinhança

As narrativas experienciais dão a entender a existência de redes de sociabilidade e de urbanidade, e mostram e além disso, que os participantes estão integrados na comunidade, que se cruzam no dia-a-dia e que se conhecem. É de igual modo, evidente que as redes de vizinhança têm tendência a reorganizar-se ou a degradar-se com o envelhecimento dos habitantes:

"É um ambiente em que se faz uma conversa facilmente com as pessoas."

E14 (L80-81), Reformada, PBIC, 67 anos

|convive habitualmente com outras pessoas| "(...) Só tenho alguma convivência ali com elas (*aponta para o restaurante no fundo da rua*), vou ali, bebo um copinho. Às vezes também como ali umas sardinhas. Elas às vezes também querem-me dar almoço. Está a ver este saco são coisas delas, bainhas para fazer. Depois também com os vizinhos, são todos porreiros."

E 12 (L 28-32), Reformado, OI, 75 anos

|convive habitualmente com outras pessoas| "Sim, estou aqui com as vizinhas. Mas, coitadas, elas também são assim novas como eu (*sorri*)."

E 16 (L 12-13), Reformada, OI, 75 anos

" (...) Conheço as pessoas que moram aqui. Já não são muitas, mas são as que restam."

E 4, Reformado, BP, 87 anos

|convive habitualmente com outras pessoas| "Converso aqui com os vizinhos também, conheço-os todos pelo nome. São pessoas mais velhas que foram ficando..."

E 9 (L16-17), Reformado, PBIP, 69 anos

7.2.6 Segurança

A perceção de segurança é, igualmente, uma das experiências positivas na vivência quotidiana dos participantes, como se pode verificar nas narrativas dos participantes:

"Tenho vizinhos e não me sinto inseguro (...)."

E4 (L109), Reformado, BP, 87 anos

"É uma zona calma, sem confusões. Sinto-me segura."

E 13 (L 103), Exerce Profissão, PBE, 64 anos

O participante E12, para reforçar o sentimento de segurança, compara este lugar, com o seu outro domicilio situado numa outra zona da cidade:

"É sossegado, não é como a outra casa lá em cima. Aqui posso estar de porta aberta, lindamente."

E12 (L 92-93), Reformado, OI, 75 anos

7.2.7 Sossego

A par da Segurança, o Sossego constitui uma das experiências positivas na vivência quotidiana dos participantes, facto que os participantes atribuem, sobretudo, ao fenómeno de esvaziamento e ao envelhecimento populacional, bem como o esquecimento a que o lugar foi votado:

"É o sossego, não há barulho, não há nada."

E11 (L106), Reformado (Invalidez), OA, 67 anos

" (...) Eu gosto de morar aqui, é um sossego. Às vezes é mais desassossegado à noite, por causa dos bares, mas durante o dia é sossegado."

E2 (L167-173), Reformada, PBE, 84 anos

"Menos ruído, mais sossegada. Não é uma zona de passagem, o que reduz muito o trânsito. Não tem muita atividade, portanto, ajuda ao ar pacato da zona e que dá as condições ótimas que falei. É uma pena estar ainda tão deserta e haver tanta ruína."

E5 (L60-63), Reformado, BP, 66 anos

"As vantagens, penso eu, é o sossego. Como isto é uma zona pobre, está esquecida, ninguém aparece por aqui a fazer mal a alguém. Não há gente de dinheiro, é tudo malta pobre."

E7 (L 107-109), Reformado, OI, 81 anos

"Nesta fase da minha vida é a tranquilidade. É essencialmente o fator mais importante (...)."

E6 (L119-120), Reformado, PBIC, 63 anos

"A tranquilidade é a única vantagem (...)"

E 3 (L97-98), Doméstica, 63 anos

7.3 Propriedades Negativas do Quotidiano Urbano

Neste subtema foram observados 10 (dez) tópicos que exibem exclusivamente representações negativas: “Escassez de Pessoas e Serviços”; “Restrição Espacial”; “Barulho e Agitação Noturna”; “Insegurança”; “Turistificação”; “Falta de Investimento”; “Falta de Estacionamento”; “Más Condições Habitacionais”; “Vizinhança Problemática”; “Trânsito e Isolamento”. Com exceção da “Turistificação” e da “Falta de Investimento”, todos os restantes tópicos constituem fatores de pressão ambiental, desafios impostos pelo espaço urbano e que pressupõem uma maior capacidade de adaptação por parte das pessoas idosas.

7.3.1 Escassez de Pessoas e Serviços

Os centros históricos são o coração de uma cidade, “testemunhos vivos de épocas passadas” (Salgueiro, 1992). Os participantes relatam um profundo despovoamento do lugar, o qual põe em relevo a desvalorização deste centro urbano, a degradação progressiva do parque habitacional e o envelhecimento da população:

"Isto está uma desgraça, uma cambada de casas fechadas ai, bem podiam ser arrançadas. Está tudo fechado praticamente (...) Havia muita gente na Vila Adentro, as casas estavam ocupadas, sobretudo por pescadores e todos com muitos filhos."

E 10 (102-103), Reformado, PBE, 68 anos

"Em tempos todas as casas tinham pessoas, depois começaram a desaparecer..." É uma zona calma, agora é, mas já foi agitada (...) Agora está tudo morto. Morreu completamente..."

E7 (L96-105), Reformado, OI, 81 anos

"Desvantagens é mesmo aquilo que lhe disse, é passar dias em que não se vê pessoas."

E 14 (L86-87), Reformada, PBIC, 67 anos

" (...) O que eu posso dizer é que antigamente era muito habitada e agora está praticamente deserta."

E 3 (L85-87), Doméstica, 64 anos

"Já não estão aqui metade das pessoas que aqui viviam (...). Agora sou eu e mais uma dúzia de gatos-pingados (ri)."

E12 (L 89-90), Reformado, OI, 75 anos

A desertificação humana levou à deslocalização dos espaços de comércio e serviços, o que veio a criar diversos constrangimentos na vida diária destes participantes:

" (...) Não vejo grandes benefícios para as pessoas. Não temos aqui uma farmácia, não temos aqui sequer uma mercearia, não temos nada aqui que nos ajude. E estas são as desvantagens."

E3 (L97-100), Doméstica, 64 anos

" (...) Bom talvez, uma desvantagem é mesmo a falta de comércio, então uma padaria fazia mesmo muita falta..."

E13 (L 106-107), Exerce Profissão, PBE, 64 anos

7.3.2 Restrição Espacial

As barreiras físicas e espaciais, como é exemplo, da calçada irregular, dificultam a locomoção deste participante idoso, incapacitado e com mobilidade reduzida:

"Para mim, a desvantagem é a calçada, comigo é muito complicado, tenho de andar de muleta. Aqui neste piso até ando sem muleta. Ao subir do arco para a casa é difícil."

E11 (L107-110), Reformado (Invalidez), OI, 67 anos

A restrição espacial é o resultado do decréscimo funcional dos participantes e as barreiras físicas e espaciais são encontradas, de igual modo, no ambiente doméstico, levando os participantes a desenvolver estratégias de mudança e melhoria da acessibilidade:

"As desvantagens, não vejo nenhuma. Só dentro da minha casa e era subir as escadas. Eu ainda estou em condições de o fazer, mas subir e descer, subir e descer. Já me vai aborrecendo e então tirei o que tinha ali e pus a cama aqui em baixo (...)"

E7 (112-115), Reformado, OI, 81 anos

[com quem vive habitualmente?] "Como a casa é muito grande, rés-do-chão e 1.º andar, ele [neto] vai para cima e eu fico por aqui, por causa das escadas."

E 2 (L31-32), Reformada, PBE, 84 anos

7.3.3 Barulho e Agitação Noturna

O barulho e agitação noturna são elementos que causam desconforto na vida quotidiana, como narram estes participantes:

"As desvantagens, bem, no Verão isto tem muito movimento mesmo, há bares, agitação, música até horas tardias. E acaba pelos jovens, na sua ânsia de viver, sei disso porque já passei por isso e percebo, não se apercebem que o som a partir de determinada hora é barulho. Mas isto resolver-se-ia com alguma disciplina, limitando o horário até às duas e tal. Às vezes, os jovens e os menos jovens excedem-se também com o álcool".

E6 (L122-124), Reformado, PBIC, 63 anos

"Os moços ficam na rua até tarde, o meu filho quase não consegue dormir, o quarto dele é mesmo aqui junto à porta."

E 15 (L 92-93), Reformada, OI, 81 anos

O "Isolamento", a "Insegurança", a "Falta de Estacionamento", as Más Condições Habitacionais", os "Problemas com Vizinhos", o "Trânsito, Ruído e Poluição" e "Turistificação" são os tópicos que foram constituídos apenas com a narrativa de um único participante.

7.3.4 Isolamento

Depreende-se pela narrativa da participante E2, que esta vivencia uma situação de isolamento, marcada pela ausência de contactos sociais e cuja causa atribui à desertificação humana sentida na Vila Adentro:

"Não, estou fechada em casa. Também não há ninguém para conviver, não há vizinhos (...)."

E2 (L38), Reformada, PBE, 84 anos

7.3.5 Insegurança

A percepção de insegurança e medo do crime é sentida apenas pela participante E16 e é sentida relativamente aos indivíduos que não conhece, de "fora", como relata:

"Isto já não está seguro, a gente não tem medo das pessoas que moram aqui, mas das pessoas que vêm de fora."

E16 (70-71), Reformada, OI, 75 anos

7.3.6 Falta de Estacionamento

Na perspetiva do participante E5, a falta de estacionamento é um aspeto negativo:

"As desvantagens, não encontro desvantagens em viver aqui (...) Há um pormenor, mas é um problema que se resolve com boa vontade que é o estacionamento para os residentes. É uma questão de vontade camarária fazer com que todos os residentes tivessem direito a um lugar de estacionamento, que neste momento não temos."

E5 (L63-70), Reformado, BP, 66 anos

7.3.7 Más Condições Habitacionais

As precárias condições habitacionais constituem a causa de desconforto na vivência diária da participante E13:

"Tirando a minha casa, não vejo nenhuma (...)"

E 13 (L 103-104), Exerce Profissão, 64 anos

7.3.8 Problemas com os Vizinhos

A participante E15 refere os problemas com os vizinhos como uma das razões que sustentam o desejo de mudança do local onde vive:

" Não gosto de morar aqui porque as pessoas não têm respeito umas pelas outras. Os miúdos daqui do lado batem-me de propósito com a bola na porta. Quanto mais aviso, mais eles batem com a bola. Meto-me em casa. Não gosto de morar aqui, nunca gostei! Este sítio sempre teve muito má fama. (...) Eu gostava de viver noutra zona, para mim era melhor ao pé do Modelo, nas vivendas que estão ali. Não gosto de apartamentos. Adorava morar ali."

E 15 (L86-99), Reformada, OI, 81 anos

7.3.9 Trânsito, Ruído e Poluição

Na perspetiva do participante E4, o barulho e a poluição provenientes do trânsito automóvel configuram uma experiência quotidiana negativa:

"Nas pessoas que moram nesta rua, talvez seja mesmo o trânsito. É o barulho e a poluição, às vezes nem se pode com o cheiro que os carros deitam."

E4 (L116-118), Reformado, BEP, 87 anos

7.3.10 Turistificação

A transformação do lugar num território turístico, a substituição da lógica da produção (esfera do trabalho) pela lógica do consumo do lazer (esfera do lazer)

e o seu respetivo impacto é identificada pelo participante E9 como uma experiência quotidiana negativa:

"Desvantagens, está tudo virado para o turismo aqui. Antes havia a fábrica da cortiça aqui, as salinas, havia trabalho. Agora é uma miséria, não há nada que prenda as pessoas aqui (...)."

E9 (L71-73), Reformado, PBIP, 69 anos

7.3.11 Falta de Investimento

Ao contrário do participante E9, o participante E10 aponta a falta de investimento por parte dos agentes locais públicos e privados (com especial destaque no Turismo) como principal responsável da estagnação do lugar:

"A desvantagem é a falta de sensibilidade do fareense, as pessoas estão totalmente divorciadas disto. Contudo, é mesmo isto que os turistas procuram. A Vila Adentro, as pessoas, os farenses nunca investiram aqui dentro, essa parte não foi preenchida no aspeto económico, por isso isto ficou paralisado."

E10 (L77-81), Reformado, PBE, 68 anos

7.4 PROPOSTAS DE RECUPERAÇÃO DO AMBIENTE URBANO

Esta categoria temática é uma categoria autónoma que reúne as representações dos participantes que suscitam uma intervenção no ambiente urbano. Foram, para o efeito, identificados 2 (dois) subtemas: "Reabilitação do Edificado e Paisagem Urbana" cujas respostas visam uma tomada de posição sobre a dimensão física do ambiente urbano e, por outro lado, a "Revitalização Social" que encerra propostas de ação sobre a dimensão social.

7.4.1 Reabilitação do Edificado e da Paisagem Urbana

Nas narrativas dos participantes sobressaem, como propostas de recuperação do ambiente urbano, intervenções urbanísticas como a reabilitação do tecido

edificado e da paisagem urbana, que se encontram degradados, e, por consequência, do tecido social e económico:

(...) Casas a cair, casas abandonadas, mete dó passar pelas ruas. Esta fechada, a outra fechada, a outra a cair... É uma coisa que me dói, é uma coisa que me dói mesmo! Ver tanta casa abandonada. A minha prioridade seria esta, ajudar a reabilitar as casas."

E 3 (L 103-106), Doméstica, 64 anos

"Olhe, arranjava as casas velhas, tá tudo aos caídos. "

E 16 (L73-74), Reformada, OI, 75 anos

"A reabilitação, neste momento não há nada a ser reabilitado aqui, e acho que ao reabilitar traria mais pessoas para aqui."

E 5 (L80-82), Reformado, BP, 66 anos

"Olhe, começava por fazer alguma coisa pelas casas que estão assim como esta que está aqui por baixo, entaipada. Não permitia estas situações. As casas são privadas, mas a cidade é de todos nós, não acha? "

E 8 (L 105-108), Reformada, OI, 74 anos

7.4.2 Revitalização Social

Os participantes enfatizam, de igual modo, a revitalização social como uma abordagem proactiva, que não se foca apenas nas dimensões físicas do edificado, e que requer um maior centramento nos indivíduos, no enquadramento social e cultural e na dinamização socioeconómica:

"Os presidentes agora não têm possibilidade de fazer grandes coisas... Era capaz de dar apoio a quem quisesse recuperar esta zona, dar vida a isto...para chamar pessoas para aqui. Não só ajudar a recuperar as casas, outras coisas também, festas..."

E 13 (L 109-112), Exerce Profissão, 64 anos

"Talvez umas iniciativas para que as poucas pessoas que aqui vivem se relacionem mais, que convivam mais, que se conheçam melhor."

E 14 (L 89-91), Reformada, PBIC, 67 anos

"Incentivar os cidadãos a regressar à cidade velha com benefícios vários, através de benefícios fiscais para as pessoas investirem na cidade velha, porque uma cidade sem memória não tem vida."

E 6 (L 135-137), Reformado, PBIC, 63 anos

"Há coisas que não compete aos organismos públicos fazer... É necessário criar aqui algum comércio, especialmente virado para o Turismo. O turista chega aqui só vê paredes, não vê nada... A restauração tem sido incrementada, restaurantes já há vários, mas o comércio virado para o Turismo iria ajudar a criar mais vida."

E 5 (L 75-80), Reformado, BP, 66 anos

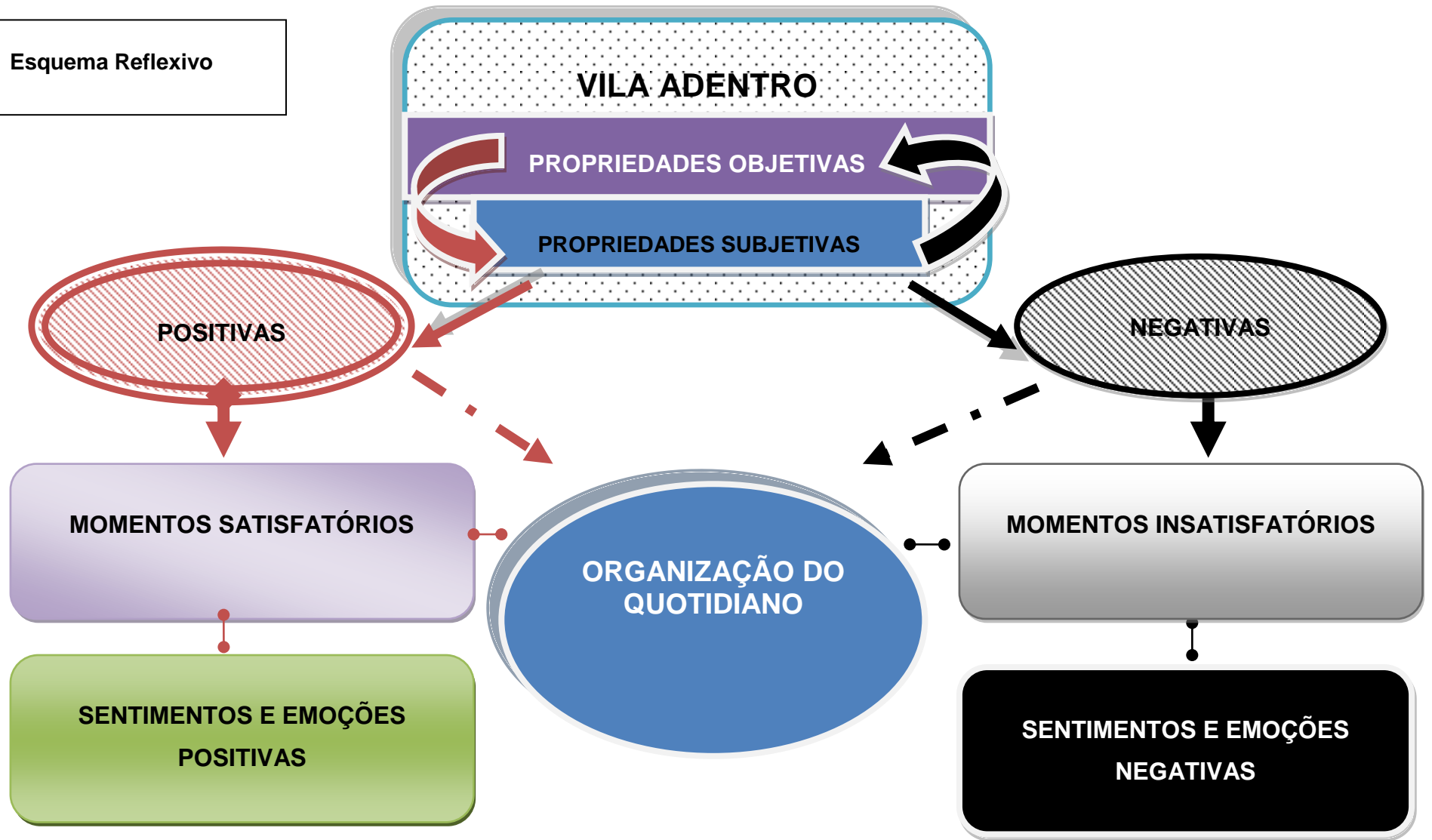
8. ANÁLISE DO ESQUEMA REFLEXIVO

O diagrama seguinte, traçado a partir da leitura global dos dados anteriores, esquematiza e permite-nos uma visão mais global da relação dos constituintes essenciais da experiência de viver numa cidade numa fase adiantada da vida. Este esquema ilustra uma sequência de relações/ações, com as setas a simbolizar as ligações identificadas como causais no presente estudo.

A Vila Adentro não é um lugar neutro. As propriedades subjetivas, que podem ser tanto positivas como negativas, vão influenciar, respetivamente, os momentos satisfatórios e insatisfatórios das pessoas idosas, bem como podem repercutir-se na organização da sua vida quotidiana.

A título exemplificativo, podemos referir que o despovoamento populacional da Vila Adentro (propriedade objetiva), tem associadas representações positivas, como a "Segurança" e o "Sossego", fatores que revelaram ser determinantes na organização da vida quotidiana e no bem-estar individual dos participantes. Pelo contrário, dessa mesma propriedade objetiva, emergiu uma representação negativa, como o isolamento, que vem a ter um impacto significativo na organização quotidiana e que pode, igualmente, vir a motivar nas pessoas idosas intensos sentimentos de solidão.

8.1 Esquema Reflexivo



PARTE IV – CONCLUSÕES E SUGESTÕES

1. LIMITAÇÕES DO ESTUDO

No desenvolvimento desta pesquisa foram sentidas algumas limitações, nomeadamente, a inexperiência da investigadora na condução de um estudo qualitativo e na aplicação das entrevistas fenomenológicas, bem como no domínio da técnica da mesma. O curto espaço de tempo para realização do trabalho de campo e a reduzida disponibilidade de tempo por parte da investigadora foram, de igual modo, fatores condicionantes.

Por outro lado, a validade das conclusões do presente estudo é limitada, pelo facto de não ter sido integrada uma subamostra de pessoas idosas residentes em meio rural e de não sabermos, por isso, até que ponto é os resultados apurados se traduzem em especificidades da vida em meio urbano.

2. SUGESTÕES, IMPLICAÇÕES E CONCLUSÕES

Da revisão de literatura efetuada ficou-nos a noção de que, no panorama nacional e internacional, existem poucos estudos realizados neste campo, pelo que este trabalho pode constituir um contributo válido no preenchimento desta lacuna e, tratando-se de um estudo de carácter exploratório-descritivo, tem de igual modo como finalidade dar origem a novas questões de pesquisa e a novos trabalhos relacionados com esta temática. Todavia, a existência de poucos estudos com estas características no nosso país limita a comparação de resultados.

Pretendemos, pois, abrir novas questões de pesquisa, até porque, como nos ensina Van Manen, (1997) a investigação fenomenológica, à semelhança da poesia, implica um trabalho de continuidade, e considerar que a questão fenomenológica fundamental não é sabermos pouco acerca de um fenómeno, mas aspirarmos a saber muito mais.

Posto isto, uma das propostas que poderia ser sugerida numa investigação futura seria a replicação desta pesquisa empírica noutros estudos de caso em meio urbano, por forma a identificar o que é realmente essencial e invariante nas vivências individuais dos idosos. De igual modo, uma replicação

longitudinal deste estudo de caso possibilitaria explorar mais profundamente os padrões intraindividuais de interação do idoso com o ambiente urbano ⁴⁰. Assim, poderiam ser trazidas contribuições valiosas para aprimorar, ampliar e conhecer as múltiplas dimensões que envolvem a vivência das pessoas idosas em meio urbano, até então desconhecidas.

Expostos os resultados analíticos, estamos em condições de tecer algumas considerações finais a propósito do cumprimento dos objetivos da investigação e da resposta às principais interrogações que conduziram este trabalho. Metodologicamente, a pesquisa pôs em prática uma efetiva triangulação, recorrendo para o efeito às entrevistas, à observação e à participação, incorporando um leque alargado de técnicas de análise qualitativa. Utilizando a abordagem fenomenológica, pretendeu-se dar voz ao que foi expresso pelos participantes neste estudo, fornecendo visibilidade à forma como estes vivenciaram essa participação.

Com vista a cumprir o desiderato do objetivo principal, e de forma a dar resposta às questões que ocuparam esta pesquisa, foram identificados 7 (sete) constituintes essenciais da experiência: “Organização da Vida Quotidiana”, “Momentos Satisfatórios na Vida Quotidiana”, “Momentos Insatisfatórios na Vida Quotidiana”, “Sentimentos e Emoções Positivas”, “Sentimentos e Emoções Negativas”, “Propriedades Objetivas do Quotidiano Urbano” e “Propriedades Subjetivas do Quotidiano Urbano” ⁴¹.

Estas categorias temáticas permitiram-nos obter uma descrição e compreensão mais profunda sobre o modo como se compõe e organiza a vida quotidiana destas pessoas idosas, e conhecer, em particular, as atividades e os contextos físicos e sociais que possibilitam a emergência de uma experiência quotidiana positiva ou negativa, bem como perceber como se articulam e se relacionam com a sua experiência subjetiva interna.

O Trabalho, o Convívio e o Lazer são os pilares sobre os quais assenta a vida quotidiana destes participantes, sendo perceptível a influência da classe social

⁴⁰ Apesar de termos a percepção de que os estudos longitudinais podem apresentar inúmeras vantagens na compreensão dos processos implicados no envelhecimento, é uma proposta que encerra em si dificuldades e limitações acrescidas pela idade avançada de alguns participantes.

⁴¹ O tema “Propostas de Recuperação do Ambiente Urbano” é uma categoria autónoma que engloba as representações dos participantes que requerem uma intervenção no ambiente urbano.

na escolha destas atividades. As principais fontes de satisfação da vida quotidiana destes participantes incluem, de igual modo, o Trabalho (doméstico e não doméstico) e as atividades ligadas ao convívio e recreação. Também foi registado como subtema “Todos os momentos são satisfatórios/Não há momentos difíceis” o que significa que estes participantes vivem as suas experiências pessoais de maneira bastante proativa e positiva e manifestam-no através de sentimentos e de constructos psicológicos como a felicidade e a satisfação pessoal, bem como recorrem-se da avaliação subjetiva que fazem das suas competências funcionais e das suas condições gerais de saúde para expressar o bem-estar que sentem. Estes participantes idosos revelam possuir uma capacidade de autoestima e de autonomia, que lhes possibilita responder com flexibilidade aos desafios arrastados pelo envelhecimento.

A vida quotidiana destes participantes é, ainda, caracterizada por momentos insatisfatórios, os quais decorrem das perdas e declínios próprios do envelhecimento, tais como a inatividade, a solidão, as perdas afetivas, mas também de fatores ambientais, tais como as más condições de habitabilidade em que vivem, entre outros, assim como a pressão do trabalho e da ideia de cortes nas pensões.

No que diz respeito ao sentido e ao significado das experiências vividas, foram classificadas em sentimentos e emoções positivas e sentimentos e emoções negativas. O significado da felicidade reside, essencialmente, na autonomia, na capacidade para trabalhar e sentir-se ativo(a), mas também nas relações sociais e nas atividades de lazer. Por outro lado, a resiliência adquiriu sentido nas adversidades superadas pelos participantes, principalmente, os graves problemas de saúde. Ao invés da tristeza, que é motivada pelo decréscimo funcional, pela solidão e pelos problemas pessoais de difícil resolução, enquanto o aborrecimento é originado pela inatividade e, num sentido diametralmente oposto, pela pressão do trabalho.

Paúl (1997) alude que o contexto físico e social em que os idosos estão inseridos configura um importante objeto de estudo, na medida em que se torna relevante para a promoção de uma velhice bem-sucedida. A mesma autora destaca a importância da adaptação ao contexto residencial como uma forma de preservação de saúde física e do bem-estar dos indivíduos.

Neste estudo, o ambiente é um elemento central da ancoragem analítica. As experiências positivas do cotidiano são determinadas, de forma bastante significativa, por fatores ambientais. Denota-se, de igual forma, que existe uma relação muito forte de apego ao lugar, uma relação marcada pela proximidade, cumplicidade e pelo sentimento de pertença, estabelecida ao longo das trajetórias de vida dos participantes. A vinculação afetiva entre os idosos participantes e o ambiente/lugar é um dos resultados relevantes deste estudo e vai ao encontro de uma ideia pré-concebida, colocada no início da investigação⁴². Segundo Giuliani (2004), o apego ao lugar pode promover o bem-estar e a transformação social destas pessoas.

Por outro lado, os fatores ambientais também podem pressionar experiências negativas na vida cotidiana. É o caso do “Barulho e Agitação Noturna”, da “Insegurança”, das “Más Condições Habitacionais”, dos “Problemas com os Vizinhos”, do “Trânsito, Ruído e Poluição”, da “Escassez de Pessoas e Serviços”, do “Isolamento” e da “Restrição Espacial”, que constituem desafios impostos pelo espaço urbano e que exigem uma maior capacidade de adaptação por parte das pessoas idosas.

Assim sendo, os resultados desta pesquisa qualitativa permitem corroborar La Gory et. al (1985) que mencionam que “older persons sharing the same neighbourhood do not necessarily occupy the same environmental worlds” (485 *apud* Smith, 2009:100), ou seja, os lugares não proporcionam a mesma experiência e não têm necessariamente o mesmo significado para todas as pessoas. Com base no conteúdo descrito nas narrativas experienciais, os participantes deste estudo foram inseridos nas categorias ambientais definidas por Smith (2009)⁴³: “Conforto Ambiental”, “Gestão/Adaptação ao Ambiente” e “Stress Ambiental” e identificados pela idade, género e indicador de classe social.

⁴² Ver pp.69 “Colocando em prática a *Epoche*”.

⁴³ Segundo a autora estas categorias analíticas não são estáticas nem mutuamente exclusivas e devem, ser entendidas como dinâmicas e sobrepostas, e os indivíduos, ao longo da vida, podem mudar de categoria em função de mudanças pessoais, saúde e alterações ambientais.

Conforto Ambiental	Participantes	Idade/Género	Indicador de Classe
<ul style="list-style-type: none"> - Não existe uma pressão ambiental significativa/competências pessoais adequadas - Vinculação ao lugar - Não expressam desejo de Mudança 	E12	75 (M)	OI
	E6	63 (M)	PBIC
	E2	84 (F)	PBE
	E4	87 (M)	BEP
	E5	66 (M)	BP
	E7	81 (M)	OI
	E8	74 (F)	OI
	E10	68 (M)	PBE
	E14	74 (F)	OI
	E9	69 (M)	PBIP
	E13	64 (F)	PBE
	E3	64 (F)	Doméstica
Gestão/Adaptação do Ambiente	Participantes	Idade/Género	Indicador de Classe
<ul style="list-style-type: none"> - Pressão ambiental/competências pessoais adequadas - Vinculação ao lugar (em locais em redor ou fora da vizinhança ou num anterior local de residência) - Por vezes, expressam desejo de mudança - Evidência do uso de estratégias na vida quotidiana 	E16	75 (F)	OI
	E11	67 (M)	OA
Stress Ambiental	Participantes	Idade/Género	Indicador de Classe
<ul style="list-style-type: none"> - Pressão ambiental significativa/fracas competências pessoais - Expressam um forte desejo de Mudança - Evidência de poucas estratégias em lidar com a vida quotidiana 	E15	81 (F)	OI

Tabela 4- Categorias Ambientais dos Participantes

Fonte: Smith (2009), Elaboração própria

No presente momento das suas vidas, a maior parte dos participantes encontra-se representada na categoria “Conforto Ambiental”, tendo apenas 2 (dois) deles sido inseridos na “Gestão/Adaptação ao Ambiente” e apenas 1 (uma) na categoria de “Stress Ambiental”. Apesar de o Modelo Ecológico de Pressão Ambiental postular que à medida que as pessoas envelhecem e têm as suas competências reduzidas, os ambientes tendem a exercer maior pressão sobre o comportamento, esta relação não se verifica neste conjunto de participantes. Verificamos que a distribuição por idade e género é bastante heterogénea. Os participantes pertencentes às classes mais qualificadas e com um estatuto social mais elevado são aqueles que se encontram totalmente inseridos na categoria “Conforto Ambiental”, não revelando sofrer pressão por parte do meio e mostrando ter as competências pessoais adequadas. No caso dos participantes menos qualificados, são aqueles que se encaixaram, embora em número pouco representativo, nas categorias ambientais seguintes, que caracterizam um ambiente menos satisfatório para os idosos.

Os resultados deste estudo sublinham que a experiência fenomenológica de viver numa cidade numa fase adiantada da vida é complexa, não é uma experiência meramente subjetiva, e é intrinsecamente determinada pela organização da vida quotidiana dos participantes e pelo ambiente urbano. Finalmente, os resultados também sugerem que as relações entre o ambiente urbano e os estados internos parecem influenciar de forma mais positiva do que negativa a experiência quotidiana destas pessoas idosas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Afonso, P. & Zacarias, F., (2009) Vila-Adentro: Identidade, Espaço e Comunidade, *Anais do Município de Faro - 2005-2008*, Volume XXXV, FARO: Câmara Municipal de Faro, 128-147

Allen, R., Haley, P., Harris, G., Fowler, S. & Pruthi, R. (2011) Resilience: Definitions, ambiguities and applications in Resnick, B., Gwyther, L. & Roberto, K. (Eds), *Resilience in Aging: Concepts, Research and Outcomes*, New York, Springer Publishers, 1-13

Amérigo, M. (2000) Ambientes Residenciales in Aragonés, J. I. & Amérigo, M. (Eds.), *Psicología Ambiental* (pp. 173-190), Madrid, Psicología Pirámide

Amin, J. & Thrift, N. (2002) *Cities: Reimagining the urban*, London, Polity Press

Ascher, F. (1998) *Metapolis, acerca do futuro das cidades*, Oeiras, Celta Editora

Baltes, M. & Carstensen, L. (1996), The Process of Successful Ageing, *Ageing and Society*, 16, 397-422

Baltes, P. B., & Smith, J. (2003) New frontiers in the future of aging: From successful aging of the young old to the dilemmas of the fourth age, *Gerontology*, 49 (2), 123-135.

Baptista, L. (1994) Dominação demográfica no contexto do século XX português: Lisboa, a capital, *Sociologia Problemas e Práticas*, n.º 15, 53-77

Barata Salgueiro, T. (1992) *A cidade em Portugal: Uma geografia Urbana*, Porto, Edições Afrontamento

Barata Salgueiro, T. (1997) Lisboa, Metrópole policêntrica e fragmentada, *Finisterra*, XXXII, 179-190

Barata Salgueiro, T. (1998) Cidade pós-moderna: espaço fragmentado, *Inforgeo* 12/13, 225-235

Barata Salgueiro, T. (1999) Ainda em torno da fragmentação do espaço urbano, *Inforgeo* 14, 65-76

Barata Salgueiro, T. (1999 b) Das mudanças territoriais às da gestão: breves notas, *Finisterra*, XXXIV, 153-160

Bauman, Z. (2006) *Confiança e medo na cidade*, Lisboa, Relógio de Água

Baxter, P. & Jack, S. (2008) Qualitative case study methodology: study design and implementation of novice researchers, *The Qualitative Report*, Vol. 13, n.º 4, 544-559,

Disponível em: www.nova.edu/sss (Consultado em 12-11- 2012)

- Beck, U. (1992) *Risk society*, London, Sage Publications
- Berger, L.& Mailloux-Poirier, D. (1995) *Pessoas idosas: uma abordagem global*, Lisboa, Lusodidacta
- Bogdan, R.& Biklen, S. (1994) *Investigação Qualitativa em Educação*, Coleção Ciências da Educação, Porto, Porto Editora
- Bourdieu, P. (1979) *La Distinction, critique sociale du jugement*, Paris, Minuit
- Bowling, A. (2008) Enhancing later life: how older people perceive active ageing, *Ageing & Mental Health*, 12 (3), pp. 293-301
- Braudillard, J. (1991) *A Sociedade do consumo*, Lisboa, Ed. 70
- Burgess, R. (2001) *A Pesquisa de Terreno: Uma Introdução*, Oeiras: Celta Editora,
- Burton, E., Mitchell, L. & Stride, C. (2011) Good places for ageing in place: development of objective built environment measures for investigating links with old people's wellbeing, *BMD Public Health*, 211, 11-839
Disponível em: <http://www.biomedcentral.com/1471-2458/11/839> (Consultado em 10-06-2012)
- Carmo, R. (2006) Cidades Médias: do crescimento demográfico à consolidação territorial, *Cidades, Comunidades e Territórios*, n.º 12-13, pp. 61-80
- Caradec, V. (2010) *Sociologie de la Vieillesse et du Vieillissement*, 2.^a Ed.^a., Paris, Armand Colin
- Cerqueira, M (2010) *Imagens do envelhecimento e da velhice: um estudo na população portuguesa*, Dissertação de Doutoramento em Ciências da Saúde, Universidade de Aveiro
- Chawla, L. (1992) Childhood Place Attachments, Altman, I. & Low, S.M. (Eds.), *Place Attachment*, London, Plenum
- Coimbra, J. (2008) *O sentimento de solidão em idosas institucionalizadas: a influência da autonomia funcional e do meio ecológico*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa
- Correia, C. (2009) *O Apoio Social e a qualidade de vida dos idosos do concelho de Faro*, Dissertação de Mestrado em Psicologia da Saúde, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade do Algarve
- Costa, M. (1998) *Enfermeiros: dos percursos de formação à produção de cuidados*, Lisboa, Fim de Século Edições

- Creswell, J. (1994) *Research Design: Qualitative and Quantitative Approaches*, Thousand Oaks, Sage Publications
- Creswell, J. (2003) *Research Design: Qualitative, Quantitative and Mixed Methods Approaches*, Thousands Oaks, Sage Publications
- Creswell, J. (2007) *Qualitative inquiry and research design, choosing among five approaches*, Thousands Oaks, Sage Publications
- Cuesta Benjumea, C. (1997) Características de la investigación cualitativa y su relación con la enfermeira, *Investigación y Educación en Enfermería*, XV (2)
- Denzin, N. & Lincoln Y. (1994), *Handbook of qualitative research*, Thousand Oaks (CA), Sage Publications
- Dahlberg, K., Dahlberg, H., & Nyström, M. (2008) *Reflective lifeworld research*, (2.^a Ed.), Lund, Studentlitteratur
- Demateis, G. (2001) Shifting cities in *Postmodern Geography: Theory and Praxis*, Minica, C. (Ed), Oxford, Blackwell
- Denzin, N.& Lincoln Y. (2006) O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens, Porto Alegre, Ambar
- Depp, C. & Jeste D.V (2006), Definitions and predictors of successful aging: a comprehensive review of larger quantitative studies, *American Journal of Geriatric Psychiatry*, 14 (1), 6-20.
- Dooley, L. (2002) Case Study Research and Theory Building, *Advances in Developing Human Resources* (4), 335-354
- Duarte, S. (2010) *Continuidade em Cuidados Domiciliários: o papel do Enfermeiro*, Dissertação de Doutoramento em Enfermagem, Universidade de Lisboa, Escola Superior de Enfermagem de Lisboa
Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/> (Consultado em 12-11- 2012)
- Duarte, T. (2009) A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica), *CIES-ISCTE Ee- Working Paper* n.º 60/2009, Lisboa
Disponível em: http://www.cies.iscte.pt/destaques/documents/CIES-WP60_Duarte_003.pdf (Consultado em 10-11-2012)
- Dumazedier, J. (2000) *Lazer e cultura popular*, São Paulo, Editora Perspectiva
- Edmonson, R. (2009) Establishing a humanistic Gerontology, Challenges and Opportunities”, in Edmonson, R. & Kondratowitz, H. (Eds) *Valuing Old People: a humanist approach to ageing*, Bristol, Policy Press
- Elias, N. (1998) *Sobre o Tempo*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

- Fernandes, A. (1997) *Velhice e sociedade. Demografia, família e políticas sociais em Portugal*, Oeiras, Celta editora
- Fernandes, H. (2007) *Solidão em idosos do meio rural do concelho de Bragança*, Dissertação de Mestrado em Psicologia do Idoso, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto
- Ferrão, J., Henriques, E. & Neves, A. (1994) Repensar as cidades de média dimensão, *Análise Social*, vol. XXIX (129), pp. 1123-1147
- Ferreira, A. (2009) *A qualidade de vida em idosos em diferentes contextos habitacionais: a perspectiva do próprio e do seu cuidador*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa
- Ferreira, M. (2011) *A Qualidade da Experiência Subjetiva e o Envelhecimento: relações com o bem-estar e a solidão*, Dissertação de Doutoramento em Psicologia Social, Universidade do Minho
- Flick, U. (2005) *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*, 2.^a Ed.^a, Ed. Monitor
- Flick, U. (2005 b) Qualitative Research in Sociology in Germany and the US- State of Art, differences and developments, *Forum Qualitative Research*, vol.6, art. 23
Disponível em: <http://qualitative-research.net> (Consultado em 02-12-2012)
- Fonseca, A. M. (2005) Envelhecimento bem-sucedido, in C. Paúl e A. Fonseca (Eds), *Envelhecer em Portugal: Psicologia, Saúde e Prestação de Cuidados*, Lisboa, Climepsi, 285-311
- Fonseca, A. M., Paúl, C., Martin, I. e Amado, J. (2005) Condição psicossocial de idosos rurais numa aldeia do interior de Portugal, in, C. Paúl e A. Fonseca (Eds), *Envelhecer em Portugal: Psicologia, Saúde e Prestação de Cuidados*, Lisboa, Climepsi, 97-108
- Fonseca, A., Gonçalves, D. & Azevedo, M (2008) “A ligação à terra dos idosos rurais da raia portuguesa”, Universidade Católica Portuguesa, apresentação no VII Congresso Ibérico de Estudos Rurais
Disponível em: http://www.sper.pt/actas7cier/PFD/Tema%20I/1_2.pdf
(Consultado em 20-06-2012)
- Fortin, M. (2003) *O processo de investigação*, Loures, Lusociência
- Fortuna, C. (1997) Sociologia, cultura urbana e globalização, *Cidade, Cultura e Globalização*, Fortuna, C. (Org), Oeiras, Celta Editora, 1-28
- Fortuna, C. (2002) Culturas urbanas e espaços públicos: sobre as cidades e a emergência e um novo paradigma sociológico, *Revista Crítica de Ciências*

Sociais, Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, 123-148

Fragoso, A. (2004) El estudio de casos en la investigación de educación de personas adultas, in Lucio-Villegas, Ed. (ed), *Investigación Y Práctica en la Educación de Personas Adultas*, Valencia, Nau Libres, 41-60

Gardner, P. (2007) Envelhecimento saudável: uma revisão das pesquisas em Língua Inglesa, *Movimento (ESEF/UFRGS)* v. 12, n. 2, 69-92
Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2906>,
(Consultado em 06-10- 2013)

Gato, M.& Ramalheite, F. & Soares, Nuno (2011) *A Multipli(cidade) do Bairro*, Texto apresentado na Second international Conference of Young Urban Researchers, ISCTE-IUL
Disponível em:
<http://conferencias.cies.iscte.pt/index.php/icyurb/sicyurb/paper/viewFile/403/73>
(Consultado em 02-12-2013)

Giddens, A. (1979) *Central Problems in Social Theory: action, structure and contradiction in social analysis*, London, The Macmillan Press

Giddens, A. (2003) *A Constituição da Sociedade*, São Paulo, Martins Fontes

Giorgi, A. (2006) *Phenomenology and psychological research*, Pennsylvania, Duquesne University Press

Giuliani, M. (2004) O lugar do apego nas relações pessoas-ambiente. In Tassara, E., Rabinovich, E., & Guedes, M., *Psicologia e ambiente*, São Paulo, Educ.

Glass, T. (2003) Assessing the success of successful aging, *Annals Internal Medicine*, 139, 382-383.

Golant, S. (2003) Conceptualizing time and behaviour in environmental gerontology: a pair of old issues deserving new thought, *The Gerontologist*, vol. 43. 638-48

Gottman, J. (1961) *Megalopolis, the urbanized northeastern seabord of the USA*, The MIT Press, Cambridge, Massachusetts

Guerra, I. (1994) As pessoas não são coisas que se metam em gavetas, *Sociedade e Território* n.º 20

Hamel, J. (1997) *Étude de cas et sciences sociales*, Paris, L´Harmattan

Hansen-Kyle, L. (2005) A concept analysis of health aging, *Nursing Forum*, 40(2), 45-57

Harvey, D. (1990) *The condition of post modernity*, Blackwell, Oxford

- Heinich, N. (2000) *A Sociologia de Norbert Elias*, Lisboa, Temas e Debates
- Heller, A. (1977) *Sociologia de la Vida Cotidiana*, Barcelona, Ediciones Península
- Holanda, A. (2006) Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica, *Análise Psicológica*, XXIV,303-377
- Husserl, E. (s/d) *A Ideia da Fenomenologia- Textos Filosóficos*, Lisboa, Edições 70
- Instituto do Emprego e Formação Profissional (1994) *Classificação Nacional das Profissões (CNP-94)*
- Instituto Nacional de Estatística (2002) O envelhecimento em Portugal: situação demográfica e socioeconómica recente das pessoas idosas, *Revista de Estudos Demográficos* 32, 185-208
- Instituto Nacional de Estatística (2011) *XV Recenseamento Geral da População*, Resultados Provisórios
- Izal, M. & Ballesteros, R. (1990) Modelos Ambientales Sobre la Vejez, *Anales de Psicología*, 6 (2), 181-198
- Jameson, F. (1984) Postmodernism or the cultural logic of late capitalism, *New Left Review*, 146, 53-92
- Lamas, J. (1992) *Morfologia urbana e desenho da cidade*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian
- Laranjeira, C. (2007) Do vulnerável ser ao resiliente envelhecer: revisão da literatura, *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Jul-Set, vol 23 n.º 3, 327-332
- Lawton, M. (1982) Competence, environmental press, and the adaptation of older people in M. Lawton, P. Windley & T. Byerts (Eds), *Aging and the environment: theoretical approaches*, New York, Springer, 33-59
- Leontowitsch, M. (Ed) (2012) *Researching later life and ageing: expanding qualitative research horizons*, Palgrave Macmillan
- Lewis, P. (1983) The Galactic metropolis, beyond the urban fringe in Platt, R. & Macinko, G. (Eds), University of Minnesota Press, Minneapolis
- Lima, A. & Viegas, S. (1988) A diversidade cultural do envelhecimento: a construção social da categoria de velhice, *Psicologia*, 6 (1), 149-158
- Lopes, P. (2004) *Qualidade de vida e suporte social do idoso no meio rural e no meio urbano: um Estudo comparativo e correlacional*, Dissertação de Mestrado, Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA)

Loureiro, L. (2006) Adequação e rigor na investigação fenomenológica em enfermagem – crítica, estratégias e possibilidades, *Referência*, II Série, (2), 21-31.

Machado, P. (2004) A (c) idade maior- para uma sociologia da velhice na cidade de Lisboa, *Revista Sociologia Problemas e Práticas* n.º 15, 21-52

Machado, P. (2007) A emergência do “velho” na cidade-reconfigurações sociais e transformações demográficas nas sociedades portuguesas, *Atas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Ação Ateliê: Cidades, Campos e Territórios*

Machado, C. (2010) *Vivências da Mulher em situação de interrupção voluntária da gravidez por malformações fetais*, Dissertação de Mestrado em Ciências da Enfermagem, Porto, Universidade do Porto, Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar (ICBAS)

Magarreiro, A. (2008) *O bem-estar subjetivo em idosas institucionalizadas: a influência autonomia funcional e do meio ecológico*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa

Maggs-Rapport, F. (2001) Best research practice: in pursuit of methodological rigour, *Journal of Advanced Nursing*, 35, (3), 373-383

Mantas, V. (1990) As cidades marítimas da Lusitânia, *Les Villes de Lusitanie Romaine*, Paris, Centre National de la Recherche Scientifique, 149-205.

Manzo, L. & Perkins, D. (2006) Finding Common Ground: The Importance Of Place Attachment To Community Participation And Planning, *Journal Of Planning Literature*, 20, 335-50

Disponível em: <https://my.vanderbilt.edu/perkins/files/2011/09/ManzoPerkins.2006.Neighborhoods-as-common-ground.JPL.pdf> (Consultado em 20-08- 2012)

Maykut, P. & Morehouse R. (1994) *Beginning qualitative research: a philosophic and practical guide*, London, Routledge Farmer

Meirinhos, M. & Osório A. (2010) O Estudo de Caso como estratégia de investigação em educação, *Eduser, Revista de Educação*, Vol 2 (29), Bragança, Instituto Politécnico de Bragança, Escola Superior de Educação
Disponível em: <http://www.eduser.ipb.pt> (Consultado em 12-12-2012)

Mendes, L. (2011) Cidade pós-moderna, gentrificação e a produção social do espaço fragmentado, *Caderno Metrópole de S. Paulo*, V. 13, n.º 26, 473-495

Moran, D. (2000) *Introduction to phenomenology*, New York, Routledge

Morse, J. (2003) Principles of mixed methods and multimethod research design in Tashakkori, A. & Teddlie, C. *Handbook of Mixed Methods in social & behavioural research*, Sage Publications

- Munhall, P. (2007) *Nursing research: a qualitative perspective*, 145-210
- Noronha, et al. (2009) Resiliência: nova perspectiva na promoção da saúde da família? *Ciência Saúde Coletiva*, vol.14, n.2, Rio de Janeiro
- O'Connor, J., Wynne, D. (1997) Das margens para o centro: produção e consumo de cultura em Manchester, *Cidade, Cultura e Globalização*, Fortuna, C. (org), Oeiras, Celta Editora, 189-205
- Pais, J. (1986), Paradigmas sociológicos na análise da vida quotidiana, *Análise Social*, Vol. XXIII, 7-57
- Patton, M. (1990) *Qualitative evaluation and research methods*, 2.ªEd, Newbury Park, CA, Sage Publications
- Paúl, C. (1991) *Percursos pela Velhice-uma perspectiva ecológica em Psicogerontologia*, Dissertação de Doutoramento, Instituto de Ciências Biomédicas Dr. Abel Salazar (ICBAS)
- Paúl, C. (1997) *Lá para o fim da vida. Idoso, família e meio ambiente*, Coimbra, Livraria Almedina
- Paúl, C. (2005) Envelhecimento ativo e redes de suporte social, *Revista de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Série I, Vol.15, 275-288
- Paúl, C. & Fonseca, A. (2005) *Envelhecer em Portugal: psicologia, saúde e prestação de cuidados*, Lisboa, Climepsi editores
- Pinho, N. (2005) *Análise dos índices de psicopatologia e qualidade de vida dos doentes do Lar "X", comparativamente com os índices de psicopatologia dos idosos a residirem em sua casa*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa
- Phillips, D.; Siu, O., Yeh, A. & Cheng, K. (2005) Ageing and the urban environment in G.J. Andrews and D. Phillips (Eds) *Ageing and place: perspectives, policy, practice*, New York, Routledge, 147-163
- Polít, D. & Hungler, B. (1995) *Fundamentos de pesquisa em enfermagem*, 3.ªEd. Porto Alegre, Artes Médicas
- Ponzetti, J. (2003) Growing old in rural communities: A visual methodology for studying place attachment, *Journal of Rural Community Psychology*, E 6
- Population Reference Bureau (2010) *2010, World Population Data Sheet*, Wahington DC.
Disponível em: http://www.prb.org/pdf10/10wpds_eng.pdf (Consultado em 10-01- 2013)

- Punch, K. (1998) *Introduction to Social Research: Quantitative & Qualitative Approaches*, London, Sage Publications
- Ramos, A. (2002) Espaço-tempo na cidade de S. Paulo: Historicidade e espacialidade do “Bairro” da Água Branca, *Revista do Departamento de Geografia* 15 (65-75).
- Remy J. & Voyé L. (1994) *Cidade, rumo a uma nova definição*, Porto, Edições Afrontamento
- Ritzer, G. (1993) *The Macdonaldization of society*, Thousand Oaks, Pine Forge Press, 147-159
- Rodrigues, T. (2006) A evolução urbana da cidade, *Monumentos, n.º24*, Lisboa, DGEMN, 2006, 24-31.
- Rodrigues, T. (2010) *Faro na época moderna: do urbanismo à arquitectura*, Dissertação de Mestrado em História da Arte, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade do Algarve
- Rodriguez, G., Flores, J. & Jiménez, E. (1999) *Metodologia de la investigacion cualitativa*, Málaga, Ediciones Aljibe
- Rosa, M. (2012) *O Envelhecimento da Sociedade Portuguesa*, Fundação Francisco Manuel dos Santos, Lisboa, Relógio d’água editores
- Rowe J. & Kahn R. (1997) Successful aging, *The Gerontologist*, 37 (4), 433-440
- São José, J. & Teixeira, A. (2013) Envelhecimento activo: contributo para uma discussão crítica, *Análise Social* (aceite para publicação)
- Sarmiento, J. (2003) Variações sobre o urbanismo pós-moderno, *Revista da Faculdade de Letras- Geografia*, XIX, pp. 255-265
- Seidman, I. (2006) *Interviewing as qualitative research, a guide for researchers in educational and social sciences*, New York, Teachers College Press
- Seixas, P. (2011) Urbanismo, cultura e globalização em Portugal: modelos analíticos e de desenvolvimento territorial, *Urbe -Revista Brasileira de Gestão Urbana*, v.3, n.º 1, 55-75
- Sequeira, A & Silva, M. (2002) O bem-estar da pessoa idosa em meio rural, *Análise psicológica* (3) XX, 505-516
- Seubert, H. & Carpenter, D. (2002) *A investigação qualitativa em Enfermagem: Avançando o Paradigma Humanista*, Loures, Lusociências
- Singer, J. (2004) Narrative identity and meaning making across the adult lifespan: An introduction, *Journal of Personality*, 72, 437–459.

- Smith, A. (2009) *Ageing in urban neighbourhoods: Place attachment and social exclusion*, Bristol, Policy Press
- Soja, E. (1993) *Geografias Pós-Modernas*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores
- Soja, E. (1994) O desenvolvimento metropolitano pós-moderno nos EUA: virando LA pelo avesso in avesso in Santos, M. et al. (Org). *Território: globalização e fragmentação*, São Paulo, Hucitec
- Stake, R. (1978) The case study method in social inquiry, *Educational Researcher*, vol.7, n. ° 2, 5-8
- Stake, R. (1999) *Investigación com estúdios de casos*, Madrid, Morata
- Stake, R. (2007) *A arte da investigação em Estudos de Caso*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian
- Strauss A. & Corbin, J. (1990) *Basics of Qualitative Research, Grounded Theory procedures and techniques*, CA, Sage Publications
- Streubert, H & Carpenter, D. (2002) *Investigação Qualitativa em Enfermagem: Avançando o Imperativo Humanista*. 2ª ed, Loures: Lusociência,
- Sudbury, J., Bartlett O. & Wynne, D. (1997) Das margens para o centro: produção e consumo de cultura em Manchester, *Cidade, Cultura e Globalização*, Fortuna, C. (org), Oeiras, Celta Editora, 189-205
- Teixeira, L. (2010) *Solidão, depressão e qualidade de vida em idosos: um estudo avaliativo exploratório e implementação-piloto de um programa de intervenção*, Dissertação de Mestrado Integrado, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa
- Teles, L. (2008) *Adaptação do Questionário de Reminiscências*, Dissertação de Mestrado em Psicogerontologia, Lisboa, Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa
- Tomé, J. (2010) *A Centralidade do espaço doméstico na estruturação do quotidiano- o caso das ilhas do Porto*, Dissertação de Mestrado em Sociologia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto
- Tuan, Y. (1980) *Topofilia um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*, Trad. Livia de Oliveira, São Paulo, Difel
- Van Manen, M. (1997) *Research lived experience: human science for an action sensitive pedagogy*, New York, State University of New York Press
- Velez, M. (2002) *A Pessoa e os cuidados de Saúde: compreensão ética e "sentido fenomenológico"*, Tese de Doutoramento em Filosofia, Faculdade de Ciências Sociais e Humana da Universidade Nova de Lisboa

Viana, J. (2010) *Porto, cidade amiga das Pessoas Idosas: um estudo centrado na perspectiva dos idosos nas freguesias de Miragaia e Vitória*, Dissertação de Mestrado em Terapia Ocupacional, Instituto Politécnico do Porto, Escola Superior de Tecnologia do Porto

Vine, D. Buys, L. & Aird, R. (2012) The use of amenities in high density neighbourhoods by older urban Australian residents, *Landscape and urban planning* (107), 159-171

Walker, A. (2002) A Strategy for Active Ageing, *International Social Security Review*, 55, pp. 121-131

World Health Organization (2002) *Active Ageing: A policy framework*, Noncommunicable disease prevention and health promotion department, Ageing and Life, Geneva

WEF (2012) *Global population ageing: peril or promise*, Global Agenda Council on ageing society

Yang, Y. & George, L. (2005) Functional disability: disability transitions and depressive symptoms in late life, *Aging Health*, v. 17, 263-292

Yin, R. (2005) *Estudo de Caso: Planejamento e métodos*, 3.^a Ed^a, Porto Alegre

APÊNDICE 1_GUIÃO DE ENTREVISTA

I PARTE

	Ações
Introdução	<input type="checkbox"/> Apresentar a investigadora e objetivos do estudo <input type="checkbox"/> Solicitar o consentimento para participar na investigação e para gravar as entrevistas <input type="checkbox"/> Garantir o anonimato e confidencialidade dos dados <input type="checkbox"/> Informar e explicitar dúvidas

II PARTE

	Questões Orientadoras
Idade/Género	<input type="checkbox"/> Qual a sua idade? <input type="checkbox"/> Qual o estado civil? (casado/a, solteiro/a, divorciado/a, separado/a, em união de facto, viúvo/a)
Condição perante o trabalho/Situação na Profissão	<input type="checkbox"/> Está reformado/a? Em caso negativo, <input type="checkbox"/> Está desempregado/a, é doméstica ou pensionista ou exerce uma profissão? <input type="checkbox"/> Exerce uma profissão, qual? É remunerada? <input type="checkbox"/> Trabalha por conta própria (isolado ou patrão) ou conta de outrem? Em caso afirmativo, <input type="checkbox"/> Qual era a sua profissão? <input type="checkbox"/> Era trabalhador por conta própria (isolado ou patrão) ou conta de outrem? <input type="checkbox"/> Com que idade deixou de trabalhar?
Principal Meio de Vida	<input type="checkbox"/> Qual a sua principal fonte de rendimentos? (trabalho, pensão, reforma ou outros)
Nível de Escolaridade (o mais elevado que atingiu)	Qual o seu nível de escolaridade? <input type="checkbox"/> Não sabe ler nem escrever <input type="checkbox"/> Sabe ler e escrever <input type="checkbox"/> 1.º Ciclo do Ensino Básico (antiga 4.ª classe) <input type="checkbox"/> 2.º Ciclo do Ensino Básico <input type="checkbox"/> 3.º Ciclo do Ensino Básico (Curso Industrial/Curso Comercial) <input type="checkbox"/> Ensino Secundário <input type="checkbox"/> Ensino Superior (Bacharelato/Licenciatura)

Composição do Agregado Doméstico	<input type="checkbox"/> Com quem vive habitualmente? Indique especificamente a relação de parentesco <input type="checkbox"/> Indique o n.º de pessoas do agregado
Redes de Apoio e Sociabilidades	<input type="checkbox"/> No seu dia-a-dia convive habitualmente com outras pessoas? (todos os dias, quase todos os dias, de vez em quando, nunca) <input type="checkbox"/> Com quem convive habitualmente? (familiares, vizinhos, amigos, outros) <input type="checkbox"/> Se vive só, tem alguém a quem recorrer em caso de necessidade? Qual o grau de parentesco e local de residência?
Habitação	<input type="checkbox"/> É proprietário ou arrendatário? <input type="checkbox"/> Há quantos anos mora nesta casa? <input type="checkbox"/> Como considera o estado de conservação da casa? (Bom, Médio, Mau)
Problemas de Saúde	<input type="checkbox"/> Tem algum problema de saúde?

III PARTE

Questões Orientadoras
<input type="checkbox"/> Gostaria que me falasse sobre o seu dia-a-dia. Como é que é o seu dia-a-dia durante a semana? <input type="checkbox"/> E durante os fins-de-semana? <p style="text-align: center;">(averiguar se há dias que se distanciam do dia-a-dia típico semanal e de fim de semana)</p>
<input type="checkbox"/> Quais são os momentos mais fáceis no dia-a-dia que me descreveu? (explorar as razões) <input type="checkbox"/> E quais são os momentos que lhe dão mais satisfação/prazer? (explorar as razões) <input type="checkbox"/> O que sente nesses momentos? <input type="checkbox"/> Pode agora dizer-me quais são os momentos mais difíceis no dia-a-dia que me descreveu? (explorar as razões) <input type="checkbox"/> E quais são os momentos que lhe dão menos satisfação/prazer? (explorar as razões) <input type="checkbox"/> O que é que sente nesses momentos?

IV PARTE

Questões Orientadoras	
<input type="checkbox"/>	Pode falar-me um pouco sobre a Vila Adentro? Como a descreve?
<input type="checkbox"/>	Quais as principais vantagens de viver nesta área? E as principais desvantagens? (explorar as razões)
<input type="checkbox"/>	Se fosse Presidente da Câmara faria alguma coisa dirigida e especificamente para esta zona? O quê e porquê?
<input type="checkbox"/>	Gosta de viver nesta zona da cidade? (explorar as razões)

V PARTE

Ações	
Conclusão	<input type="checkbox"/> Fim da entrevista
	<input type="checkbox"/> Agradecimento da participação
	<input type="checkbox"/> Gostaria de acrescentar alguma aspeto que julgue ser importante?
	<input type="checkbox"/> Disponibilização para qualquer esclarecimento

APÊNDICE 2_DECLARAÇÃO DA INVESTIGADORA

Patrícia Marina Paulo Correia Calças Severino Coelho, aluna n.º 21116 do Mestrado em Sociologia- Mobilidades e Identidades da Faculdade de Economia da Universidade do Algarve, declara para os devidos efeitos que a investigação que está a realizar, com a orientação científica do Professor Doutor José de São José, destina-se a fins académicos e é estritamente confidencial.

O objetivo da pesquisa é compreender em profundidade a experiência de viver num meio urbano nas fases adiantadas da vida, bem como o seu significado.

As entrevistas são gravadas e serão usadas somente para este fim e o anonimato dos participantes será salvaguardado.

Faro, 17 de Abril de 2013

APÊNDICE 3_NOTAS BIOGRÁFICAS DOS PARTICIPANTES

E1	66 anos de idade, solteiro, sabe apenas ler e escrever. Foi ajudante de calceteiro. É reformado por invalidez há quase 13 anos. Tem um problema na anca e desloca-se com o auxílio de uma bengala. Vive sozinho numa habitação térrea, arrendada, situada na Vila Adentro há mais de 50 anos. O seu suporte familiar é composto por dois irmãos: um irmão que o visita diariamente e uma irmã, em cuja casa vai geralmente passar o fim-de-semana. Convive diariamente com os amigos num jardim próximo da sua habitação.
E2	84 anos de idade, viúva há 24 anos, possui a 4. ^a classe. Nasceu em Évora, mas veio para Faro aos 20 anos. Trabalhou na empresa vidreira do marido até ao seu falecimento. É reformada. Já teve dois enfartes e padece de problemas na coluna. Vive com o neto e esposa deste numa habitação tipo duplex, arrendada. Tinha dois filhos, um deles, que vivia consigo, faleceu no ano passado. O outro não o vê há quase quinze anos. Vive na Vila Adentro há 50 anos. Não mantém contactos sociais, vive fechada em casa, onde se distrai com as atividades domésticas.
E3	64 anos de idade, casada, possui a 4. ^a classe. Nasceu em Arraiolos e veio para Faro há 45 anos, já com o atual marido. Tem 3 filhos, mas nenhum reside consigo. É doméstica, mas ajuda o marido na oficina de serralharia, da qual são proprietários na Vila Adentro. É uma mulher polivalente, faz tudo desde restauro de madeiras, pratos e tapetes de arraiolos. Passa a maior parte do dia na oficina, a ajudar o marido, só indo jantar e dormir a casa. Há 20 anos que frequenta a oficina, convivendo diariamente com os vizinhos e clientes.
E4	87 anos de idade, viúvo há 3 anos, fez a 4. ^a classe já com 13 anos. Vive numa habitação térrea arrendada na Vila Adentro há mais de 60 anos. Está reformado desde os 65 anos. Era patrão de uma oficina de automóveis. Tem 2 filhos, o mais velho vive em Lagos e mais novo em Olhão. É na casa do mais novo que costuma passar os fins-de-semana. É saudável, não tem qualquer problema de saúde diagnosticado. A sua rotina diária é sempre preenchida com várias atividades, desde a pintura à construção e ao passeio. Anda de bicicleta, tem um barco e conduz carro e motorizada. Convive diariamente com os amigos e a família.
E5	65 anos de idade, casado, detém o antigo Curso Industrial. Vive há 10 anos numa habitação térrea, reabilitada na Vila Adentro, embora trabalhe nesta zona há cerca de 40 anos. Apesar de estar reformado, continua a exercer a sua atividade profissional por conta própria, a qual lhe preenche intensamente o seu dia-a-dia, das nove às seis, sete horas da noite. Nos fins-de-semana dedica-se à pequena agricultura e a passear com a família. Convive diariamente com a mulher e o filho e com os clientes.

E6	63 anos de idade, viúvo há 6 anos, tem dois filhos que estão fora de Faro. Vive só. Está reformado há 6 anos, era professor do Ensino Secundário. Embora tenha nascido na Vila Adentro onde viveu até aos 18 anos, só há cerca de ano e meio passou a morar nesta habitação reabilitada. O seu dia-a-dia é dedicado à atividade física e à frequência da academia sénior, os fins-de-semana são para lazer e descanso. O seu suporte familiar é composto por uma irmã que reside em Faro, que o visita diariamente e que lhe presta apoio nas atividades domésticas. Convive diariamente com um núcleo próximo de amigos.
E7	81 anos de idade, nasceu na Vila Adentro, é divorciado e vive só. Tem dois filhos, um filho que mora em Faro e uma filha que está em Lisboa, mas com os mantém uma fraca ligação. Não tem qualquer outro suporte social em Faro. Era motorista de pesados, mas está reformado desde os 62 anos. Fez a 4.ª classe de adultos. É saudável, não tem qualquer problema de saúde diagnosticado. Vive há mais de 50 anos numa habitação térrea, tipo duplex, sendo que dorme no rés-do chão, porque já tem dificuldade em subir e descer as escadas. A sua rotina diária é preenchida com passeios ao mercado e pelo convívio com amigos no Jardim próximo da Vila Adentro. Também convive diariamente com vizinhos.
E8	74 anos idade, viúva há 5 anos, vive só. Tem dois filhos, que não residem em Faro. Não tem qualquer outro suporte social em Faro. Era empregada de serviços domésticos numa empresa de seguros, na qual trabalhou até aos 57 anos de idade. Tem a 3.ª classe, teve de deixar de estudar para ajudar os pais. Tem graves problemas cardíacos, foi operada ao coração há um ano. Vive há mais de 50 anos no 1.º piso de uma habitação situada em plena Vila Adentro. A sua rotina diária é preenchida pelas atividades domésticas e pelo convívio com as amigas num jardim próximo da sua habitação.
E9	69 anos de idade, natural de Faro, é casado e vive com a esposa. Tem 3 filhos dessa união e que também moram em Faro. Apesar de reformado, continua a exercer a atividade profissional de serralheiro civil, numa pequena oficina na Vila Adentro. Tem o 5.º ano do Ensino Industrial e herdou a oficina do pai instalada na Vila Adentro há mais de 50 anos. Hoje em dia a sua rotina diária é pautada pela falta de trabalho, sendo que por vezes tem de dedicar-se à apanha de amêijoas e peixe para comer. Aos fins-de-semana vai com a esposa às feiras de velharias. Convive diariamente com clientes, vizinhos e esposa.
E10	67 anos de idade, natural do Porto, é casado e vive com a esposa. Tem o 7.º ano antigo. Apesar de reformado, continua a exercer a sua atividade profissional de antiquário num pequeno armazém situado na Vila Adentro. Há 40 anos que está instalado no local, onde passa a maior parte dos dias, com exceção dos fins-de-semana, nos quais se desloca para a sua azenha em Salir, para estar mais próximo da Natureza. Convive diariamente com clientes e esposa.

E11	<p>67 anos de idade, natural de Faro, casado, vive com a esposa. Tem a 4.^a classe feita no Serviço Militar. Já teve dois enfartes, o último deles há 1 ano atrás. Foi pescador e mariscador e, mais tarde, operário na fábrica de cerveja. Posteriormente, regressou ao mar, mas a sua doença circulatória agravou-se com o uso de botas de borracha e levou à amputação da perna esquerda abaixo do joelho. A sua mobilidade é reduzida e desloca-se com o auxílio de bengala ou muleta. Está reformado por invalidez desde 1994. Vive na Vila Adentro há mais de 40 anos. Convive diariamente com amigos reformados e ligados à pesca. Por vezes, ajuda a remendar as redes dos pescadores. Os fins-de-semana são passados em casa. Se pudesse gostaria de viver numa habitação fora da Vila Adentro com melhores condições de habitabilidade.</p>
E12	<p>75 anos de idade, natural de Almodôvar, tem 75 anos, é casado e está reformado. Tem a 4.^a classe. Aprendeu o ofício de alfaiate com o pai, mas quando chegou a Faro foi trabalhar para uma adegas na Vila Adentro onde permaneceu até se reformar. Apesar de pernoitar com a esposa numa outra habitação, é na habitação da Vila Adentro arrendada há mais de trinta anos, que gosta de passar a maior parte dos dias e onde se dedica à costura e à execução de peças decorativas. Convive diariamente com todos os vizinhos.</p>
E13	<p>64 anos de idade, natural de Faro, está separada e é auxiliar de um consultório de análises clínicas. Estudou até ao 6.^o ano. Um dos filhos recentemente separado vive atualmente consigo. Veio morar para a Vila Adentro com 11 anos e mora nesta habitação desde os 21 anos, a qual foi comprada pelos seus pais emigrantes em França. A vida quotidiana é dedicada ao trabalho, sendo que aos fins-de-semana apenas sai de casa para tomar café. Convive diariamente com as colegas do trabalho. Manifesta vontade de mudar de habitação, dado ser bastante dispendioso suportar a manutenção e conservação da mesma.</p>
E14	<p>67 anos de idade, natural do Sardoal, é consagrada a uma Ordem Religiosa. Foi numa instituição religiosa que prosseguiu os estudos até finalizar o 6.^o ano. Veio morar para a Vila Adentro há 13 anos. Já residiu vários anos no Vaticano. É uma pessoa com uma saúde débil, marcada por problemas de saúde do foro oncológico e, que apesar de reformada, continua a dedicar-se às tarefas domésticas no Paço Episcopal.</p>
E15	<p>81 anos de idade, natural de Faro, é divorciada e vive na Vila Adentro há mais de 50 anos. Viveu numa instituição religiosa até perfazer os 18 anos. Mora com um filho de 54 anos, igualmente divorciado, numa casa deixada de herança por uma tia. Trabalhou como empregada de quartos numa unidade hoteleira até aos 63 anos. É uma pessoa com uma saúde débil, marcada por problemas de saúde do foro cardíaco. O seu dia-a-dia é dedicado às tarefas domésticas. Gosta de estar sozinha, não convive com vizinhos. Manifesta desejo de mudar de habitação, não gosta de viver na Vila Adentro.</p>

E16	75 anos de idade, é casada e vive na Vila Adentro há mais de 50 anos. Vive sozinha, não fala sobre o marido. Tem 3 filhos que moram em Faro. Trabalhou como empregada de limpeza e sabe apenas ler e escrever. Não convive muito com os vizinhos. Tem alguns problemas de mobilidade, desloca-se com a ajuda de um cajado.
------------	--

APÊNDICE 4_ANALÍSE TEMÁTICA

QUESTÃO DE INVESTIGAÇÃO 4: E QUAIS OS SENTIMENTOS E EMOÇÕES QUE ATRIBUEM A ESTAS EXPERIÊNCIAS QUOTIDIANAS?			
TEMA	SUBTEMAS	FRASES REVELADORAS	UNIDADES DE SIGNIFICADO
SENTIMENTOS E EMOÇÕES POSITIVAS	FELICIDADE	"Sinto-me alegre. Alegria... (sorri)" E1 (L51)	Sentir-se ocupado (convívio com amigos)
		"Sinto-me contente da vida, sinto-me tão bem. Ando todo contente da vida, com energia!" E4 (L91-92)	Sentir-se ocupado (atividades de lazer)
		"Sinto-me bem, útil, como se não tivesse a idade que tenho...Sabe que olham para mim e ninguém me dá esta idade!" E 15 (L75-76)	Sentir-se útil (trabalho doméstico)
		"Quando tudo corre bem, sinto alegria, sinto-me outra pessoa...parece que estou noutro mundo". E7 (L73-74)	Sentir-se bem (Trabalho doméstico e atividades de lazer)
		"Sinto-me bem. O tempo passa mais depressa, estou distraído " E 11 (L85-86)	Sentir-se bem (Trabalho não doméstico)
		"Sinto alegria, porque sinto-me preenchida e sinto que Deus está comigo, sinto-me com energia" E 14 (L67-68)	Sentir-se alegre
		"Sinto alegria, sinto-me útil, estou recordando os meus tempos antigos (<i>vai mostrando mais invenções suas, decorações, forras dos sofás</i>) e o tempo vai passando" E12 (L72-74)	Sentir-se útil (trabalho não doméstico)
		"Sinto-me muito feliz, a pessoa está a fazer aquilo e está entretida com o trabalho e não pensa em mais nada " E8 (L75-76)	Sentir-se feliz (Trabalho doméstico)
		"Sinto muita satisfação por ver as coisas limpinhas. Por exemplo venho aqui, arrumo. Depois vou-me embora. Depois abro a porta e olho, olho, e vou-me embora outra vez. Sempre fui assim, sempre foi assim e não é uma fase da vida (<i>ri</i>). " E 2 (L121-124)	Sentir-se satisfeita (trabalho doméstico)
		"Não sou de fazer grandes festas, mas fico satisfeito, preenchido " E 5 (L39-40)	Sentir-se preenchido (trabalho não doméstico)
	RESILIÊNCIA	"Eu por exemplo fui operada vai fazer 5 anos ao endométrio, tinha um cancro. Fizeram-me uma histerectomia total, tiram-me o útero, ovário, tudo. Fiz radioterapia. Fui operada no dia 25 de Novembro de 2008 e estive alguns dias na Casa de Santa Zita e depois voltei novamente para trabalhar...O ano passado fui operada aqui (<i>aponta para o peito</i>), fizeram-me um corte aqui no dia 19 de Julho e outro no dia 20 de Setembro, sempre a trabalhar e estou aqui como se não tivesse feito nada (<i>ri</i>)" E 14 (L 15-21)	Superar doença oncológica
		"Vou às compras a pé, agarrada ao caxado mas ainda vou" E 16 (L69)	Superar limitação física
		"(...) Mas eu vivi casado 3º e muitos anos e o falecimento da minha mulher foi muito marcante porque coincidiu com a altura em que me reformei e em que os meus filhos estavam fora. Foram momentos que tive de lutar mais. " E 6 (L 91-95)	Superar luto

SENTIMENTOS E EMOÇÕES POSITIVAS	RESILIÊNCIA	"Tenho a doença de Buerger. Também já tive dois enfartes. Eu praticamente tenho 5 operações feitas e 2 enfartes. O último fez em Fevereiro 1 ano. Vá lá que fui a horas, fui de minibus para o hospital...O médico até me disse: como é que você conseguiu chegar cá? Fui logo às 7 horas da manhã, os bombeiros era uma mão cheia de dinheiro...Agora sinto-me bem" E 11 (L 50-55)	Superar problemas de saúde
		" (...) Tenho medicamentos para os enfartes, já tive 2, um com paragem, já morri e ressuscitei. (...) Quando acordei, lembro-me de ter dito aquele médico indiano, o Dr. S.: Dr. não me deixe morrer e ele respondeu-me, se não morreu, então, já não morre (ri)." E 2 (L63-66)	Superar problemas de saúde
SENTIMENTOS E EMOÇÕES NEGATIVAS	TRISTEZA	"Sinto pena de ser velha. Gostava de voltar atrás e fazer as coisas que fazia. Fico triste " E2 (L132-133)	Sentir-se com pena de ser velha, gostava de poder voltar atrás e fazer as coisas que fazia
		"Como lhe disse é a tristeza e quando estou triste é sobretudo à noite..." E7 (L94-95)	Sentir-se triste (noite)
		"Sinto-me triste, que eu era uma pessoa com muita vida. Agora sou outra pessoa" E8 (L 91-92)	Sentir-se triste (nada para fazer), Sentir-se triste (quando está sozinha)
		"Fico triste de não conseguir passar esta situação. Já tive casinhas boas, nunca morei assim...)" E13 (L85-86)	Sentir-se triste por não conseguir ultrapassar problema habitacional
	ABORRECIMENTO	"Quando estou parada, fico aborrecida" E 16 (L 63)	Sentir-se aborrecido (estar parada)
		"Sinto-me aborrecido, incapaz de resolver a situação, impotente, o que hei de fazer? mas não posso fazer nada. O facto de não poder fazer nada não nos tira a preocupação. É uma maneira de estar..." E5 (L53-55)	Sentir-se aborrecido (preocupações do trabalho)
		"Aborrecido, tenho que contrariar esse sentimento..." E9 (L56-57)	Sentir-se aborrecido (estar parado e não ter nada para fazer)

ANEXO 1_CLASSES E FRACÇÕES DE CLASSE

CLASSES E FRACÇÕES DE CLASSES (Sigla Significado)
Burguesia (B)
Burguesia Empresarial e Proprietária (BEP)
Burguesia Dirigente (BD)
Burguesia Profissional (BP)
Burguesia Dirigente e Profissional (BDP)
Pequena Burguesia (PB)
Pequena Burguesia Intelectual e Científica (PBIC)
Pequena Burguesia Técnica e de Enquadramento Intermédio (PBTEI)
Pequena Burguesia Independente e Proprietária (PBIP)
Pequena Burguesia Agrícola (PBA)
Pequena Burguesia Proprietária e Assalariada (PBPA)
Pequena Burguesia Agrícola Pluriactiva (PBAP)
Pequena Burguesia de Execução (PBE)
Pequena Burguesia de Execução Pluriactiva (PBEP)
Operariado (O)
Operariado Industrial (OI)
Operariado Agrícola (AO)
Operariado Industrial e Agrícola (OIA)
Operariado Pluriactivo (OP)

Fonte: Magalhães, D (2005), *Dimensão Simbólica de uma Prática Social: Consumo do Vinho em Quotidianos Portuenses*, Dissertação de doutoramento em Sociologia, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005, Anexos 5.11-5.13, pp. 835-836 e p. 479, nota 1072.

ANEXO 2_MATRIZ DE CONSTRUÇÃO DE LUGARES DE CLASSE

Grupo de Profissões Classificação Nacional de Profissões (CNP/94)	Situação na Profissão		
	Patrões	Trabalho por Conta Própria	Trabalho por Conta de Outrem
1. QUADROS SUPERIORES DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA, E QUADROS SUPERIORES DE EMPRESA	BEP	BP	BD
2. ESPECIALISTAS DAS PROFISSÕES INTELLECTUAIS E CIENTÍFICAS	BEP	B	PBIC
3. TÉCNICOS E PROFISSÕES DE NÍVEL INTERMÉDIO 3.3 outros	BEP	BP	PBIC PBTEI
4. PESSOAL ADMINISTRATIVO E SIMILARES Gestores, inspetores, chefes, encarregados e similares outros	BEP	PBIP	PBTEI PBE
5. PESSOAL DOS SERVIÇOS E VENDEDORES Ecónomos, governantas, chefes e similares Outros	BEP	PBIP	PBTEI PBE
6. AGRICULTORES E TRABALHADORES QUALIFICADOS DA AGRICULTURA E PESCAS Mestres e similares outros	BEP	PBA	PBTEI OA
7. OPERÁRIOS, ARTIFICES E TRABALHADORES SIMILARES Chefes, mestres, encarregados, e similares Outros	BEP	PBIP	PBTEI OI
8. OPERADORES DE INSTALAÇÕES E MÁQUINAS E TABALHADORES DA MONTAGEM Chefes, mestres, encarregados, e similares Outros	BEP	PBIP	PBTEI OI
9. Trabalhadores Não Qualificados 9.1. Encarregados, chefes e similares Outros de 9.1 9.2 9.3	BEP	PBIP PBIP PBA PBIP	PBTEI PBE OA OI

Fonte: Magalhães, D. (2005) *Dimensão Simbólica de uma Prática Social: Consumo do Vinho em Quotidianos Portuenses*, Dissertação de doutoramento em Sociologia, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005, Anexos 5.11-5.13, pp. 835-836 e p. 479, nota 1072.